



UNIVERSIDADE TIRADENTES

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES

**LEONARDO ALENCAR NUMA CONSTELAÇÃO
SERGIPANA**

**ARACAJU
2020**

NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES

**LEONARDO ALENCAR NUMA CONSTELAÇÃO
SERGIPANA**

Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestrado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação na linha de Educação e Formação Docente – Universidade Tiradentes.

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Vera Maria Dos Santos

**ARACAJU
2020**

C5121 Chaves, Natalina Bissaro Siqueira
Leonardo Alencar numa constelação sergipana / Natalina Bissaro
Siqueira Chaves; orientação [de] Prof.^a Dr.^a Vera Maria dos Santos –
Aracaju: UNIT, 2020.

144 f. il.: 30 cm
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tiradentes, 2020
Inclui bibliografia.

1. Biografia. 2. Intelectual. 3. Leonardo Alencar. 4. Arte. 5. Educação. I.
Chaves, Natalina Bissaro Siqueira. II. Santos, Vera Maria dos. (orient.). III.
Universidade Tiradentes. IV. Título.

CDU: 929:37(813.7) Alencar, Leonardo Alencar

NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES

**LEONARDO ALENCAR NUMA CONSTELAÇÃO
SERGIPANA**

Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestrado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação na linha de Educação e Formação Docente – Universidade Tiradentes.

APROVADO (A) EM:

BANCA EXAMINADORA:



Prof.^a Dr.^a Vera Maria Dos Santos (Orientadora)



Prof.^a Dr.^a Sonia Pinto de Albuquerque Melo (Membro Externo da Banca)



Prof.^a Dr.^a Ilka Miglio Mesquita (Membro Interno da Banca)

ARACAJU - 2020

Ao meu filho Diego, meu bem maior nessa vida.

AGRADECIMENTOS

No decorrer dessa caminhada agradeço especialmente a Deus pela vida, pela saúde, pela coragem, principalmente por me fortalecer e por não me deixar desistir.

À minha orientadora, Profa. Dra. Vera Maria dos Santos, por seus ensinamentos, pela tolerância, apoio, compreensão e por simplesmente me entender, e entender as minhas limitações e por nunca desistir de mim.

Ao Prof. George Emmanuel Nascimento Araújo pelo apoio incondicional nas discussões e reflexões sobre o tema e a Senhora Eliana, mãe do Prof. George, por toda a atenção e carinho.

A minha família, meu marido, Nilson Israel, pelo apoio constante, pela compreensão e paciência e por ficar próximo me incentivando. Ao meu filho Diego, meu presente de Deus nessa vida, por todo amor e nunca me permitir pensar em desistir. E principalmente por estar sempre perto de mim. Te amo filho, você é minha inspiração! Foi por vocês que segui em frente.

As minhas queridas irmãs, Maria Laura, Isabel, Maria, Neuza, Eliza, Maria Luiza, por acreditarem em mim e que, mesmo distantes, me acolhem, me ouvem, me acalmam e me estimulam a seguir adiante. E aos meus queridos irmãos Val, Silvio, Lauro e Roberto que também distantes com suas irreverências me fazem rir.

Aos professores do Mestrado, Profa. Dra. Andrea Karla Ferreira Nunes, Profa. Dra. Ilka Miglio de Mesquita, Profa. Dra. Cristiane Porto, Profa. Dra. Simone Amorim e ao coordenador do programa de Pós-Graduação Prof. Dr. Cristiano Ferronato, pelo acolhimento e carinho.

A Martuse, a minha companheira do mestrado, por sua amizade e parceria, a sua constante presença tornou mais leve essa trajetória. A Jaqueline, amiga e colega de mestrado por todo apoio e amizade. A Kelly, a Juliana e a Viviane pela atenção e carinho. Obrigada a todas por compartilharem comigo.

Às minhas amigas, Paula Tauana e Marcia pelo apoio incondicional. Sou muito grata pela amizade e por acreditarem em mim. Às essas lindas meninas que encontrei em diferentes momentos, e que fazem igualmente parte desse processo, Rita, Soane, Amélia, Eliodete, Isabela, Bianca, Nataline e Jady muito obrigada por todo carinho. Muito bom poder contar com cada uma de vocês.

Ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Tiradentes por me conceder uma bolsa de estudo, PROCAPS/UNIT, tornando possível a realização do curso de mestrado.

Especialmente a querida e inesquecível Professora Dra. Ada Augusta Celestino Bezerra (*in memoriam*), por todos ensinamentos, por ter tido o privilégio do convívio de sua existência pelo menos um pouquinho e aprender tanto com sua generosidade, afetividade e respeito à singularidade de cada ser humano que por ela passou, acolhendo sempre com palavras de valorização e amor. Sou muito agradecida por sempre ter acreditado em mim, e ao mesmo tempo fazer-me confiante que era capaz, dando-me a oportunidade de entrar no mestrado. Minha eterna gratidão.

Nada mais justo que agradecer a todos os familiares, amigos e colegas de Leonardo Fontes de Alencar. Foi por meio do depoimento lúcido e honesto de cada um deles que consegui trilhar os caminhos pelos quais esse artista andou.

Por fim, a memória de Leonardo Fontes de Alencar, pela sua trajetória profissional artística, intelectual e docente, pela integridade como homem consciente do mundo em que viveu e das responsabilidades de sua profissão e amor à Arte. Leonardo Alencar tem muitos caminhos ainda não elucidados que poderão contribuir muito com novos pesquisadores. Meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O objetivo geral desta investigação é compreender quem foi Leonardo Fontes Alencar, colocando em discussão suas marcas no tempo de artista plástico e professor pintor. Como objetivos específicos se elegem: compor a trajetória de vida de Leonardo Fontes Alencar e identificar como se deu o seu processo de formação artística e docente; e analisar a atuação do artista e professor Leonardo Fontes de Alencar tendo em vista sua repercussão nacional e internacional como artista. Para essa pesquisa, toma-se como objeto de estudo a formação/atuação docente de Leonardo Fontes Alencar no contexto da sociedade sergipano-baiana. Trata-se de uma biografia que projeta o personagem, localizando-o entre a década de 1940 até o ano de 2016, tempo de sua trajetória de vida. O marco teórico-metodológico apoia-se na abordagem biográfica de acordo com os estudos de Borges (2005). A pesquisa recorre ainda ao aporte teórico de autores como Gomes e Hansen (2016) sobre o conceito de intelectual; Chartier (1990; 2009), no que diz respeito às “representações sociais”; Dubar (2005), visando à compreensão do sentido de trajetória; e Sirinelli (2003) compreendendo o sentido de trajetória intelectual; para sociabilidade baseia-se nos estudos de Gomes (1993); e em Hobsbawm (1998) no fazer-se de si no tempo. As fontes de pesquisa documental foram os acervos que guardam produções de Leonardo Fontes de Alencar, a exemplo de museus, galeria de arte e institutos históricos, arquivos públicos, universidades, jornais e revistas de sua época que retrataram sua obra; destaca ainda procedimentos de coleta de dados por meio de entrevistas narrativas com pessoas que tiveram ligação com o artista (familiares do artista, amigos e ex-alunos). Conclui-se que Leonardo Fontes de Alencar não só consolidou-se como artista plástico reconhecidamente nacional e internacional, mas que através de sua arte e no prazer de ensinar e transmitir seus conhecimentos se fez professor, consolidando-se em sua trajetória como artista plástico, intelectual e professor, como professor de arte, “com afinidades para a educação inclusiva”.

Palavras-chave: Biografia. Intelectual. Leonardo Alencar. Arte. Educação.

ABSTRACT

The general objective of this investigation is to understand who Leonardo Fontes Alencar was, putting into question his marks in the time of artist and painter professor. The specific objectives are: to compose the life trajectory of Leonardo Fontes Alencar and to identify how his artistic and teaching formation process took place; and to analyze the performance of the artist and professor Leonardo Fontes de Alencar in view of his national and international repercussion as an artist. For this research, Leonardo Fontes Alencar's teaching training / performance in the context of Sergipe-Bahia society is taken as an object of study. It is a biography that projects the character, locating him between the 1940s and 2016, the time of his life trajectory. The theoretical-methodological framework is based on the biographical approach according to the studies by Borges (2005). The research also uses the theoretical contribution of authors such as Gomes and Hansen (2016) on the concept of intellectual; Chartier (1990; 2009), with regard to "social representations"; Dubar (2005), aiming at understanding the sense of trajectory; and Sirinelli (2003), understanding the sense of intellectual trajectory; for sociability it is based on the studies of Gomes (1993); and in Hobsbawm (1998) in making oneself in time. The sources of documentary research were the collections that hold Leonardo Fontes Alencar's productions, such as museums, art galleries and historical institutes, public archives, universities, newspapers and magazines of his time that portrayed his work; it also highlights data collection procedures through narrative interviews with people who had a connection with the artist (family members of the artist, friends and alumni). It is concluded that Leonardo Fontes de Alencar not only consolidated himself as a recognized national and international artist, but that through his art and the pleasure of teaching and transmitting his knowledge, he became a teacher, consolidating himself in his career as an artist, intellectual and teacher, as an art teacher, "with affinities for inclusive education".

Keywords: Biography. Intellectual. Leonardo Alencar. Art. Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -	Solicitação de pagamento para professores da UFBA -1969	46
Figura 02 -	Relação de depósito para professores da UFBA-1969	47
Figura 03 -	Leonardo Alencar. Pássaro da Esperança, S/D	50
Figura 04 -	Leonardo Alencar. Painel sem título, 1995	51
Figura 05 -	Leonardo Alencar. Painel Nascer do Som, 2012	52
Figura 06 -	Leonardo Alencar. O Painel de Boquim, 1985	53
Figura 07 -	Leonardo Alencar. Mural Restaurante Catavento, S/D	54
Figura 08 -	Capa do Livro, Galinha Cega, Mansinho e outros bichos, 2001	55
Figura 09 -	Capa do Livro, Bestiário da Poesia Brasileira, 2013	56
Figura 10 -	Leonardo Alencar, Palestra Centro de Criatividade, 2008	58
Figura 11 -	Exposição Coletiva de Arte, 1959	60
Figura 12 -	Livro de visitas da Exposição Coletiva de Arte, 1959, p.1	61
Figura 13 -	Livro de visitas da Exposição Coletiva de Arte, 1959, p.2	63
Figura 14 -	Leonardo Alencar. Desenho, S/D	65
Figura 15 -	Leonardo Alencar. Tela sem título, 1993	69
Figura 16 -	Leonardo Alencar. Tela sem título, 1995	70
Figura 17 -	Leonardo Alencar. Tela sem título, 2008	72
Figura 18 -	Leonardo Alencar no seu ateliê, S/D	72
Figura 19 -	Leonardo Alencar. Tela sem título, 1982	73
Figura 20 -	Leonardo Alencar. Tela sem título, 1984	74
Figura 21 -	Leonardo Alencar. Tela sem título, 2008	75
Figura 22 -	Leonardo Alencar. Tela sem título, 2010	76
Figura 23 -	Leonardo Alencar e o Casal Antonio Olinto e Zora Seljan, 1971	77
Figura 24 -	Leonardo Alencar, na Gallery Petit-Londres, 1971	78
Figura 25 -	Leonardo Alencar. Tela sem título, 2002	79
Figura 26 -	Menino Leonardo, S/D	87
Figura 27 -	Mapa de Sergipe, localizando Estância	88
Figura 28 -	Leonardo Fontes de Alencar e família, S/D	89
Figura 29 -	Livro de visitas da Exposição Coletiva de Arte, p. 2, 1959	93
Figura 30 -	Leonardo Alencar. Catadores de Massunim da praia 23 de julho, 1959	94
Figura 31 -	Painel Teatro Atheneu, 1960	95
Figura 32 -	Prédio “Jonathas Abott” sede da Escola de Belas Artes (EBA)- 1960	96
Figura 33 -	Bar Cacique em Salvador década de 1960	100
Figura 34 -	Ofício de Leonardo Alencar à EBA-UFBA, março/1970	104
Figura 35 -	Ofício do Diretor ao Reitor EBA-UFBA, março/1970	105
Figura 36 -	Ofício do Diretor ao Coordenador UFBA, agosto/1970	106
Figura 37 -	Ofício de Leonardo Alencar a EBA-UFBA – Setembro/1970	107
Figura 38 -	Vernissage na <i>Gallery Petit-</i> Londres, 1971	108
Figura 39 -	Vernissage em Paris, França, 1971	109
Figura 40 -	Exposição <i>Mar Afora</i> , 1985	115

Figura 41 -	Exposição Leonardo Alencar 30 anos de Arte, 1990	Ofício Capa	116
Figura 42 -	da Revista do PGE, 2009		118
Figura 43 -	Leonardo Alencar na exposição do lançamento da revista, 2009		119
Figura 44 -	Capa do Livro Estatuto do Idoso: Dignidade humana como foco, 2013		120
Figura 45 -	Leonardo Alencar. Paisagem Sergipana, S/D		121

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	Academia Sergipana de Letras
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNIC	Comissão Nacional de Incentivo à Cultura
EBA	Escola de Belas Artes
EN	Entrevista Narrativa
ENBA	Escola Nacional de Belas Artes
IHGS	Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
MAM/BA	Museu de Arte Moderna da Bahia
MAMB	Museu de Arte Moderna na Bahia
MAC	Movimento Cultural Antônio Garcia Filho
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNIT	Universidade Tiradentes
S/D	Sem data
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
USA	Estados Unidos da América
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PGE	Procuradoria Geral do Estado de Sergipe
CNIC	Comissão Nacional de Incentivo à Cultura

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Estado do Conhecimento	17
Quadro 02 - Diário de campo de visitas: relação da coleta de dados e locais visitados	30
Quadro 03 - Fases principais da entrevista narrativa	38
Quadro 04 - Mapeamento de críticos e jornalistas sobre a obra de Leonardo Alencar	80
Quadro 05 - Projeção de Leonardo Alencar nacional e Internacional	85

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Estudo da convicção dos fatos	23
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	ESTADO DO CONHECIMENTO	17
2	MARCO TEÓRICO-METODOLÓGICO	22
2.1	PROCESSOS OPERACIONAIS	23
2.2	DA NATUREZA E DA ÉTICA NA PESQUISA QUALITATIVA	24
2.3	FONTES DE DADOS: AMOSTRAGEM, SELEÇÃO E ACESSO	26
2.4	COLETA, REGISTRO, TRATAMENTO E MANUSEIO DE DOCUMENTOS	27
2.5	A CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS DE LEONARDO FONTES ALENCAR	32
3	ESTUDOS <i>A PRIORI</i> SOBRE TRAJETÓRIA	43
3.1	TRAJETÓRIA E TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE LEONARDO FONTES DE ALENCAR	43
4	LEONARDO ALENCAR: TERRA A DENTRO, MAR AFORA	84
4.1	PROJEÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL	85
4.2	BIOGRAFIA	87
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA NARRATIVA	133
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO	135
	APÊNDICE C – DISPOSIÇÃO DE GRÁFICOS DE CONVICÇÃO	136
	ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	141
	ANEXO B	142
	ANEXO C	143
	ANEXO D	144

1 INTRODUÇÃO

Por que Leonardo Fontes Alencar? Uma trajetória de vida inspiradora que por meio de sua arte projetou Sergipe no cenário nacional e internacional, cuja produção artística perpassou pelo impressionismo, a arte abstrata e o expressionismo. Um artista que se fez educador ao inspirar pela arte e pela via da docência outros sergipanos no mundo artístico. Aspectos que remontam a relevância deste estudo biográfico, possibilitando o reconhecimento de sua importância na história de Sergipe e no cenário artístico mundial. Nesse sentido, toma-se como objeto de estudo a formação/atuação docente de Leonardo Fontes Alencar no contexto da sociedade sergipano-baiana.

O interesse para investigar tal objeto surgiu durante o curso de mestrado, enquanto cursava a disciplina História da Educação, ministrada pela minha orientadora, a Profa. Dra. Vera Maria dos Santos. Após realizar algumas leituras, como *Território plural: a pesquisa em história da educação*, das autoras Ana Maria de Oliveira Galvão e Eliana Marta Santos Teixeira Lopes (GALVÃO; LOPES, 2010), passou-se a entender acerca da ampliação no reconhecimento de novos objetos de estudo.

Objetos esses que despertaram o interesse e motivaram a buscar um novo objeto que poderia pesquisar no curso de Mestrado em Educação, como por exemplo, fazer um estudo biográfico. Nesse sentido, a Profa. Dra. Vera Maria dos Santos apresentou-me alguns nomes que foram muito significativos para a história sergipana, e que não tinham visibilidade, principalmente no ambiente acadêmico. Dessa forma, esse percurso culminou na escolha do artista plástico e professor Leonardo Fontes de Alencar, de Estância, cidade localizada no litoral Sul do Estado de Sergipe, a 66 km da capital Aracaju.

O problema no qual esta pesquisa está embasada consiste no fenômeno do silenciamento/desvalorização dos artistas locais da cidade de Estância/SE. Aparentemente, com base nas pesquisas preliminares, entendeu-se que o povo Estanciano precisa reaproximar-se de sua própria história artística e enfim reeducar-se sobre ela. Fazer saber nas escolas, bibliotecas, espaços culturais e de visitação comum quem foram os seus nomes, é a tarefa de toda cidade que valoriza sua própria história, sua própria cultura, seu próprio legado.

Assim sendo, a presente investigação tem como foco um estudo sobre Leonardo Alencar, que foi considerado um artista inovador de grande contribuição para a história sergipana. Trata-se de uma biografia que deixa aflorar o personagem, localizando-o entre a década de 1940 (ano nascimento do biografado) até o ano de 2016 (falecimento).

Nesse sentido, ao pesquisar esse personagem, surgiram as seguintes inquietações: como se desenvolveu o processo de formação artística de Leonardo Alencar? Como ele se tornou professor, sendo ele um artista plástico? Qual sua repercussão no contexto nacional e internacional?

Com o intuito de responder a tais inquietações, o objetivo dessa pesquisa é compreender quem foi Leonardo Fontes Alencar, colocando em discussão suas marcas no tempo de artista plástico e de professor pintor. Os objetivos específicos são: compor um sentido de trajetória de vida de Leonardo Fontes de Alencar e identificar como se deu o seu processo de formação artística e docente; e analisar a atuação do artista e professor Leonardo Fontes de Alencar tendo em vista sua repercussão nacional e internacional como artista.

Assim, a pesquisa sustenta o seguinte pressuposto: que Leonardo Alencar foi um “intelectual criador” e um “intelectual mediador” por ter sido um artista criador e professor, além de ter sido um divulgador da cultura com sua arte e organizador de exposições das mesmas. O intelectual é entendido aqui a partir da noção de Gomes e Hansen (2016), para quem:

[...] um mesmo intelectual pode ser “criador” e “mediador”; pode ser só “criador” ou só “mediador”; ou pode ser “mediador” em mais de um tipo de atividade de mediação cultural, sendo seu valor conferido pelo reconhecimento de seu trabalho, quer pelo público, quer pelo próprio campo intelectual com o qual dialoga. Essas opções não devem ser consideradas posições fixas, do mesmo modo que não há identidades profissionais ou pessoais fixas e imutáveis. (GOMES; HANSEN, 2016, p. 21-22)

Gomes e Hansen (2016) indicam que o conceito de intelectual “São homens da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social”. As autoras desmistificam a ideia de que a figura do intelectual se assemelha à imagem de um gênio. Trata-se, portanto, de uma pessoa ou grupo de um conjunto diversificado de atores, professores, artistas, diretores de museus, curadores, pessoas da comunidade, agentes educadores de qualquer área, de qualquer lugar. Realizar um estudo sobre Leonardo Alencar

justifica-se pela importância de preservar a memória, de mostrar a participação desse sujeito no percurso do desenvolvimento cultural e educacional sergipano, principalmente para o público acadêmico, através de sua trajetória.

Nessa pesquisa, para a compreensão do sentido de trajetória, buscou-se apoio nos estudos de Dubar (2005a; 2005b;). E para o sentido de trajetória intelectual, em Sirinelli (2003). Recorreu-se ainda aos estudos realizados por Borges (2005) no que se refere à compreensão sobre uma pesquisa biográfica. Para o sentido de sociabilidade utilizou-se as ideias de Gomes (1993), Hobsbawm (1998) sobre o fazer de si no tempo, Jovchelovitch e Bauer (2002) para aplicação da entrevista narrativa e Bossi (1994), sobre estudos da memória.

Demonstram-se, ainda, as representações sociais e simbólicas através da trajetória de vida de Leonardo Alencar, uma vez que, a construção de um conhecimento histórico perpassa pela trama das representações. Quanto às representações, buscou-se fundamento nos estudos de Chartier (1990; 2009), o qual entende ser “uma operação de conhecimento que estabelece como central a possível inteligibilidade do fenômeno histórico, em sua realidade apagada, a partir do cruzamento de seus traços acessíveis”. A representação, assim, pode ser entendida como um:

[...] instrumento de um conhecimento mediato que faz um objeto ausente através de sua substituição de uma imagem capaz de reconstruí-lo em memória e de figurá-lo tal como ele é ou como uma relação simbólica que consiste na representação de um pouco de moral através das imagens ou das propriedades das coisas naturais. (CHARTIER, 1990, p. 20)

As memórias trazem uma reconstrução da história de vida de cada indivíduo pesquisado. As obras de Leonardo Alencar, que hoje estão à disposição, constroem as lembranças pelas representações que povoam a consciência dos sujeitos que a ele estiveram próximos. Sendo possível retomar os fatos, acontecimentos e personagens do passado por meio das imagens e memórias, permitindo que se tenha uma representação simbólica dos fatos e da identidade biográfica de Leonardo Alencar.

Nesse estudo, buscou-se ainda por trabalhos acadêmicos que pudesse situar a presente pesquisa a respeito do tema através do Estado do Conhecimento, apresentado a seguir.

1.1 ESTADO DO CONHECIMENTO

Através da pesquisa do “Estado do Conhecimento” buscou-se por produções científicas que tratam sobre a temática “biografia” nas bases de dados da plataforma de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), da Universidade Tiradentes (Unit) e da Universidade Federal de Sergipe (UFS), nos períodos de 2012 a 2018. Foram catalogadas 18 produções entre teses e dissertações que versam sobre a temática trajetória de vida e biografias relacionadas a personalidades intelectuais, professores e artistas. Desse total, foram selecionadas 04 produções que mais se aproximam da presente pesquisa.

Os trabalhos abaixo citados, além de ilustrar a temática, foram importantes para a construção desse estudo no que se refere à compreensão sobre o gênero biográfico, assim como as entrevistas narrativas.

Quadro 01 – Estado do Conhecimento

ANO	AUTOR	TITULO	METODOLOGIA
2014	Antônio Chagas Neto	Tornar-se Professor Particular de Violino: uma pesquisa biográfica	Pesquisa qualitativa e (auto) biográfica
2016	Silvia Maria Medeiros Caporale	Escrever e Compartilhar Histórias de Vida Como Práticas de (auto) Formação de Futuros Professores e Professoras de Matemática	Método biográfico, tendo os memoriais de formação – apropriados à pesquisa narrativa. – como fonte de dados
2018	Luiz Fernando Cajueiro dos Santos	O Gênero Biográfico no Ensino das Artes Visuais: a vida e a pintura de José de Dome (1955 – 1981)	Pesquisa de abordagem qualitativa e biográfica
2018	George Emmanuel do Nascimento Araújo	Histórias de Vida e de Formação dos Professores de Ópera	Pesquisa (auto) biográfica

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

De acordo com os quadros, Neto (2014), ao investigar como cinco violinistas profissionais se tornaram professores particulares de violino, a partir de fatos de suas histórias de vida que influenciaram nessa escolha, na sua dissertação intitulada *Tornar-se Professor Particular de Violino: uma pesquisa biográfica*, realizou um estudo de abordagem qualitativa como opção metodológica, utilizando-se da pesquisa (auto)biográfica, onde buscou trabalhar com as narrativas dos cinco professores particulares de violino, com idades entre 27 e 68 anos, da cidade de

Aracaju, Sergipe. Tomou-se, como referencial teórico, os conceitos de Bauman (2005) no que se refere à inserção dos professores no trabalho, Habermas (1995) que trata sobre o ciclo de vida dos professores e Nóvoa (1995) que aborda a relevância da (auto)biografia para uma melhor compreensão do ser professor. As questões referentes foram:

Como ocorreram os primeiros contatos com o estudo musical? Quais eram os objetivos iniciais para se iniciar o estudo do instrumento? Como tais profissionais se tornaram professores? Como ele vê o ensino particular de instrumento? O que ele pretende para seu futuro profissional? O ensino particular está incluso em uma perspectiva futura? (NETO, 2014, p. 13)

Caporale (2016), com objetivo de compreender a constituição das identidades docentes dos sujeitos a partir das histórias de vida, desenvolveu sua tese apoiada no método biográfico para construir a história de vida de professores de matemática. Tem como questões norteadoras: “Como o futuro professor de Matemática se constitui profissionalmente? E como as práticas formativas propiciam a (auto) formação docente?” Partiu do pressuposto de que a formação docente é um *continuum*, e a constituição profissional se dá nas interações, nas práticas refletidas e compartilhadas.

Esse estudo ajudou a presente pesquisa ao procurar compreender a constituição das identidades docentes dos sujeitos a partir das histórias de vida com base em Dubar (2005a; 2005b;), autor que também embasa a presente pesquisa em desenvolvimento. Uma das inquietações deste estudo também se refere em como o artista pesquisado, Leonardo Alencar, se tornou professor, e como se deu esse processo sendo ele um artista plástico? Caporale (2016) pode constatar que:

[...] as identidades dos sujeitos [professores de matemática] foram se definindo na constante tensão entre o que eles dizem que são (atribuição) e o que eles pensam e sentem ser (pertença). A identidade profissional também se define pela resiliência perante os desafios impostos pela profissão. (CAPORALE, 2016, p. 234, comentário nosso.)

Outro trabalho também sobre um artista plástico sergipano que chamou a atenção foi a tese de Santos (2018), intitulada *O Gênero Biográfico no Ensino das Artes Visuais: a vida e a pintura de José de Dome (1955 – 1981)*, têm por objetivo geral apresentar e colocar, em discussão, as contribuições estéticas e educativas da sua produção artística. O autor justifica essa pesquisa visando a contribuir com as

atividades educativas básicas, através do ensino das artes visuais, ao se produzir conhecimentos sobre a leitura de imagens artísticas e sobre a história da arte e dos seus produtores. Tem como questionamentos:

Como classificar a produção artística de José de Dome? Como analisar as imagens artísticas por ele produzidas, no cenário das artes visuais brasileiras? Como ler uma imagem artística? Verificar qual a importância do expressionismo e da arte afro-brasileira, na pintura de José de Dome, e quais os temas predominantes, no seu discurso visual? Como definir a pintura de José de Dome, de acordo com as perspectivas da arte moderna? (SANTOS, 2018, p. 13)

Santos, (2018), assim como no presente estudo, optou por desenvolver sua pesquisa de natureza biográfica, e para a entrevista, utiliza como instrumento a entrevista semiestruturada. Tem por fundamentação os pressupostos teóricos e metodológicos da história cultural, recorrendo aos estudos sobre o gênero biográfico realizado por Giovanni Levi (1992), Carlo Ginzburg (1989) e Norbert Elias (1996), Pierre Bourdieu (2001) e de Vavy Pacheco Borges (2005), a respeito da biografia.

As duas pesquisas investigam a vida de dois artistas plásticos sergipanos e estancianos. Porém distingue-se no foco de cada investigação, Santos (2018) visa à formação e atuação artística de seu biografado, enquanto que o presente estudo desenvolve uma investigação sobre a formação e atuação docente do artista plástico e professor Leonardo Alencar.

Outro estudo inspirador é o de Araújo (2018), na sua dissertação intitulada *Histórias de Vida e de Formação dos Professores de Ópera*, pela Universidade Tiradentes, Programa de Pós-Graduação em Educação. Tem por objetivos analisar a formação de um professor de canto lírico do gênero operístico por meio de suas (auto) biografias; analisar produção teórica sobre formação docente; e identificar pontos convergentes e divergentes entre essa produção teórica e as narrativas (auto) biográficas desses mesmos professores. O pressuposto da pesquisa é que ambos os universos - da ópera e da formação de professores de canto lírico do gênero operístico - apresentam a necessidade de renovação, embora com conteúdo de sentidos contrastantes em relação ao seu *status quo*. O autor optou pela metodologia Histórias de Vida, em uma abordagem (auto)biográfica. Também representa base deste estudo as teorias e práticas na área de formação do professor, com Nóvoa (1995). Tem como questionamentos:

Como se dá a formação dos professores de canto lírico do gênero operístico ao longo de suas vidas? Como é o relacionamento entre o eu pessoal e os selfs profissionais de cantor de ópera e a de professor de ópera no mesmo corpo/ser humano? (ARAÚJO, 2019, p 23)

Nesse estudo, o autor chama a atenção para uma “particularidade da pesquisa (auto)biográfica: o objeto (as narrativas das histórias de vidas) também partem e representam (são) o próprio sujeito” (ARAÚJO, 2019, 25).

Essa leitura inspirou a autora do presente estudo a utilizar como instrumento para as entrevistas nessa investigação, os procedimentos da entrevista narrativas baseados nos estudos de Jovchelovitch e Bauer (2002), pois conforme Araújo (2019), diz ter encontrado nos procedimentos da entrevista narrativa boa sumarização das técnicas, regras, e percalços do *modus operandi* de como se dão esses tipos de entrevista. Essa forma de entrevista é definida “como não estruturada, pois não segue uma diretividade restrita no que diz respeito ao planejamento de questionários de formato pergunta-resposta”. (ARAÚJO, 2019, p. 50).

Assim, com tais objetivos a proposta desta dissertação está desenvolvida em quatro seções: A primeira seção é dedicada para a apresentação do objeto de estudo, o objetivo geral e os específicos, o referencial metodológico, o tema, o pressuposto, a base teórica e os conceitos e noções utilizados, o Estado do Conhecimento e como a dissertação está estruturada.

A segunda seção dedica-se ao marco teórico-metodológico da pesquisa, apresentando os processos operacionais; a natureza da pesquisa; as fontes de dados: amostragem, seleção e acesso; coleta, registro, tratamento e manuseio de documentos; os sujeitos pesquisados; a construção dos personagens de Leonardo Alencar; discute ainda a Entrevista Narrativa (EN) segundo Jovchelovitch e Bauer (2002), Memória segundo Ecléa Bosi (1994) e o método biográfico conforme Borges (2005).

A terceira seção, intitulada de Estudos *a Priori* Sobre Trajetória, realizará uma discussão teórica sobre o sentido de *trajetória*, *trajetória intelectual* e *sociabilidade* segundo autores mencionados anteriormente.

A quarta seção reúne o resultado de toda a busca realizada pela pesquisa. Através de uma tabela o leitor terá uma noção a respeito da dimensão da projeção a nível nacional e internacional de Leonardo Alencar. Apresenta a biografia do artista

com o objetivo de identificar como se deu o seu processo de formação na Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia (UFBA), sua experiência na educação como professor desta mesma instituição. Será abordada ainda a passagem do artista pela Europa onde morou por quatro anos em Londres.

Faz-se necessário esclarecer que no decorrer desse trabalho são apresentadas figuras das obras de Leonardo Fontes de Alencar e eventos em que o artista foi protagonista, e vale ressaltar que não se tem a intenção ou pretensão de analisá-las, tendo apenas como objetivo ilustrar os temas discutidos. Ressalta-se ainda, que a maioria das obras (telas, painéis, murais, xilogravuras e desenhos), teve-se dificuldade de encontrar os títulos das mesmas.

2 MARCO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Nesta seção, evidencia-se todo o processo e sub-processos metodológicos desenvolvidos durante a pesquisa. Aqui se apresentará o desenho dos padrões aplicados a fim de tornar o fazer científico biográfico mais sustentável.

Nos *Processos Operacionais*, apresenta-se um gráfico criado para melhor lidar com os fatos e informações coletadas. Na subseção “*Da natureza e da ética na pesquisa qualitativa*”, caracteriza a abordagem da presente investigação. Em “*Fontes de dados: amostragem, seleção e acesso*”, descreve a busca pela coleta de dados documentais e os procedimentos para seleção dos participantes da pesquisa.

Na subseção, “*Coleta, registro, tratamento e manuseio de documentos*”, descrevem os procedimentos e instrumentos utilizados nos documentos coletados e no registro de entrevistas. Apresenta também os sujeitos pesquisados e a proximidade com o biografado. Disponibiliza ainda um “Diário de campo” que reúne as informações do percurso da pesquisadora para levantamento de dados necessários à construção da biografia de Leonardo Alencar.

Na sequência, apresenta “*A construção dos personagens de Leonardo Alencar*”, os quais foram construídos considerando dois eixos de tensão: a vida profissional e pessoal de Leonardo Alencar.

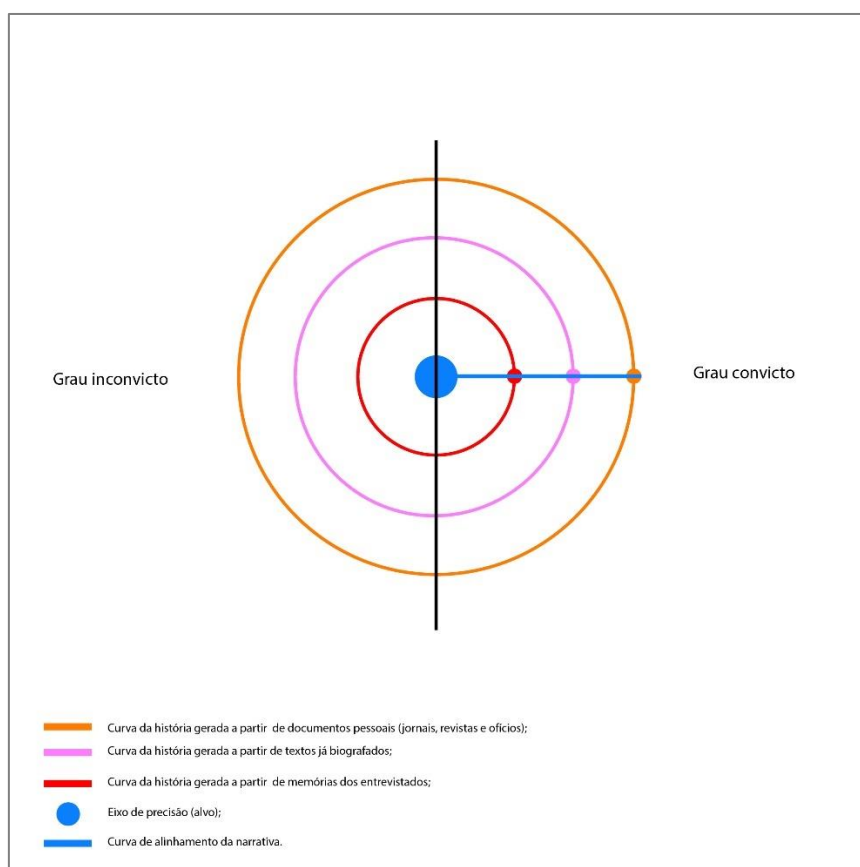
Na parte teórica, apresenta discussões em torno da “Entrevista Narrativa” baseada nos estudos de Jovchelovitch e Bauer (2002) que a consideram como um instrumento de coleta de dados. Discutem-se ainda os estudos de Ecléa Bosi (1994), que destaca que a “memória permite a relação do corpo presente com o passado e, interfere no processo atual das representações”. Finalmente apresenta também considerações sobre “O método biográfico” segundo os estudos da historiadora Vavy Pacheco Borges (2005).

2.1 PROCESSOS OPERACIONAIS

Nessa subseção, o Gráfico 01 diz respeito aos dois sub-processos operacional criado para “tecer” os eixos de tensão da narrativa e de como lidar com os fatos e informações coletadas nos documentos e entrevistas.

O Gráfico 01, representa a organização dos fatos históricos originados a partir das fontes de dados disponíveis (documentos pessoais, biografias já existentes e as memórias coletadas das entrevistas). Tais fatos estão distribuídos de modo a se observar o alinhamento entre eles. No exemplo abaixo, percebe-se que os três círculos estão divididos bilateralmente, entre grau de convicto e inconvicto a respeito da afirmação (centro azul). Quando os pontos de cada círculo estão localizados na extrema direita, sinalizam que as fontes se demonstraram convictas em relação à informação. Inversamente, quando algum ponto está posicionado na esquerda, as fontes se demonstram ou foram tidas como inconvictas.

Gráfico 01 - Estudo da convicção dos fatos



Fonte: Arquivos da autora.

Muitos fatos e afirmações que surgiram passaram por esse processo de estudo de convicção antes de serem incluídos nas biografias.

Na estruturação dos *arcos da narrativa*, a construção foi constante e só foi concluída no final desta investigação. Que é, pois, um arco de narrativa? A estrutura de arco clássica (início, meio e fim) foi proposta por Aristóteles na Grécia antiga. Constituíam-se de um início ascendente, a estabilização no pico (onde o clímax se daria) e o decréscimo em direção ao desfecho, em que os eixos de tensão seriam todos liberados. Contudo, uma história de vida apresenta diversos níveis e ondas de altos e baixos, o que acaba deixando os arcos mais complexos. Traçar os arcos da vida requer tempo e muito mais estudo sobre a história em questão. Por este motivo, definimos os arcos da narrativa da trajetória de Leonardo Alencar em 2 eixos principais, a fim de guiar nosso olhar pelas tessituras¹ mais comuns da narrativa de sua vida pessoal e profissional.

2.2 DA NATUREZA E DA ÉTICA NA PESQUISA QUALITATIVA

A presente investigação se caracteriza de natureza qualitativa, que “busca uma particular compreensão daquilo que estuda: o foco da sua atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados” (FLICK, 2009). Segundo Creswell (2010) pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento além de múltiplas fontes de dados,

Os pesquisadores qualitativos geralmente coletam múltiplas formas de dados, tais como, entrevistas, observações e documentos, em vez de confiarem em uma única fonte de dados. Depois examinam todos os dados, extraem sentidos deles e os organizam em categorias ou temas que cobrem todas as fontes de dados. (CRESWELL, 2010, p. 208)

Partindo desses pressupostos e relevando as abordagens que convergiram para a construção desta pesquisa, a história de vida e a trajetória profissional do artista e professor Leonardo Alencar foram reconstruídas a partir da consulta de

¹Tessituras: conjunto de cenas e fatos que melhor convém à uma biografia. (italiano tessitura) substantivo feminino1. [Música] Disposição das notas musicais para se acomodarem a certa voz ou instrumento.; 2. [Figurado] Contextura; organização. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa – Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/tessitura>

documentos escritos, das entrevistas narrativas, fotografias e obras existentes do artista. Isso possibilitou a elaboração de sua biografia, atendendo, assim, ao procedimento metodológico de uma pesquisa qualitativa de abordagem biográfica para a composição desse trabalho.

Conforme os procedimentos da abordagem biográfica, a vida de um indivíduo pode ser investigada, por meio das “vozes” que nos chegam do passado, dos fragmentos de sua existência que ficaram registrados, ou seja, por meio das chamadas fontes documentais. Assim, nessa pesquisa se voltou para o mapeamento dos vestígios deixados pelo personagem Leonardo Alencar, que possibilitou reconstruir sua trajetória, em documentos como: jornais, revistas, carta ofício, cadernetas escolar, homenagens entre outros.

Para tanto, foram consultadas fontes diversas que possibilitaram a realização da pesquisa. Inicialmente, foram acessados dados por meio de sites, como *blogs*,² nos quais foi encontrada, uma infinidade de informações que tentam retratar o artista e que acabaram por contribuir no apontar de alguns caminhos percorridos na coleta dos dados.

O historiador Benito Bisso Schmidt (2014) esclarece que no âmbito do conhecimento histórico, a área que, em razão de suas características intrínsecas, mais tem produzido reflexões sobre ética é a história oral. Afinal, seus praticantes pesquisam seres humanos “vivos” e, seguidamente, seus projetos são submetidos aos comitês de ética das universidades e agências de fomento à pesquisa.

Para além desse aspecto institucional, contudo, tais investigadores, que algumas vezes também produzem biografias, podem trazer contribuições valiosas aos historiadores biógrafos em geral. Segundo o historiador, Alessandro Portelli (1997) - um dos grandes expoentes da história oral na atualidade - ao discutir sobre ética, afirma que na base desse cuidado, coloca-se um princípio ético bastante subjetivo: o respeito, diz o autor: “[...] tenho um compromisso comigo mesmo de não usar o material da entrevista de formas, que possam prejudicar a pessoa de quem o obtive, nem de a ela desagradar”. (PORTELLI, 1997, p. 13-4). Poderíamos sem dúvida substituir, nesta frase, as palavras “o material da entrevista” por “o material pesquisado para construir uma biografia”. (SCHMIDT, 2014, p.141).

²*Blogs* são páginas on-line, atualizadas com frequência, que podem ser diários pessoais, periódicos ou empresariais. Dessa forma, são formas de comunicação de pessoas e de instituições com o mundo. <https://rockcontent.com/blog/o-que-e-blog/> acesso em mai/2019.

Sendo assim, o respeito ao participante também é um dos princípios da presente pesquisa, além da garantia de privacidade e da liberdade de desistir de sua participação e de que os dados fornecidos só serão publicados com sua autorização.

2.3 FONTES DE DADOS: AMOSTRAGEM, SELEÇÃO E ACESSO.

A gama de documentos consultados para fim dessa pesquisa incluiu retalhos de jornais físicos, jornais digitalizados, recortes de revistas e ofícios de universidades federais (esses dois últimos provenientes de acervo pessoal do Leonardo Alencar), livros biográficos, *blogs*, *sites*, portfólio *on-line* do próprio Leonardo e dicionários.

Na coleta de dados documental³, o livro de visitas da Exposição Coletiva de Artes, realizada no Palácio Olimpo Campos, foi encontrado no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS) em Aracaju. Datado do dia 29 de março de 1959, o documento registrou a presença dos visitantes da primeira exposição de Leonardo Alencar. A exposição ficou aberta por trinta dias e no livro constam 3.011 assinaturas.

De acordo com os procedimentos metodológicos da abordagem biográfica, Borges (2005) diz haver diferentes tipos de biografias, um em especial, que o pesquisador invade a intimidade até mesmo de uma pessoa desaparecida, a autora denomina-o de “um mergulho na alma do biografado”, isso ocorre por meio dos documentos da “escrita de si” ou da “produção de si”, que seriam:

[...] memória ou a tradição oral familiar; memórias, autobiografias, ego-história, correspondência (ativa e passiva), diários; entrevistas na mídia (orais e escritas ou em filmes, vídeos); os chamados objetos da cultura material: fotos, objetos pessoais, a biblioteca etc, que alguns chamam de "teatro da memória". A própria vida do biografado fornecerá pistas para outras fontes, como sua produção no campo da arte, da indústria, da política, da ciência etc. (BORGES, 2005, p. 213-214).

A luz das memórias de pessoas em seu círculo familiar (ex-esposa, filha, irmão, ex-cunhada e esposa) como também amigos, colegas, ex-alunos e

³ Os documentos encontrados no acervo particular da filha de Leonardo foram digitalizados fazendo uso de uma máquina fotográfica *Cannon 77D*, com resolução máxima de 24 *Megapixels*, dimensões 6000x4000px em modo automático e sem uso de *flash* e luz contínua, fazendo uso de rebatedor branco. Após procedimento de registro, os objetos passaram por tratamento de imagem digital no *software Adobe Photoshop CC 2019*. Todos os documentos foram manuseados com luvas de látex. A biógrafa fez uso de máscaras antiácaros.

conhecidos foram realizadas entrevistas na expectativa de identificar as representações sobre Leonardo Alencar quanto à sua atuação como educador e artista. A proximidade dos sujeitos com o artista condiz com o critério de que eles puderam contribuir, com a rememoração da sua história de vida, a reconstrução da trajetória de vida, do eu pessoal e profissional de Leonardo Alencar.

O procedimento de coleta para as entrevistas, foi através de uma seleção dos possíveis participantes, tendo como critério de inclusão o nível de proximidade com o biografado Leonardo Alencar, conforme já citado acima. E como critério de exclusão, o participante que apresentou alguma dificuldade de comunicação por motivo de doença. *E.g.*: mal de *Alzheimer*, labirintite, entre outros. Também foi critério de exclusão, em função do orçamento da pesquisa, o participante que apesar de ter tido proximidade, depois de selecionado, descobriu-se que está morando em outro estado e assim, necessitou de custos adicionais para a entrevista, e por o mesmo apresentar um quadro de *Alzheimer* em estado bem avançado não foi possível realizar a entrevista utilizando um meio tecnológico, como *e-mail* ou videoconferências via software *Skype*.

2.4 COLETA, REGISTRO, TRATAMENTO E MANUSEIO DE DOCUMENTOS

Durante a coleta de dados documental, foi possível localizar familiares do artista, a *e.g.* no IHGS, a Presidente do Instituto, Profa. Aglaé Dávila Fontes. A Professora Aglaé é ex-cunhada de Leonardo Alencar, e de seu acervo pessoal conseguiu-se fotos de importantes períodos da vida do Leonardo.

Ainda através da Profa. Aglaé localizou-se a família de Leonardo, sua ex-esposa Fátima Maria Dantas, sua filha Eurydice Dantas de Alencar e as netas, Carla Dantas de Alencar Santana e Marcela Dantas de Alencar Messias. Nessa visita, teve-se acesso a importantes registros sobre a vida principalmente artística de Leonardo, que a filha, Eurydice, teve o cuidado de preservar. Uma pasta catálogo organizada pelo próprio artista, que escolheu e selecionou: fotos, cópia do *curriculum vitae*, recortes de revistas e jornais com depoimentos de artistas plásticos, jornalistas, amigos, críticos de arte, que falam sobre a sua produção artística. Continua, ainda, cartas ofícios sobre sua atuação de professor nas Artes Visuais na Escola de Teatro da UFBA em 1969 e 1970, provavelmente com a

intenção de preservação de sua própria biografia. Teve-se acesso também a fotos e obras do início da carreira do artista.

Depois de selecionar e contatar os possíveis participantes realizou-se entrevistas com as seguintes pessoas: Professora Aglaé Dávila fontes, ex-cunhada de Leonardo Alencar, que foi casada com seu irmão Clodoaldo Fontes de Alencar. O local da entrevista foi o IHGS. Outra participante foi a ex-esposa do artista, Fátima Maria Dantas, acompanhada de sua filha, Eurydice Fontes de Alencar. Essa participante concedeu a entrevista na residência de sua filha, onde foi possível ter acesso a arquivos pessoais, fotos e obras do artista no acervo da filha. Nesse encontro, a filha, Eurydice, concordou em fazer um depoimento sobre seu pai como educador.

O autor e diretor teatral Isaac Enéas Galvão, amigo de Leonardo e que foi também diretor do Centro de Criatividade no período que Leonardo foi professor nessa instituição, também participou. A entrevista foi realizada em seu local de trabalho, no Arquivo Público do Estado.

Outro participante foi o Professor Juarez Paraiso, artista plástico, professor e orientador do Programa de Pós Graduação da UFBA. Na década de 1960, quando Leonardo chegou a Salvador, o Prof. Juarez já era professor na Escola de Belas artes dessa Universidade, em suas palavras “todos nós, alunos e professores, estávamos em formação”. Sua entrevista foi no salão de reuniões na Escola de Belas Artes em Salvador-Ba.

A Professora Izabel Catarine Suzart Argolo, docente e artista visual na Escola de Belas Artes, foi aluna de Leonardo Alencar em um curso de extensão nessa mesma escola na década de 1980. Sua entrevista foi na biblioteca da escola.

Racylda Aragão de Alencar, viúva do artista, foi outra participante, que recém retornou para a residência que viveu com Leonardo, e onde funcionava seu atelier. E nos últimos anos também foi local dos cursos de arte que Leonardo ministrava. O Atelier de Leonardo, a biblioteca, continuam como o artista deixou. A entrevista ocorreu nesse local, nesse cenário onde as lembranças, para essa informante, afloraram com todas as emoções vividas em um tempo não muito distante.

Os entrevistados fizeram suas narrativas rememorando suas vivências pessoais e profissionais com o artista e professor Leonardo de Alencar. Realizadas as entrevistas, procedeu-se a transcrição delas.

Todos os participantes tiveram ligações próximas com Leonardo em momentos diferentes ou concomitantes. Profa. Aglaé é profissional da área da educação, hoje é presidente do IHGS, porém, foi por muitos anos diretora do Centro de Criatividade de Aracaju, onde Leonardo foi professor, assim como Sr. Isaac, ator e diretor teatral, que também foi diretor do Centro de Criatividade na década de 1980, portanto pessoas ligadas a atividades artísticas, educacionais e culturais. Fátima, sua primeira esposa, trouxe muito esclarecimento do início da carreira de Leonardo, principalmente de sua chegada em Salvador e sua passagem pela Europa.

O Prof. Juarez Paraiso, é artista plástico e professor universitário, foi professor de Leonardo na Escola de Belas Artes na Universidade Federal da Bahia (EBA-UFBA), na década de 1960. Seu testemunho foi esclarecedor sobre a formação de Leonardo na Escola de Belas Artes e sobre as relações que ajudou o artista plástico em sua projeção nacional e internacional. Outro depoimento muito importante foi da Professora Izabel Catarine, docente e artista visual, que foi aluna de Leonardo na década de 1980, em suas lembranças mais fortes desse artista como professor, foram “o respeito à liberdade de expressão de seus alunos”. A Sra. Racylda é professora, companheira de Leonardo desde 1982, foi sua esposa e *marchand*⁴, relatou sobre um Leonardo mais maduro, mais tranquilo que se dedicou além de sua arte, à educação artística de crianças e jovens em seu próprio atelier.

As buscas pelos vestígios e pelos participantes foram um desbravamento pelos lugares públicos de pesquisa disponíveis em Aracaju. Mas o nome Leonardo Alencar, foi um nome no qual pelo menos uma pessoa, em cada lugar que se passava, sabia quem era ou de onde se poderia obter informação. Assim, a cada contato conseguia-se outro e assim por diante. Leonardo deixou marcas. Através dos depoimentos, possibilitou-se entrever suas vivências em Aracaju, na Escola de Belas Artes em Salvador, seu início de carreira, as exposições, sua passagem por Londres, sua determinação em se consolidar como um artista plástico, o professor Leonardo que acima de tudo queria transmitir para os jovens a sua arte.

Para sistematizar as entrevistas, apresenta-se o diário de campo, o qual consta informações sobre o percurso da pesquisadora para levantamento de dados necessário à construção da biografia de Leonardo Alencar.

⁴ Marchand, [marchã] (palavra francesa) substantivo masculino: Pessoa que negocia obras de arte. Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/marchand>>.

Quadro 02 - Diário de campo de visitas: relação da coleta de dados e locais visitados

Data	Dado coletado/Registrado	Local de Coleta Documental	Local de Registro	Contato	Participante que emergiu	Relação intimidade e distanciamento Leonardo Alencar
10/01/2019	Foto do painel - Morte e Ressurreição de Jesus Cristo - s/d.	Igreja São José	-	Sra. Izaltina	-	-
10/01/2019	Não há obras do artista nessa galeria.	Galeria Álvaro Santos	-	Sra. Adenil	Profa. Aglaé (Ex-cunhada de Leonardo e Presidente do IHGS)	Ex-cunhada
10/01/2019	Informações sobre a família de Leonardo.	IHGS	-	Profa. Aglaé	- Clodoaldo Alencar - Eurydice Dantas de Alencar - Fátima Maria Dantas de Alencar	- Irmão - Filha - Ex-esposa
10/01/2019	Fotos de obras do artista	Galeria Jenner Augusto	-	Gerente Ana Paula	- Mario Brito	- Amigo e escritor
16/01/2019	Recortes de jornais sobre exposições de Leonardo.	Arquivo Público Municipal de Aracaju	-	Rita de Oliveira	-	-
06/02/2019	Entrevista	-	Unit	Eunice	-	Ex-aluna
26/02/2019	- Fotos - Livro-catálogo com obras do artista	IHGS	-	Profa. Aglaé	- Racylda Aragão de Alencar - Amaral Cavalcante - Ilma Fontes - Eugenia Teixeira	- Viúva - Amigo e jornalista - Amiga - Prima
19/03/2019	Não há obras do artista neste Museu	Museu da Gente Sergipana e	-	-	-	-
09/04/2019	Entrevista	-	IHGS	Profa. Aglaé	-	-
10/04/2019	Agendamento de Pesquisa em arquivo	Academia Sergipana de Letras	-	Marcia (secretária)	-	-
10/04/2019	Recortes de Revistas com notícias/criticas sobre o artista	IHGS	-	Atendente	-	-
11/04/2019	Obra sobre o autor "Metáfora dos Arlequins" de José Anderson do Nascimento	IHGS	-	Atendente	-	-
14/04/2019	- Entrevistas - Fotos - Uma pasta arquivada contendo um dossiê do artista	-	Residência de Eurydice Dantas de Alencar (filha)	- Eurydice Dantas de Alencar - Fátima Dantas de Alencar	-	Ex-esposa e Filha
08/05/2019	- Termo de posse do Professor Leonardo Alencar no Movimento Cultural Antônio Garcia Filho - Ata de Reuniões.	Academia de Letras Sergipana	-	Marcia (secretária)	-	-
22/05/2019	- Recibos e registro de frequência de professores.	Centro de Criatividade	-	Sr. Aurélio - aux. Adm.	Isaac Enéas Galvão	Amigo Artístico e educacional
28/05/2019	Havia uma única obra do artista, sem	Museu da Alfandega	-	Atendente	-	-

	permissão para fotos.					
28/05/2019	Recortes biográficos sobre o artista no Livro "Um sentir sobre as artes visuais em Sergipe" de Mário Brito.	Biblioteca Mário Cabral	-	Atendente	-	-
28/06/2019	Entrevista	-	Arquivo Público Estadual	Autor e diretor teatral Isaac Enéas Galvão	Racylda Aragão de Alencar	Viúva
16/07/2019	- Cadernetas de presença do artista nas disciplinas cursadas na EBA. - Recorte biográfico: - Dicionário de Artes Plásticas no Brasil. - Livro "A gravura na Bahia".	Escola de Belas Artes da Bahia	-	Profa. Nanci	- Prof. Juarez Paraiso - Profa. Izabel Catarine Suzart Argôlo	- Professor e Amigo Ex-aluna
16/07/2019	Entrevista	-	Escola de Belas Artes da Bahia	Prof. Juarez Paraiso	-	Professor e amigo
16/07/2019	Entrevista	-	Escola de Belas Artes da Bahia	Profa. Izabel Catarine Suzart Argôlo	-	Ex-aluna
06/08/2019	Entrevista	-	Residência de Racylda Aragão de Alencar	Racylda Aragão de Alencar	-	Viúva
24/09/2019	Não há obra ou registro do artista nessa biblioteca.	Biblioteca Pública Epiphany Dória	-	Atendente	-	-

Fonte: Composição da autora.

O quadro *supra*, disponibiliza os caminhos pelo qual passou a pesquisadora em buscas das marcas de Leonardo como: obras, documentos, jornais, biografias, fotos e os registros das entrevistas. Mostra ainda o critério adotado para as buscas e seleção dos participantes, motivo pelo qual este "Diário de Campo" acompanha a subseção dos "Sujeitos pesquisados", que foram emergindo na medida em que entrava em contato com um possível participante. Como o primeiro contato foi com a professora Aglaé que é ex-cunhada de Leonardo, a primeira participante selecionada foi a própria Professora Aglaé.

A partir da entrevista com a professora, foi feita uma relação dos familiares e pessoas (amigos e colegas profissionais) próximos a Leonardo. Como já mencionado na subseção anterior, a cada participante que a pesquisadora entrava em contato, ganhava mais indicações de outras pessoas que podiam contribuir para a pesquisa. Segundo Giddens (1991), é através da proximidade que as relações de confiança e intimidade se constroem e se constituem. Em uma relação de intimidade

e de amizade, os parceiros são escolhidos voluntariamente entre uma diversidade de possibilidades. E é pela proximidade normalmente necessária que se desenvolvem relações íntimas. E da mesma forma, segundo o autor, a confiança também é o elemento básico para o distanciamento no tempo e espaço. (GIDDENS, 1991).

Inicialmente foi feito um roteiro de visitas para a coleta de dados. E em todos os lugares visitados a pesquisadora foi bem recepcionada. O IHGS, o Arquivo Público Municipal e a Biblioteca Mário Cabral são lugares efetivos de pesquisa. No IHGS, além da Profa. Aglaé, a qual prestou total assistência, foi recebido apoio e atenção de todo pessoal que ali trabalhava. Importante ressaltar a atenção e ajuda do Prof. Sotero. Do mesmo modo, no Arquivo Público Municipal, a Sra. Rita, funcionário deste local de pesquisa, foi incansável em buscas por mais documentos.

Na Academia Sergipana de Letras, no Centro de Criatividade e na Escola de Belas Artes em Salvador, foram outros lugares onde se obteve apoio e assistência incondicional. Nos museus ou bibliotecas por onde se passou, apesar de não encontrar obras de Leonardo expostas, todos que ali trabalhavam conheciam o nome do artista. Mas é importante esclarecer que foi encontrada obra de Leonardo exposta apenas no Museu da Alfandega, a qual, não foi permitida fotografar. Nessas buscas e nesses encontros a pesquisadora conheceu lugares, conheceu pessoas e principalmente conheceu um pouco da cultura sergipana.

2.5 A CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS DE LEONARDO FONTES ALENCAR

Os elementos importantes para a construção dos personagens de Leonardo Fontes Alencar partiram das memórias, das entrevistas narrativas e da aplicação do método biográfico. Nesta subseção, apresenta-se a discussão a respeito destes três elementos.

Beth Brait (1987) no seu livro *A Personagem*, no capítulo VI, fala sobre “A construção da personagem” e como o narrador tem uma função primordial na caracterização delas. Narrador este que pode estar em terceira ou primeira pessoa. A autora compara o narrador na terceira pessoa a uma câmera privilegiada que vai construindo por meio de pistas fornecidas pela narração, pelas descrições e pelo diálogo o perfil das personagens que transitam pela intriga e simbolizam o mundo que quer retratar.

Em outras palavras, o narrador em terceira pessoa não é um ser que está vivenciando a história, mas um elemento que está de fora, observando tudo o que vai acontecendo e que vai encaminhando o enredo, atuando como se fosse um elemento distante dos personagens, colocando-se apenas como um relator de tudo o que acontece, não tendo envolvimento com nenhum personagem. Em suma, apenas observa a história e relata os fatos como ações, tempo e espaço.

Nesse sentido, para a construção dos personagens de Leonardo, adotou-se o narrador na terceira pessoa. Essa construção foi através de uma busca, uma escuta, um sentir. Foi seguindo as pistas através de leituras das biografias, notícias e reportagens, coletando lembranças das pessoas que se dispuseram em participar com suas narrativas. Pôde-se assim, construir os personagens que compõem a biografia de Leonardo Alencar, pois conforme Brait, “a personagem não existe fora das palavras” (BRAIT, 1987, p. 11).

Nesse sentido, criando dois eixos de tensões para a narrativa dos personagens profissionais e pessoais de Leonardo, que se alternam em pontos altos e baixos conforme suas conquistas/frustações apresenta-se sua biografia. Apropriando-se da fala da autora, quando diz que a personagem não existe fora das palavras, o personagem Leonardo menino será de palavras a partir dos depoimentos dos participantes, pois não se encontrou fontes que retratassem Leonardo criança, nesse sentido, pode-se dizer que Leonardo foi um menino introspectivo, que gostava muito de leituras, e como toda criança introspectiva, explorava seu interior e assim, através das revistas em quadrinhos, despertou-se para a arte e seu talento para o desenho.

Perpassando pela adolescência, pode-se entrever através das narrativas um Leonardo sonhador, impetuoso, determinado e que desde já sabia o que queria: ser um artista. Leonardo, desde sua adolescência já era um galante conquistador, e como tal, na transição da adolescência para a juventude já vivia seu primeiro romance.

Visualizou-se no jovem e adulto Leonardo um desbravador, que conquistou seu lugar como artista plástico no Brasil e no mundo. Deflagrou-se que como todo ser humano, através das narrativas, no adolescente, no jovem e no homem maduro

seus lados menos admiráveis, um certo egocentrismo e malandragem⁵, que ao mesmo tempo encantava, quem com ele conviveu.

Com relações a esses lados menos admiráveis, trouxe muitas dúvidas e muito receio de expor certas características que foram possíveis de visualizar nesses personagens. Inicialmente, por parte da biógrafa, houve receio de “arranhar ou flagelar” a imagem que Leonardo deixou, como exemplo: um boêmio, que em nome de seus prazeres, esqueceu ou negligenciou alguns compromissos de bom marido ou pai zeloso. Pode-se sentir no Leonardo certo egocentrismo, em nome da fama ou de uma projeção, dedicou-se de forma muito intensa a sua arte, deixando mais uma vez o compromisso familiar em segundo plano, mostrando como diz Jung (1986):

A dotação psíquica do talentoso se situa entre contrastes muito amplos. É extremamente raro que o talentoso alcance de modo mais ou menos igual todos os campos do espírito. [...] O que, sobretudo difere extraordinariamente é o grau de maturidade [...] As dificuldades da criança talentosa não se restringem apenas ao âmbito intelectual, mas também ao moral, e à vida afetiva. As distorções comuns entre os adultos, as mentiras e todas as outras misérias morais podem criar. (JUNG, 1986, p.126)

Em Leonardo, ficou evidente essa dificuldade no desenvolvimento de papéis sociais em sua fase adulta, como esposo e pai. O papel social melhor desenvolvido de Leonardo foi o de artista plástico. Porém, em outros aspectos da sua vida parecia muito menos comprometido. Outro fato que trouxe muita dúvida em expor na narrativa foi a crise de alcoolismo pela qual passou na década 1980.

Por fim, o desafio de trabalhar e desenvolver o personagem de Leonardo foi à dificuldade de não ter conhecido o seu pensamento, por não ter encontrado nada que ele tenha escrito sobre si mesmo. Nenhuma carta, um diário, uma (auto)biografia ou algo que ele tenha dito sobre seu pensamento em relação ao mundo, a sua arte. Pouca coisa foi encontrada dele sobre si mesmo. Houve uma dificuldade de sentir o Leonardo, de entendê-lo sobre a arte dele, principalmente sobre a experiência de ser professor. Tudo que se sabe é com base naquilo que as pessoas disseram, porque outros falarem dele e sobre ele. Leonardo, no início desta

⁵ Malandragem: é o ato de praticar certas mazelas, jeitinhos, para se dar bem em algumas situações onde ele mesmo seja o pró beneficiado.

pesquisa realmente era um ser de papel, ou melhor, de tina e de tela, pois ele se dizia apenas por meio de sua arte.

Ecléa Bosi (1994), em seu livro *Memória e sociedade: Lembranças dos velhos*, utilizando-se da base teórica de Bergson, destacam que “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, interfere no processo atual das representações”. Bossi *Sic.* de Bergson diz:

A memória parece ser “um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio das pessoas, que conservam em seu espírito, o passado, que aflora na consciência em forma de imagens-lembrança e nos sonhos e devaneios em forma pura”. (BOSI, 1994, p.55).

A autora mostra que o fenômeno da memória pode ocorrer de forma única e particular em cada indivíduo. Isto se evidencia que a narração de suas próprias experiências de vida é o modo mais assertivo de descrever e fazer a memória. Busca ainda compreender a função da memória da velhice. Os velhos assumem caráter essencial na vida e na formação do indivíduo, visto que eternizam memórias e lembranças, sejam elas pessoais, de um tempo, lugar, pessoas e objetos. A memória como função social é descrita como o vínculo com outra época, com a consciência de ter vivenciado tantos desafios e conquistas que traz para o idoso a alegria, satisfação e oportunidade de mostrar sua competência.

Em suas análises, Bosi (1994), aponta que muitas recordações absorvidas não são nossas, mas relatadas por nossos familiares e futuramente lembradas por nós. Leva-nos a compreender que a memória, a lembrança, e a recordação, são compartilhadas e construídas em conjunto, asseverando o fator social preponderante em sua construção. O grupo é visto como um suporte da memória e se nos identificamos com ele, fazemos nosso o seu passado.

Segundo Alberti (2004), em suas considerações sobre a história oral, em concordância com esse pensamento, assinala a necessidade do pesquisador que deve ter como objetivo ir além da simples história do acontecimento, por que o conhecimento do passado dito “objetivo” não basta para explicar o presente, sendo preciso acrescentar-lhe o conhecimento da percepção presente do passado. Esse presente do passado é precisamente a memória. Assim, ele poderá indagar sobre os motivos pelos quais os entrevistados podem divergir em seus depoimentos sobre um mesmo fato.

Nesse estudo, apresenta em gráficos a organização dos fatos históricos originados a partir das fontes de dados disponíveis (documentos pessoais, biografias já existentes e as memórias registradas das entrevistas), evidenciando assim, o grau de convicto e inconvicto a respeito de alguma afirmação sobre o biografado.

Ainda segundo Bosi (1994), existiria duas memórias: memória-hábito, o esforço da atenção e repetição (ato de escovar os dentes, costumes a mesa); e memória pelas lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado: momento único, singular, não repetido da vida, como exemplo, o nascimento de um filho, casamento. A memória-hábito se relaciona a todo tipo de ação cotidiana e adquirida pela repetição que fazemos quase sem perceber. São ações automáticas que aprendemos ao longo dos anos, em ações executadas quase sem pensar. Um exemplo é o ato de aprender a dirigir. No início, quando tudo é novidade, e ainda não temos esse saber adquirido, prestamos atenção aos dados, que com o tempo e com o treino irão ser tornar um ato automático que depois executamos sem perceber.

Já a lembrança isolada ou singular é aquele marco social que fica como importante para o resto da vida do sujeito e do qual ele irá se referir no futuro como um acontecimento do passado. Um exemplo dessa memória foi o relato de uma participante da pesquisa, Fátima Maria, primeira esposa de Leonardo, em sua narrativa relembrou o casamento com o artista plástico: “o casamento foi na antiga Igreja do Rosário... Linda, que foi demolida. Casamo-nos no dia dois de junho de 1963 às oito horas da manhã, pois íamos pegar o voo para Salvador [...]” (Entrevista com Fátima Maria, 2019). É a lembrança que não necessita da repetição para conservar algo na lembrança, ela guarda pelo envolvimento emocional com o fato, pela valorização e importância desse conhecimento.

De acordo com Bergson (1999) é necessário entender as relações entre a conservação do passado e a sua articulação com o presente e a interseção vital existente entre o fenômeno da memória e o da percepção, em suas palavras “na verdade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (BERGSON, 1999, p.33). A lembrança está impregnada pelas representações as quais atribuem à memória uma função decisiva no processo psicológico. O Método Introspectivo de Bergson (1999) possibilita compreender a memória como força subjetiva composta por representações seja do passado ou do presente, no conhecimento e apreensão da realidade. Para o autor, sem as lembranças o passado não sobreviveria. As

gerações futuras e o conhecimento se resumiriam ao ato presente. “A lembrança é a sobrevivência do passado”.

Durante os depoimentos deparou-se com silêncios, muito mais frequentes que as discordâncias em relação a alguma afirmação ou tópico sobre o Leonardo. Se houve silêncio em relação a algum tópico, significa que se tocou em algum conteúdo sensível, e talvez passível de investigação mais cautelosa. Aqui se encontrou o peso do silêncio e enxergou-se o seu valor, seu significado, como no dito popular “o silêncio vale mais que mil palavras”. No livro *Tortura* de Sznick (1998), encontrou-se que em, e diferentes épocas no ponto de vista jurídico, o silêncio precedido de uma acusação tem o teor de confesso. Em certas circunstâncias, deve ser interpretado como consentimento a uma declaração da vontade. Seja por questões impostas pelo costume local ou por prescrição da lei, o silêncio pode assumir papel de essencial relevância. O silêncio tem sim um sentido, desde que sempre se atente para o contexto em que ele é exercido.

Memórias que foram retidas pelo silêncio, ou pelo não dito, acabaram por serem reveladas na pós-entrevista. Muitas delas revelavam lados e fatos sobre a vida de Leonardo que demandavam de muita responsabilidade por parte de quem as contasse, pois, não fossem ditas de maneira cautelosa, poderiam desconstruir algumas dimensões da persona profissional ou pessoal do artista. A pesquisadora se dispôs a tocar nestas memórias sensíveis e responsabilizou-se por usá-las da maneira mais útil possível ao resgate da memória sobre o sujeito Leonardo artista, pessoa e professor.

A entrevista narrativa chamada por Jovchelovitch e Bauer (2002) de EN é um instrumento de investigação social, elaborado por Schutze (1977) na década de 80 na Alemanha. A entrevista narrativa além de ser um instrumento de coleta de dados é um instrumento de construção e análise de dados narrativos. De acordo com esses dois autores, na EN os entrevistados são chamados de “informantes”. O nome da técnica da EN tem origens na palavra latina *narrare*, significando narrar, contar uma história.

A EN tem como base a ideia de que o informante possa reconstruir acontecimentos a partir de suas perspectivas, tão diretamente quanto possível. E como característica principal a não interferência do pesquisador durante o relato do entrevistado. Diferentemente dos outros modelos de entrevistas, o pesquisador não formula perguntas ordenadas, com referências explícitas. O jogo de pergunta-

resposta é substituído pela ação, de um falar, e, o outro escutar, sendo essa escuta tão ativa quanto possível, sem de fato interferir na fala do informante.

Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002) existem propostas para a aplicação de algumas técnicas de estimular informações específicas durante a EN. Essas técnicas estão direcionadas em como ativar o esquema da história; como provocar narrações dos informantes; e como, assim que iniciada a entrevista, conservar a narração, andando através da mobilização do esquema autogerador. Ou seja, o pesquisador apresenta ao entrevistado uma questão gerativa não direcionada a respostas pontuais e que encoraje uma narração espontânea, improvisada, não previamente elaborada.

A EN é definida como não estruturada, pois não segue uma diretividade restrita no que diz respeito ao planejamento de questionários de formato pergunta-resposta. Isso não significa que não exista um planejamento no que diz respeito a um roteiro de entrevista a qual se processa através de quatro fases: ela começa com a iniciação; move-se através da narração; da fase de questionamento; e termina com a fase da fala conclusiva.

A luz do pensamento de Schutze (1977), Jovchelovitch e Bauer (2000) dispõem as seguintes regras para o desenvolvimento da entrevista narrativa:

Quadro 03 - Fases principais da entrevista narrativa

Fases	Regras
Preparação	Exploração do campo; Formulação de questões exmanentes
1. Inicial	Formulação do tópico inicial para narração; Emprego de auxílios.
2. Narração Central	Não interromper, somente encorajamento não verbal para continuar a narração; Esperar para os sinais de finalização ("coda").
3. Fases de perguntas	Somente "Que aconteceu então?"; Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes; Não discutir sobre contradições; Não fazer perguntas do tipo "por quê?" Ir de perguntas exmanentes para imanentes.
4. Fala conclusiva	Parar de gravar; São permitidas perguntas do tipo "por quê?"; Fazer anotações imediatamente depois da entrevista.

Fonte: JOVECHELOVICH e BAUER (2002).

Para realizar a EN o entrevistador necessita se dedicar a fase de preparação que envolve a exploração do campo o qual está investigando, no caso desta pesquisa, foi conhecer e entender a vida, as relações e a obra do artista, fazendo leituras no que foi possível sobre o biografado. Com base nesse conhecimento foi elaborado o roteiro de entrevista formulando as perguntas que os autores chamam de perguntas exmanentes, cuja definição é um tipo de pergunta que reflete os interesses da pesquisa e do pesquisador. Diferente das questões imanentes que são os temas, tópicos e relatos de acontecimentos que surgem durante a narração trazida pelo informante.

O entrevistador deve estar atento para interpretar as respostas e traduzir questões exmanentes em questões imanentes, fazendo uso exclusivamente da própria linguagem do emissor e preparar outras perguntas a serem realizadas posteriormente, na oportunidade que surgir.

Como todo trabalho metodológico, na EN também apresentam suas vantagens e desvantagens: os pesquisadores que fazem uso da entrevista narrativa apontaram dois problemas principais da técnica: a) as expectativas incontrolláveis dos informantes, que levantam dúvidas sobre o forte argumento da não-diretividade da EN; b) o papel muitas vezes irrealístico e as regras exigidas para tais procedimentos. (JOVECHELOVICH e BAUER, 2002).

Expectativa incontrollável nas entrevistas é o fato do entrevistador se colocar em uma posição de que não sabe de nada, ou muito pouco, sobre a história que está sendo contada, e que não tem interesses particulares. Porém, cada participante construirá hipóteses sobre o que o entrevistador quer ouvir, e o que ele provavelmente já sabe, e não abordam o tema suposto, por considerarem como pacífico, os informantes supõem que já se sabe algo sobre a história deles, e que eles não irão falar sobre aquilo que já se sabe considerando que aquilo já foi dito ou já foi sabido seja irrelevante. Esse pensamento pode ser assumido pacificamente pelo entrevistado, comprometendo de certo modo uma maior riqueza na quantidade de informações. Popularmente conhecido na ciência como “perda de dados” e na historiografia como “o silêncio do não dito”.

No caso específico do presente estudo, a dificuldade de trabalhar com a EN - e acredita-se que por falta de experiência da pesquisadora em trabalhar com entrevista narrativa - não tenha sido muito eficiente nas perguntas imanentes,

necessitando procurar o participante posteriormente, com outras sessões de entrevistas a fim de esclarecer alguns pontos.

Nesse estudo, apresentam-se duas modalidades de registro. Nas primeiras entrevistas foi utilizado o questionário estruturado, que apesar de ter tido um bom resultado, esse modelo diretivo restringe a espontaneidade do participante, Jovchelovitch e Bauer (2002). Após conhecer e entender as regras da EN passou-se, então, a melhor utilizar a entrevista narrativa, que se aplicou de forma mais confortável e eficiente com os participantes do presente estudo. Muitos dos participantes optaram por romper o modelo proposto, construindo uma narrativa com suas memórias a respeito de Leonardo. Portanto acompanha esse estudo, dois registros na modalidade de questionário estruturado e mais quatro registros na modalidade da EN.

O procedimento de transcrição das entrevistas consistiu no *software* da empresa *NCH Software*, chamado *Express Scribe Transcription Software Pro* (v.6.10). Esse *software* permite a redução da velocidade do áudio, ajudando na melhor compreensão do que foi dito, e por meio de teclas de atalho é possível voltar ou adiantar facilmente para a fala que está sendo transcrita.

Já na transcrição das entrevistas, a técnica utilizada para tal foi o da transcrição adaptada, que consiste na reprodução total do que foi dito, podendo retirar alguns vícios de linguagens que não alteram a ideia final que era passada pelo entrevistado. Logo após a fase de transcrição, ocorreu a revisão do texto. Essa fase final consiste no acompanhamento simultâneo de texto e áudio, alterando os erros de digitação e editando o aspecto final do texto.

A respeito do método biográfico, Borges (2005) informa que as biografias surgiram no mundo antigo, em Damásio, cerca de 500 D.C. Essa autora, diz que na língua francesa, o termo aparece somente no *Dictionnaire de Trévoux*, em 1721, Emile Littré, no *Dictionnaire de la langue française* (1800-1801), definiu: "Biografia: espécie de história que tem por objeto a vida de uma só pessoa". Na definição da mencionada autora, diz ser a biografia "uma narrativa oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem", podendo ser vista como:

[...] diversos tipos de textos - desde um verbete em dicionários de figuras políticas, literárias, até relatos em filmes, documentários, programas de televisão etc. Apesar de os historiadores hoje usarem o termo biografia sem

maiores preocupações alguns autores, especialmente os ligados à Antropologia, rejeitam o termo, preferindo falar em "trajetórias". (BORGES, 2005, p. 204)

Assim, a biografia, desde então, constitui-se em objeto de estudo para pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, e, de modo especial, da área das ciências humanas. Para Borges:

[...] a preocupação com a descrição da história de uma vida teve seu início no mundo grego antigo, ao mesmo tempo em que surgiu a História como forma de conhecimento: essa era uma História política, com sua diferenciação/imbricação com a memória. Ao longo de mais ou menos dois milênios, autores acharam que contar a história da vida de alguém era algo distinto de uma "História" (que narrava fatos coletivos e contava a verdade): as histórias "das vidas" (termo usado então pelos autores) serviam, desde o mundo greco-romano, para dar exemplos morais, negativos ou positivos – muitas vezes constituindo os panegíricos. (BORGES, 2005, p. 205)

Por muito tempo a biografia foi desprestigiada com a falta de atenção, principalmente por parte dos estudiosos, para a fundamentação de pesquisas. Entretanto, desde o final do século passado ela vem ganhando espaço e visibilidade, o que seria, para alguns, o "retorno" das biografias. Segundo a autora, esse interesse para com as biografias pode ser explicado por dois eixos:

[...] esse "retorno" – ou o atual grande interesse pela biografia – tem muitos pontos em comum com o também chamado pelos franceses de "retorno da História política", vindo ambos dentro da ampla renovação historiográfica que se tem dado nas últimas décadas. Dois eixos claramente imbricados podem explicar hoje esse interesse pelas biografias: os movimentos da sociedade e o desenvolvimento das disciplinas que estudam o homem em sociedade. (BORGES, 2005, p. 209)

Para uma visão didática das biografias, ela divide-a em tipos principais, que vão "desde um rápido (ou não) percurso da vida do biografado [...] até o tipo mais ambicioso, como 'um mergulho na alma' do biografado". Assim, ela esquematiza em três tipos, segundo sua finalidade e elaboração. São eles:

o artigo de dicionário biográfico: um breve resumo da vida de uma pessoa pública, por vezes famosa; a monografia de circunstância: elogios fúnebres ou ligados a uma circunstância particular (breves, muitas vezes, presentes na imprensa escrita); biografia dita "científica" ou dita "literária": obras mais importantes, com preferência narrativa e finalidade histórica, que trabalham com documentação numerosa e variada. É sobre essa que estamos refletindo. (BORGES, 2005, p.213)

Quanto ao tipo de biografia, esquematizada pela autora, dita, científica ou literária, que orienta o presente estudo, a autora alerta para que em sua construção apresente a necessidade de pensar o indivíduo em sua origem e em seu percurso social. Põe em destaque o papel do mesmo na história, e alerta o biógrafo para os “condicionamentos sociais” do biografado, para o seu ambiente profissional e para as redes de relacionamentos por ele frequentadas.

Borges (2005) entende que a biografia, na atualidade, representa uma valiosa e inesgotável fonte histórica. Contudo, a biografia deixa de ser um gênero literário e torna-se um gênero historiográfico, considerada como instrumento essencial para revelar fatos da condição humana em sua diversidade. Assim, ela não isola o ser histórico e social de seus semelhantes, nem tampouco o diminui, ao contrário: o estuda em suas variadas dimensões humanas.

Nesse sentido, o método biográfico proposto por Borges (2005), foi ideal para o estudo em questão, pois seguindo suas orientações favoreceu a reconstituição da trajetória do artista plástico e professor Leonardo Alencar. No sentido que no âmbito da abordagem biográfica, uma trajetória deve ser entendida como um caminho de conhecimento do mundo apresentado e apropriado através da subjetividade dos sujeitos que se decidiu biografar. Leonardo Alencar atuou como professor de arte e foi um artista plástico de grande repercussão.

Focou-se nos estudos também em sua trajetória procurando demonstrar o intelectual mediador e criador que foi. Nesse sentido, Borges (2005, p. 220) alerta, que “O biógrafo sabe que ele jamais chegará ao final de seu trabalho, qualquer que seja o número de fontes documentais que consiga exumar. Novas pistas se abrem e ele se arrisca a nessas se enredar”.

A abordagem biográfica ou, no seu sentido mais comum, “a biografia, é hoje certamente considerada uma fonte para se conhecer a História” (BORGES, 2005. p. 215). A leitura de uma biografia nos leva para o conhecimento de uma época, uma sociedade ou uma pessoa; é uma fonte do conhecimento do ser humano.

3 ESTUDOS A PRIORI SOBRE TRAJETÓRIA

3.1 TRAJETÓRIA E TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE LEONARDO FONTES DE ALENCAR

Nessa subseção, será apresentado com maior clareza o aporte teórico-conceitual deste trabalho, na qual será discutida a construção do sentido de trajetória baseado em leituras realizadas em estudos de Dubar (2005a; 2005b), o sentido de trajetória intelectual em Sirinelli (2003), noções do intelectual criador e mediador de acordo com os estudos de Gomes e Hansen (2016) e ainda a noção de sociabilidade em Gomes (1993). Finaliza a subseção com um texto em Hobsbawm no fazer de si no tempo (1998).

Dubar (2005b) apresentou a compreensão sobre os conceitos, *habitus* e *campus*, elaborado por Bourdieu. Através desses conceitos foi possível entender o sentido de trajetória, conceitos mais amplos que se envolvem.

Para Dubar (2005b), *habitus* é o produto da socialização dos indivíduos, que expressa a um só tempo uma posição de acordo com sua origem (superior/inferior) e uma *trajetória* (linear/ascendente) que se traduzem por uma mesma “visão mundo econômico e social” que se afirma em todos os setores da vida pública e privada (DUBAR, 2005b, p. 82). O conceito *campus* social, definido como “mercados em que se trocam bens específicos, materiais ou simbólicos, e em que capitais de determinado tipo produzem lucros do mesmo tipo segundo regras particulares” (*id. Ibid.*). Ou seja, um espaço estruturado no qual os agentes **interagem** e **competem** por uma posição que os projetem como detentores de poder (simbólico) e os permitam exercê-lo.

Nesse entendimento, pode-se compreender que *trajetória* é construída a partir das vivências dos agentes nesses espaços *campus* social, cultural, econômico e simbólico de acordo com seu *habitus* de origem ou adquiridos nas convivências sociais. Com parentes eruditos e de profissões de prestígio, esperava-se que Leonardo seguisse a tradição familiar. Estudioso, exímio leitor e versado nas línguas estrangeiras, não foi difícil estar entre os selecionados para o curso de Direito na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pode-se afirmar que a posse de capital cultural herdado de sua família favoreceu o desempenho de Leonardo no exame do vestibular. Porém o seu sonho era ser pintor.

Seguindo a reflexão em Dubar (2005b), *trajetória*, é o desenvolvimento dos indivíduos nos vários espaços sociais (*campus*) que independente de seu *habitus* de origem que pode vir a modificar-se, de acordo com a socialização que venha ter no transcorrer de uma vida. Assim, Leonardo, ao ingressar na Escola de Belas Artes na Universidade Federal da Bahia (UFBA), visualizou a oportunidade de aperfeiçoar sua técnica. Nessa escola, Leonardo e seus colegas pintores estudavam e desenvolviam novas formas de expressar a arte. Nessas trocas e com sua criatividade, tanto aprendeu quanto ensinou. Segundo o autor, as regras sociais de troca, ou “mapas socioculturais” definem a trajetória dos indivíduos na sociedade.

Segundo o comentário do Prof. Juarez, (artista plástico e professor universitário da UFBA), Leonardo apesar de ser um aluno livre na Escola das Belas Artes na UFBA, usufruiu de tudo que um graduando receberia dentro desta escola:

Leonardo poderia ser incluído nesta área de pessoas que fizeram cursos de extensão sem uma ligação oficial como aluno da Escola, não fez vestibular, etc. etc. Mas ele usufruía de tudo que a escola poderia oferecer a um graduando, poderia oferecer a ele, é o que foi oferecido. Então, ele absorveu, ele bebeu muito da Escola em função disto, da presença dele lá e da convivência com professores e artistas contemporâneos. Que era uma troca. Ele convivia com rodas de artistas, de intelectuais que ele absorvia muito essas informações dessas pessoas como Mário Cravo, como Hansen, como Henrique Oswald e etc. Ele teve muito coisa que aprendeu da gente, e a gente tem muita coisa que aprendeu dele. (Entrevista com Juarez Paraiso, 2019)

Recorrendo a Bourdieu (2011), que diz que o campo não é um espaço homogêneo, é um espaço de diferenças, é também onde se encontra o *habitus*, um conjunto de disposições para agir, socialmente construídas e explicáveis, e que não passam pela consciência dos agentes sociais. “Habitus não é um destino (...) trata-se de um sistema aberto de disposições que estará submetido constantemente a experiências e, desse modo, transformado por essas experiências.” (BOURDIEU, 2011, p. 62). Essas transformações ocorrem com a convivência, com a atualização de saberes práticos adquiridos e incorporados ao longo de uma trajetória dos agentes do mesmo campo. Em Leonardo, essas experiências revelaram nesse artista plástico outra habilidade: ser professor.

A importância do *habitus* segundo Bourdieu se deve ao fato de que um conjunto coerente de disposições subjetivas, capazes ao mesmo tempo de estruturar representações e de gerar práticas, pode ser pensado e analisado como produto de uma história, ou seja, de uma sequência necessariamente

heterogênea de condições objetivas, sequência essa que define a trajetória dos indivíduos como movimento único pelos campos sociais, tais como a família de origem, o sistema profissional escolar ou o universo profissional. (DUBAR, 1995, pg. 89)

Direcionando a importância do conceito de *habitus* ao estudo da vida de Leonardo Alencar, pode-se dar início ao seguinte comentário: Na sequência heterogênea de condições objetivas que definiram a trajetória de Leonardo (experiências como cenógrafo, estágios com pintores renomados, exposições de arte, experiências como professor, nas bienais, nas escolas de belas artes) como um movimento único pelos campos sociais de seu universo profissional, sua experiência escolar e até mesmo no âmbito familiar, é possível hoje, pensar e entender a sua trajetória a fim de reestruturar suas representações e investigar suas práticas profissionais? Ao responder a essa pergunta será possível de obter uma imagem de um conjunto coerente de dispositivos subjetivos que dará visão a uma possibilidade biográfica. Pretende-se fazer isso, delineando a rede de sociabilidade através das fontes disponíveis. (DUBAR, 2005, p. 89).

Leonardo Fontes de Alencar foi um artista plástico, professor e por pressuposto, intelectual, pertencente ao campo artístico, cultural e educacional e, nesse sentido, a partir de sua trajetória é possível constatar uma experiência social, cultural e intelectual dentro desse campo e das redes de sociabilidades interligadas nas relações profissionais.

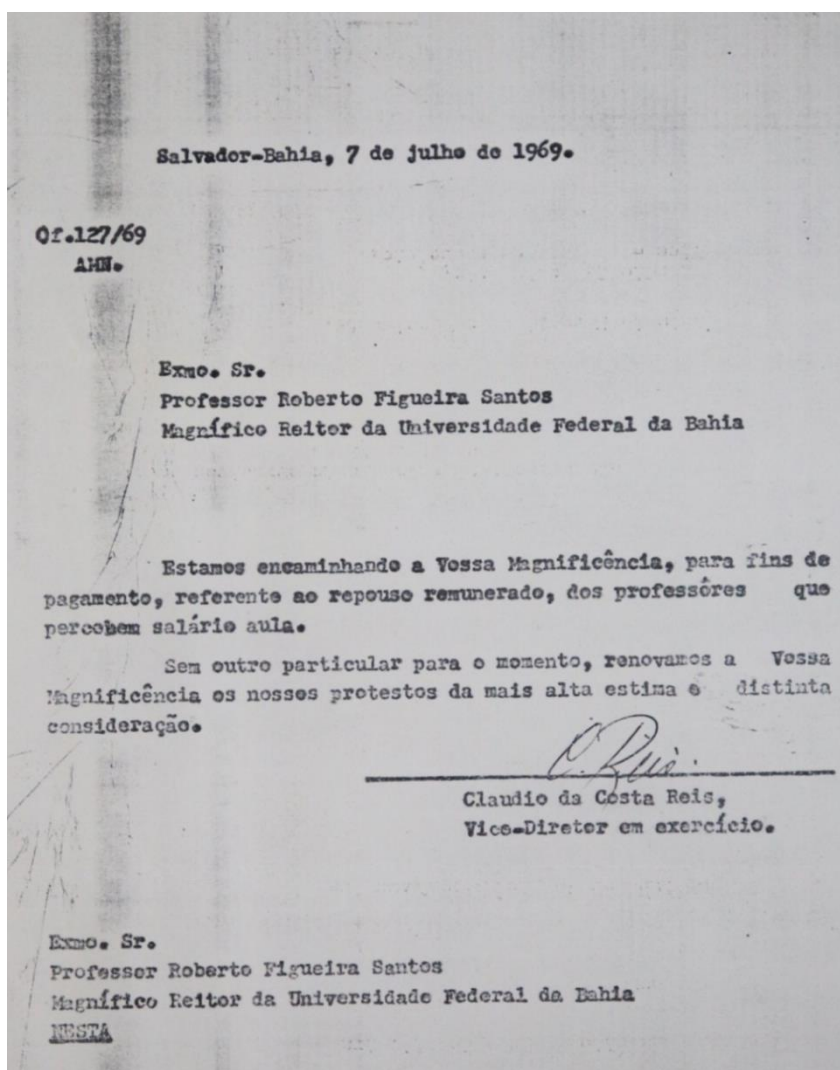
A respeito do ensino na Escola das Belas Artes na Universidade Federal da Bahia (EBA-UFBA), existem certas contradições nas memórias coletadas. A mais intrigante é a memória do Prof. Juarez, que demonstra incerteza na afirmação que Leonardo tenha ensinado na EBA:

Agora, tem uma informação que eu tenho que dar que vai a desacordo com alguma coisa que eu já li, é de que ele não foi professor da Escola das Belas Artes. Eu não me lembro, mas pode ser... Mas não me lembro, oficialmente não... Na Escola, no quadro da Escola, ser oficial, não. (Entrevista de Prof. Juarez, 2019)

No sentido que o Prof. Juarez coloca a sua afirmação dar-se a entender que Leonardo Alencar não fazia parte de um corpo docente. Contudo, como será visto posteriormente, em sua biografia, o sentido usado pelo professor Juarez se refere ao perfil acadêmico, com todas as suas regras que é de praxe dentro de uma

universidade. O comportamento de Leonardo era avesso ao que se esperava de um professor com esse perfil. Apesar da incerteza na memória do Prof. Juarez em relação ao ser professor de Leonardo Alencar, encontraram-se nos arquivos pessoais do artista vários documentos que comprovam seu vínculo institucional como docente na UFBA. Abaixo os documentos de duas das fontes coletadas:

Figura 01 - Solicitação de pagamento para professores da UFBA -1969



Fonte: Acervo pessoal do Artista.

A figura 01, uma fotocopia feita pelo próprio Leonardo Alencar, afim de melhor conservá-lo, foi encontrada no acervo pessoal do artista. O documento é uma solicitação de pagamento para os professores que percebiam salário/aula, feita pelo vice-diretor em exercício da UFBA, Prof. Claudio da Costa Reis, em 07 de julho de 1969, encaminhada ao reitor da UFBA, Prof. Roberto Figueira Santos.

Figura 02 - Relação de depósito para professores da UFBA-1969

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - ESCOLA DE TEATRO

Relação de depósito nº

Pagamento às pessoas abaixo relacionadas, por serviços avulsos prestados a esta Universidade.

UNIDADE DEPARTAMENTO DE TEATRO

MÊS de *Repouso - julho* 1969

BANCO

Depósito feito p/cheque número..... contra a conta.....

Ass:.....

Tesoureiro

Data do depósito ___/___/___

VERBA: 3120 (Diversos)

PROC. Nº	NOMES	Conta nº	Valor líquido
01	Anatolio Batista de Oliveira		NCr\$ 331,20 ✓
02	Leonardo Alencar ✓		67,50 ✓
03	Hucemar de Alcântara Ferreraz		129,75 ✓
04	Mauri Santos Manso ✓		180,00 ✓
05	Sergio Harfush ✓		49,50 ✓
SOMA: <i>duzentos e cinquenta e sete cruzeiros novos e noventa e cinco centavos</i>			NCr\$ 757,95 ✓

Data: *7* julho 1969

Antônio Basílio de Azevedo
Diretor

VISTO: _____
Chefe da Contabilidade

Chefe Gabinete

PAGUE-SE .. Em,

Fonte: Acervo pessoal do Artista.

Na figura 02, também se trata de uma fotocópia encontrada no acervo pessoal do artista. O documento é uma relação de pagamentos que foram efetuados a professores da UFBA, que percebiam salário/aula referente ao mês de julho de 1969. Nesta relação verifica que Leonardo recebeu no período, o valor de NCr\$ 67,50 (sessenta e sete cruzeiros novos e cinquenta centavos). Constata-se assim, conforme essas fontes, que Leonardo Fontes de Alencar foi professor na UFBA em 1969, embora tenha sido aulas/serviços avulsos.

Nesse sentido, foi estudado em Sirinelli (2003), que o sentido de trajetória intelectual, compreende a reconstituição dos itinerários que possibilita o mapeamento dos territórios de engajamento intelectual, permitindo não só o estudo dos grandes intelectuais como, também, dos de menor expressão em uma dada época, além de permitir a identificação da evolução de um grupo de intelectuais oriundos de uma matriz comum. Apesar de sua importância, o estudo dos itinerários intelectuais só adquire relevância, enfatiza Sirinelli, quando vai além da mera reconstituição e passa a envolver, também, a sua interpretação. (SIRINELLI, 2003, p. 245-247). A vivência de Leonardo na EBA-UFBA foi uma experiência social e intelectual no campo artístico e educacional.

Para o conceito de intelectual, é entendido aqui a partir da noção de Gomes e Hansen (2016), que indicam o conceito de intelectual o qual “São homens da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social”. As autoras desmistificam a ideia de que a figura do intelectual se assemelha à imagem de um gênio. Trata-se, portanto, de uma pessoa ou grupo de um conjunto diversificado de atores, professores, artistas, diretores de museus, curadores, pessoas da comunidade, agentes educadores de qualquer área, de qualquer lugar.

[...] um mesmo intelectual pode ser “criador” e “mediador”; pode ser só “criador” ou só “mediador”; ou pode ser “mediador” em mais de um tipo de atividade de mediação cultural, sendo seu valor conferido pelo reconhecimento de seu trabalho, quer pelo público, quer pelo próprio campo intelectual com o qual dialoga. Essas opções não devem ser consideradas posições fixas, do mesmo modo que não há identidades profissionais ou pessoais fixas e imutáveis. (GOMES E HANSEN, 2016, p. 21-22)

Como dito, o intelectual pode ser criador, criador e mediador, ou só mediador. O primeiro, criador, é responsável por criar um bem cultural, e apenas isso. O fato de jogá-lo ao mundo, o torna um intelectual criador e mediador. O intelectual criador e mediador buscam “colocar os bens culturais em contato com grupos sociais mais amplos, formando públicos, criando novos produtos culturais ou novas formas de comunicação e aproximação de produtos culturais conhecidos”. Por este motivo, acredita-se que Leonardo seja sujeito intelectual mediador, além de intelectual criador (GOMES; HANSEN, 2016, p. 17). As autoras ainda afirmam que:

Considera-se, então, que os intelectuais mediadores podem ser tanto aqueles que se 'dirigem a um público de pares, mais ou menos iniciado, como a um público especializado, composto por amplas parcelas da sociedade' Dessa forma, podem ser os que se dedicam a um público de corte determinado como o escolar, o feminino, os sócios ou membros de uma organização ou comunidade étnica, profissional, por exemplo; ou a um público abrangente e heterogêneo, como o de um periódico de grande circulação. Em muitos casos o intelectual mediador necessita de um grande empenho para se especializar em escrever/falar/ fazer/gerir/organizar livros e revistas, instituições culturais, programas de rádio e televisão, cinema, exposições, livros infantis etc. (GOMES; HANSEN, 2016, p. 21)

O segundo é o intelectual, que estabelece comunicação com o público propondo, dessa forma, a ressignificação do bem cultural. É possível pensar Leonardo Alencar como um intelectual em conciliação com as noções aqui descritas. O primeiro, como um intelectual criador, "por criar um bem cultural" com suas obras, se considerar a notoriedade e o reconhecimento do artista criador que foi. Desde suas primeiras exposições logo adquiriu fama de talentoso artista plástico. Leonardo foi um artista plástico criativo e especialista em várias técnicas, era essencialmente um desenhista, além de gravador (em peças de madeira e metal), xilogravador, pintor e professor. Seus temas preferidos foram os cavalos, os peixes, a natureza e elementos da cultura sergipana.

O Acadêmico José Anderson do Nascimento (2006), em seu livro *Metáfora dos Arlequins: as cores na arte de Leonardo Alencar*, diz que o artista pode ser "considerado um dos maiores representantes das artes visuais de Sergipe e da Bahia" (Nascimento, 2006, p. 7). Segundo esse mesmo autor, Leonardo pode ser considerado ainda, como um fomentador da cultura sergipana com sua obra.

Em sua arte, o artista traz elementos que retratam essa cultura, como a quadrilha, o trabalho das mulheres rendeiras, o caju, entre outros. O caju está sempre presente em suas telas, na cidade de Aracaju é encontrado em diferentes lugares e formatos como símbolo aracajuano. Em suas pinturas, Leonardo, apurou uma técnica acrílica sobre tela, com um enredamento muito especial, tendo ao fundo mostras da renda de bilros e do rendendê⁶ sergipano, retratando essa cultura através das mulheres rendeiras.

⁶ Rendendê: estilo definida por uma técnica, no mínimo curiosa: o tecido é desfiado em pontos bem específicos, formando espaços vazios com formas geométricas, rigorosamente distribuídas.

Figura 03 – Leonardo Alencar. *Pássaro da Esperança*, S/D



Fonte: Blog do Artista. Disponível em:
<https://www.flickr.com/photos/leonardoalencar/with/8103742058/>.

No quadro de título *Pássaro da Esperança* (figura 03), acrílica sobre tela, notam-se pássaros sobre os mosaicos do rendendê sergipano, um exemplo da representatividade de Leonardo em sua arte, sobre os trabalhos das mulheres rendeiras do Estado de Sergipe. Nascimento (2006) registrou em seu livro, a importância da representação dessa cultura na obra de Leonardo:

Leonardo, fiel a sua formação expressionista, retrata em suas telas a cultura popular nordestina com nossas rendeiras, levando o espectador a contemplar a obra, remetendo-o aos textos gregos e à cultura cigana, onde são mencionadas ou se tornaram personagens tecelãs do destino. (NASCIMENTO, 2006, p. 18)

Geertz (2008), em seu livro *A interpretação das Culturas*, defende cultura como sendo um conceito essencialmente semiótico. Tendo em vista que Leonardo foi um poeta da cultura com sua pintura, é importante destacar visto através de Geertz (2008), em suas palavras,

[...] Acreditando, como Max Weber, que o homem, é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo

essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 2008. p. 4)

Apesar de Geertz direcionar sua perspectiva conceitual da cultura para a Antropologia e, mais especificamente, para pesquisas de natureza etnográfica, pode-se importar e adaptar o conceito de cultura não para “teias”, e sim para as “redes” das quais esta pesquisa apresentará nas próximas páginas. Do mesmo modo, aqui ocorre esta tal busca de significado, ou sentidos em uma pesquisa biográfica. Contudo, diferentemente de uma pesquisa etnográfica, que exige o etnógrafo (pesquisador) estar dentro de uma determinada comunidade, fez-se, na pesquisa biográfica, o máximo para acessar os grupos que fizeram parte da rede de sociabilidade que Leonardo Alencar construiu.

Figura 04 – Leonardo Alencar. Painel sem título, 1995

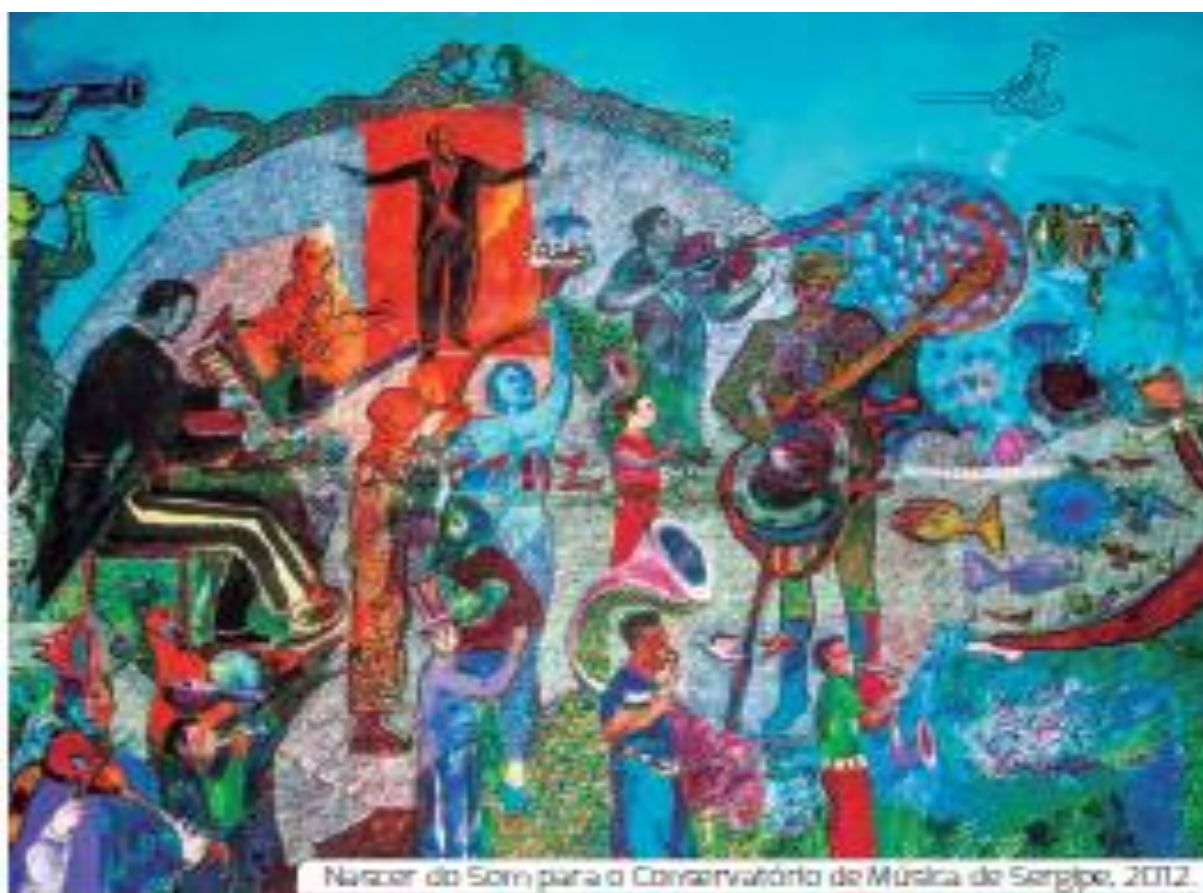


Fonte: Catalogo “Terra Adentro, Mar Afora”, 2009.

O painel sem título (figura 04) faz parte da coleção do Edifício Mansão Emmanuel Fonseca, acrílica sobre tela, de 1995. Nesta pintura, pode-se observar além do mosaico do rendendê, o balão, o forró, o bumba meu boi, no qual o artista

retrata uma das tradicionais festas culturais do Estado, a quadrilha. Todas essas obras demonstram o intelectual criador que o artista foi. Outro critério que se deve considerar em relação ao intelectual criador é a extensão de sua obra. Leonardo “produziu excelentes trabalhos em murais, painéis, telas e ilustrações para livros” (NASCIMENTO, 2006, p.7). Entre murais e painéis, pode-se citar: no Palácio de Veraneio do governo estadual, no Tribunal Regional do Trabalho, Energisa, Banese, Tribunal da Justiça, Escola Parque, Nossa Escola, Hospital Governador João Alves, Mansão Emmanuel Fonseca (figura 04), Painel do Cangaço no Centro de Turismo, Câmara dos Vereadores, Conservatório de Musica (figura 05) Prefeitura de Boquim (figura 06), Academia Sergipana de Letras e no Restaurante Catavento (figura 7).

Figura 05 – Leonardo Alencar. Painel *Nascer do Som*, 2012



Fonte: Blog do Artista. Disponível em:
<http://leonardoalencar.formulando.com.br/painel-em-execucao-para-instituicao-cultural-de-sergipe-2012/>

O painel intitulado *O Nascer do Som* (figura 05), foi pintado em 2012, para o Conservatório de Musica do Estado de Sergipe. Nessa obra, destacam-se as cores

vibrantes e o tom azul, o artista retrata o maestro, músicos e instrumentos musicais, sem esquecer o teatro, os peixes e pássaros, elementos recorrentes na obra de Leonardo.

Figura 06 – Leonardo Alencar. O Painel de Boquim, 1985



Fonte: Blog do Artista. Disponível em:
<https://www.flickr.com/photos/leonardoalencar/with/8103742058/>.

Na figura 06, Leonardo apresenta os painéis elaborados por ele, atendendo ao convite do Prefeito de Boquim, Horácio Fernandes Fontes, em 1985, que foram instalados na nova sede do Executivo municipal, intitulado, O Painel de Boquim. O artista esclarece que “procurei evidentemente neste trabalho para Boquim, valorizar o fruto maior da região: a laranja. Porém, acima dela, o povo de Boquim, que com as graças de Deus e a labuta cotidiana, enobrece a História da agricultura brasileira.” (ALENCAR, 1985, s/p).

Figura 07 – Leonardo Alencar. Mural Restaurante Catavento, S/D

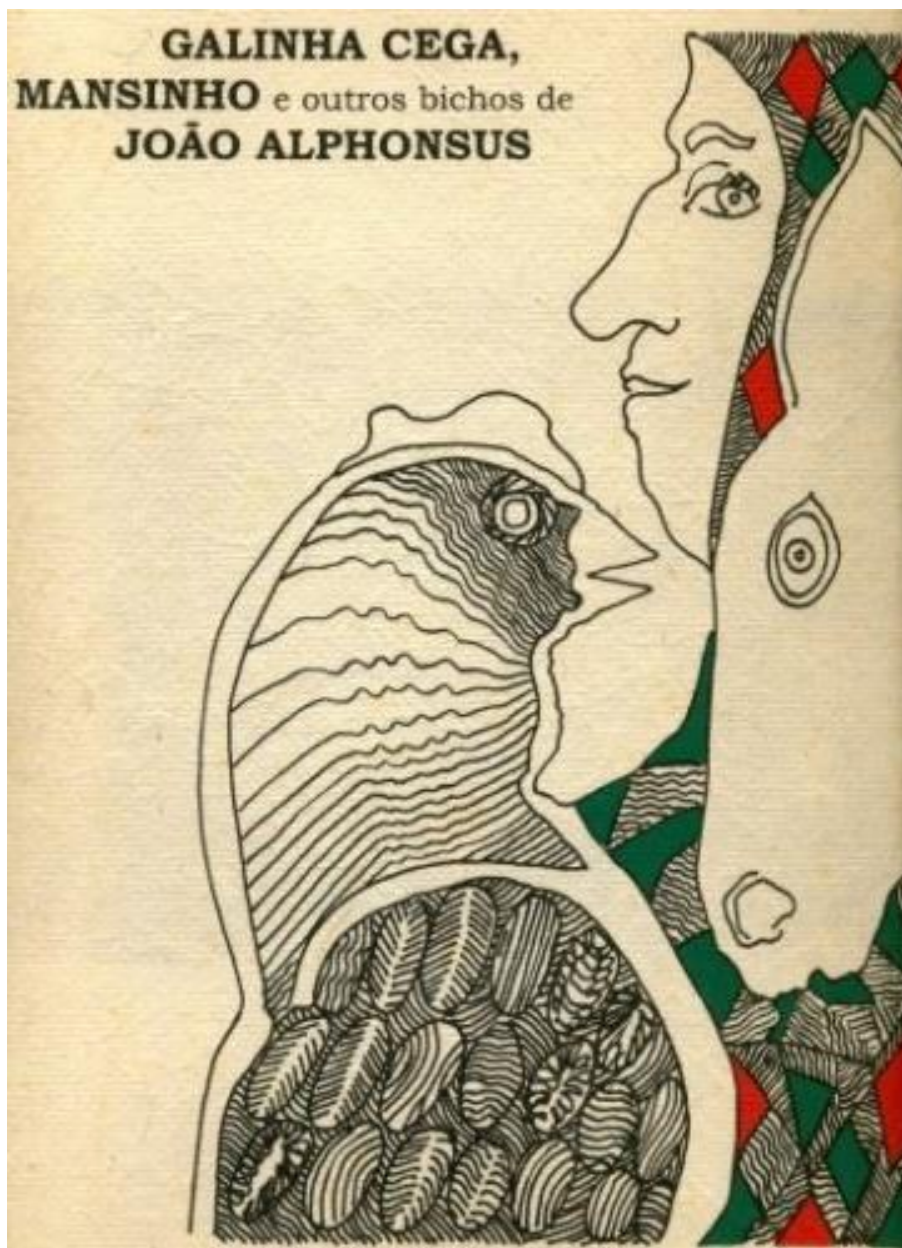


Fonte: Site de Destaque Notícia - <https://www.destaquenoticias.com.br/paineis-de-leonardo-alencar-vaio-ser-restaurados/>

A figura 07, um mural de Leonardo Alencar, instalado no Restaurante Catavento, antiga Associação Atlética de Sergipe, é uma xilogravura em madeira entalhada e cobre rebatido. Mais um exemplo dos murais de Leonardo. Outro trabalho importante do artista plástico são as ilustrações, em Salvador na década de 1980, nos jornais *A Tarde*, no *Diário de Notícias* e na *Revista da Bahia*; 1991, em Londres, Inglaterra, *The Man in White* (novel), de Adonias Filho – Wyvern-Sel. Leonardo ilustrou ainda diversos livros, inclusive livros de edições especiais para a Confraria dos Bibliófilos do Brasil⁷.

⁷ A Confraria dos Bibliófilos do Brasil foi fundada em Brasília em 1995. É uma associação de bibliófilos e amantes dos livros produzidos com processos utilizados primordialmente na primeira metade do século XX, com a composição em linotipia (linhas de texto moldadas a chumbo quente), a impressão tipográfica semimanual e encadernação e acabamento manuais que utilizam papéis artesanais feitos com fibras naturais. Todos os livros são ilustrados por pintores, gravadores e ilustradores de renome nacional. Os exemplares são numerados e assinados pelos autores (quando possível, considerando que algumas edições são póstumas) e pelos ilustradores. Objetos de arte gráfica, cobiçados por colecionadores, bibliófilos, livreiros, intelectuais, escritores, bibliotecários, promotores culturais. Muitos desses livros, anos depois, acabam em sebos finos ou em leilões muito concorridos, a preços muito elevados, dependendo dos autores e condições de conservação. Disponível em: <http://confrariadosbibliofilos.com.br/a-confraria>.

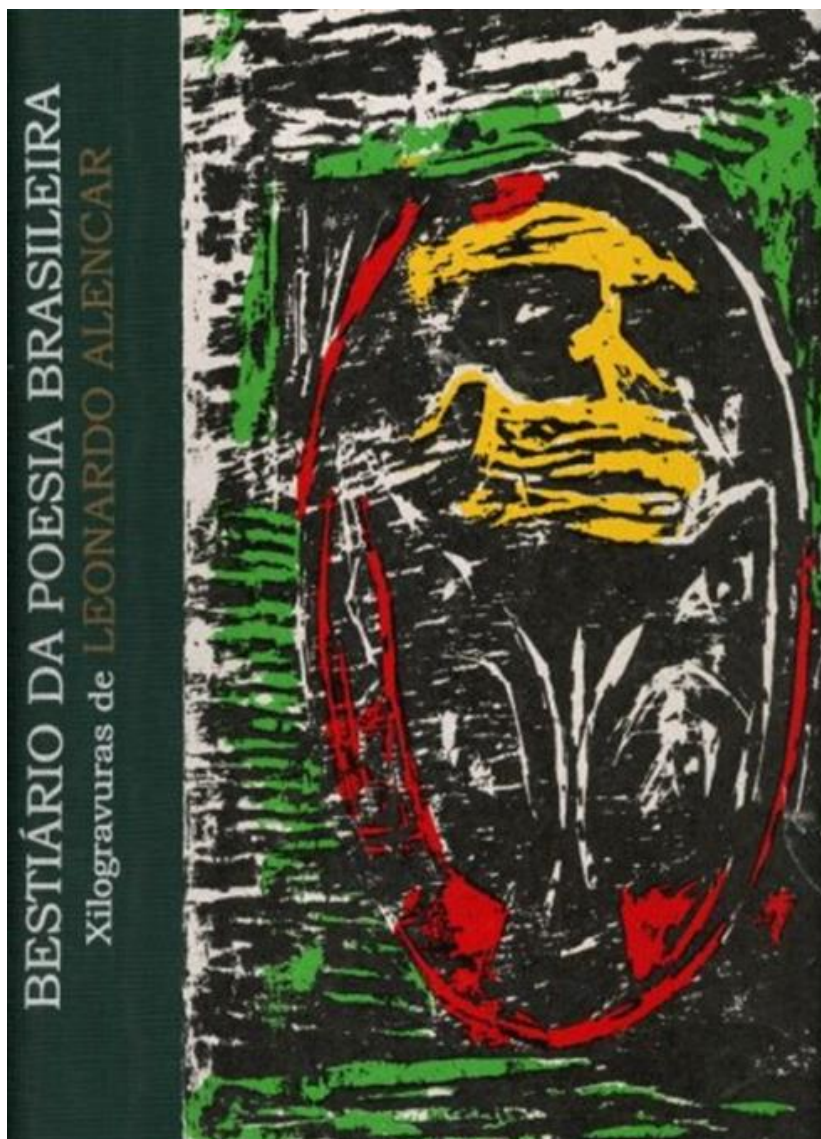
Figura 08 – Capa do Livro, *Galinha Cega, Mansinho e outros bichos*, 2001



Fonte: Site Confraria dos Bibliófilos do Brasil. Disponível em: <http://confrariadosbibliofilos.com.br/catalogo>.

A figura 08 mostra a capa do livro *Galinha Cega, Mansinho, e outros bichos*, de João Alphonsus, uma ilustração com xilogravura (bico de pena) de Leonardo Alencar em 2001, a convite da Confraria dos Bibliófilos do Brasil.

Figura 09 – Capa do Livro, *Bestiário da Poesia Brasileira*, 2013



Fonte: Site Confraria dos Bibliófilos do Brasil. Disponível em: <http://confrariadosbibliofilos.com.br/catalogo>.

A figura 09 mostra a capa do livro *Bestiário da Poesia Brasileira* de diversos autores⁸. Uma ilustração com xilogravura de Leonardo Alencar a convite da Confraria dos Bibliófilos do Brasil em 2013. Inclui ainda neste livro, 60 xilogravuras do artista e o texto “Leonardo Alencar e a arte do avesso”.

⁸ Alberto de Oliveira, Alphonsus de Guimarães, Amadeu Amaral, Aníbal Teófilo, Antonio Sales, Athos Damasceno Ferreira, Augusto de Lima, Augusto dos Anjos, Auta de Souza, Bastos Tigre, Cassiano Ricardo, Cornélio Pires, Da Costa e Dilva, Emídio de Miranda, Francisco Amorim, Gilka Machado, Gustavo Teixeira, Hermes Fontes, Hernani de Carvalho Schmidt, Humberto de Campos, Jorge Faleiros, Jorge Medauar, José Severiano Rezende, Julio Salusse, Lázaro Carneiro, Ledo Ivo, Leo Lynce, Luís Delfino, Odilon Nestor, Olavo Bilac, Otacílio de Azevedo, Pedro Kilkerry, Pedro Saturnino, Plínio Ramos Coelho, Raimundo Correia, Sueiro Lobato, Tasso da Silveira e Viriato Gaspar. Inclui 60 xilogravuras e o texto “Leonardo Alencar e a arte do avesso”. Disponível em: <http://confrariadosbibliofilos.com.br/a-confraria>.

Voltando a discussão sobre o conceito de intelectual criador e mediador, nesse sentido, Leonardo Alencar, além de intelectual criador, pode ser definido também como um intelectual mediador, por ter sido um divulgador de cultura por meio de sua arte e ao mesmo tempo organizador de exposições dessas mesmas obras de arte.

Com respeito a essa segunda noção, Leonardo também pode ser considerado um intelectual mediador por ter sido professor. Na década de 1960, foi professor das artes visuais (Artes Plásticas, Licenciatura de Desenho e Teatro) na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Em 1975, ministrou um curso de desenho na Universidade Federal de Sergipe (UFS), em Aracaju. Nos anos de 1980, ingressou como professor de arte no Centro de Criatividade de Aracaju, desde então, nesse espaço, Leonardo passou a promover oficinas de arte formando jovens e jovens professores de arte. E, a partir de 1982, passou a ministrar cursos de pintura e de história da arte para crianças, jovens e adultos em seu atelier. Em 2000 participou de um projeto social, filantrópico e educacional no Conjunto Cultural da Caixa em Salvador-Ba. Abaixo, um fragmento do jornal *A Tarde*, em que foi divulgada uma das ações formativas propostas por Leonardo:

O artista plástico e professor de arte, Leonardo Alencar estará, a partir do próximo mês de junho, realizando o curso Pintura e Criação, no Conjunto Cultural da Caixa, na Rua Carlos Gomes, 57, com o objetivo de passar informações básicas das técnicas de pintura e desenho para iniciantes, incluindo um módulo para alunos em nível avançado. As vagas serão doadas às instituições convidadas que desenvolvem atividades de caráter social, filantrópico e educacional. O objetivo do projeto é estimular a investigação dos processos técnicos da criação artística e propiciar o aprendizado, lazer e apreciação estética. As aulas terão uma grade curricular ampla e diversificada: referências de História da Arte, histórias das técnicas, desenho para estrutura pictórica e atividades em ateliê livre. (JORNAL A TARDE, 2000, s/p)

De acordo com as autoras, mediadores culturais podem ser identificados nos “leitores, contadores de histórias, guias de instituições, pais e outros agentes educadores encarregados da socialização de crianças e jovens em diversas situações” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 9). No depoimento abaixo, está um exemplo dessa mediação de Leonardo em suas aulas no seu atelier:

Ele abordava todos os temas, da arte infantil, dos livros infantis para as crianças lerem, de Monteiro Lobato, o Pequeno Príncipe, de Alice no País das Maravilhas. A gente andava muito por esse caminho, com uma coisa

consistente. Até as crianças faziam ilustrações, porque elas liam o texto, a gente lia para elas e elas faziam as ilustrações, elas crianças ainda, mas faziam. Crianças assim, 6, 8, 10 anos, mas elas faziam. (Entrevista com Cida, 2019)

Figura 10 - Leonardo Alencar, Palestra Centro de Criatividade, 2008



Fonte: Acervo Centro de Criatividade João Alves Filho, Aracaju-Sergipe.

A figura 10 mostra Leonardo Alencar palestrando na IV Jornada de Arte e Educação, em 18 de maio de 1992, no Centro de Criatividade João Alves Filho em Aracaju-Sergipe. Conforme Gomes e Hansen (2016) o intelectual mediador pode desenvolver produções culturais e atuar em diferentes espaços, sendo mediador e criador em diferentes circunstâncias, acumulando funções e posições ao longo de sua trajetória profissional (GOMES; HANSEN, 2016, p. 22). Leonardo, além de artista plástico, foi professor, cenógrafo, coordenador de Bienais, como também organizador de suas exposições.

Pode-se considerar outra mediação cultural de Leonardo, quando em 2005 se tornou membro do Movimento Cultural Antonio Garcia Filho (MAC), da Academia Sergipana de Letras (ASL), um núcleo de difusão cultural onde reúne escritores e acadêmicos. Tem por objetivo subsidiar a ASL em suas inúmeras atividades culturais, favorecendo o surgimento de novos espaços para os intelectuais sergipanos, além do agenciamento e a difusão da cultura sergipana, podendo-se considerar outra mediação cultural do Leonardo.

Dentre esses intelectuais, fizeram parte do MAC, a professora Maria Lígia Pina, o Dr. Marcelo Ribeiro, o jornalista Bemvindo Sales de Campos Neto e a advogada Luzia Nascimento, todos agora Acadêmico-Imortais da ASL. “Os mediadores, sejam indivíduos ou grupos, estão integrados em redes que se constituem em espaços propícios ao surgimento de novas maneiras de pensar e sentir.” (GOMES; HANSEN, 2016, p.33).

Sinalizam as autoras, que “os intelectuais, como atores político-sociais, são analisados a partir de uma categoria central para tal abordagem que é a de sociabilidade intelectual” (GOMES e HANSEN, 2016). Através da trajetória e trajetória intelectual de Leonardo Alencar, pode-se traçar uma estrutura de rede de sociabilidade, que permita compreender a trama social onde este intelectual esteve, atuou e constitui-se enquanto sujeito, artista plástico e professor.

Ângela de Castro Gomes (1993), em seu artigo *Essa Gente do Rio: os intelectuais cariocas e o modernismo* informa que trabalhar com o meio intelectual é procurar mapear um espaço que a noção de sociabilidade se reveste de um duplo sentido:

que está contida na ideia de rede, que remete às estruturas organizacionais da sociabilidade através de múltiplas e diferentes formas que se alteram com o tempo, mas, que têm como ponto nodal o fato de se constituírem nos *loci* de aprendizagem e trocas intelectuais. Salões, cafés, casas editoras, academias, escolas, revistas, manifestos e mesmo a correspondências de intelectuais são lugares preciosos para a análise do movimento de fermentação e circulação de ideias. Como se formam e sobre que elementos se estruturam são questões que, quando respondidas, muito podem esclarecer a respeito da vitalidade de um conjunto de ideias e de sua transformação em ideias hegemônicas no meio intelectual mais amplo e até na sociedade. A segunda acepção dessa noção está como que secretada nas redes que estruturam as relações entre os intelectuais. Ela é constituída pelo que a literatura chama de "microclimas" que caracterizariam estes "pequenos mundos" em particular. Ou seja, se o espaço da sociabilidade é "geográfico", é também "afetivo", nele se podendo e devendo recortar não só vínculos de amizade/cumplicidade e de hostilidade/rivalidade, como também a marca de uma certa sensibilidade produzida e cimentada por evento, personalidade ou grupo especiais. Na terminologia de Sirinelli, trata-se de um "ecossistema" onde amores ódios, ideais e ilusões perdidas se chocam, fazendo parte da organização da vida relacional. (GOMES, 1993, p.65)

Os vínculos de amizade, ou ao menos de convívio profissional, com amigos e pintores como Álvaro e Florival Santos, Jenner Augusto, José Ignácio e o pintor e professor Jordão de Oliveira, formavam talvez esse “pequeno mundo” do qual fala a autora, na trajetória de Leonardo. Amizades essas, que foram a mola propulsora das

primeiras projeções de Leonardo como artista plástico. Os primeiros, os irmãos, Álvaro e Florival, amigos e conterrâneos de Leonardo, juntos, realizaram a primeira exposição no Palácio Olímpio Campos, em Aracaju no ano de 1959.

Figura 11- *Exposição Coletiva de Arte*, 1959

O NORDESTE
 ORGÃO DO P. T. B. NO ESTADO DE SERGIPE
 Diretor-Proprietário: FRANCISCO DE ARAUJO MACEDO
 Diretor-Superintendente: ORLANDO MILITÃO DE ARAUJO — Gerente: A. MARRERA
 Redator-Chefe: NUNES MENDONÇA
 ANO IX | Aracaju, Quarta-feira, 1 de Abril de 1959 | N.º 1136

Os Ideais da Revolução
 de 30 continuam

PTB

O PTB é uma Revolução
 Em Marcha

Exposição Coletiva de Arte

No dia 29 do mês p.p., no salão de palácio Olímpio Campos, onde funcionava a Secretaria da Justiça e Interior, realizou-se a abertura solene de Exposição Coletiva da Arte, promovida por ilustres pintores conterrâneos, com o apóio do Sr. Governador do Estado.

A Exposição Coletiva de Arte, que estará franqueada ao público até o dia 29 do corrente, ostenta trabalhos de 13 artistas sergipanos, sendo 56 pinturas e 15 desenhos.

Integraram a Comissão Organizadora da Exposição, os pintores Álvaro Santos, Florival Santos e Leonardo de Alencar.

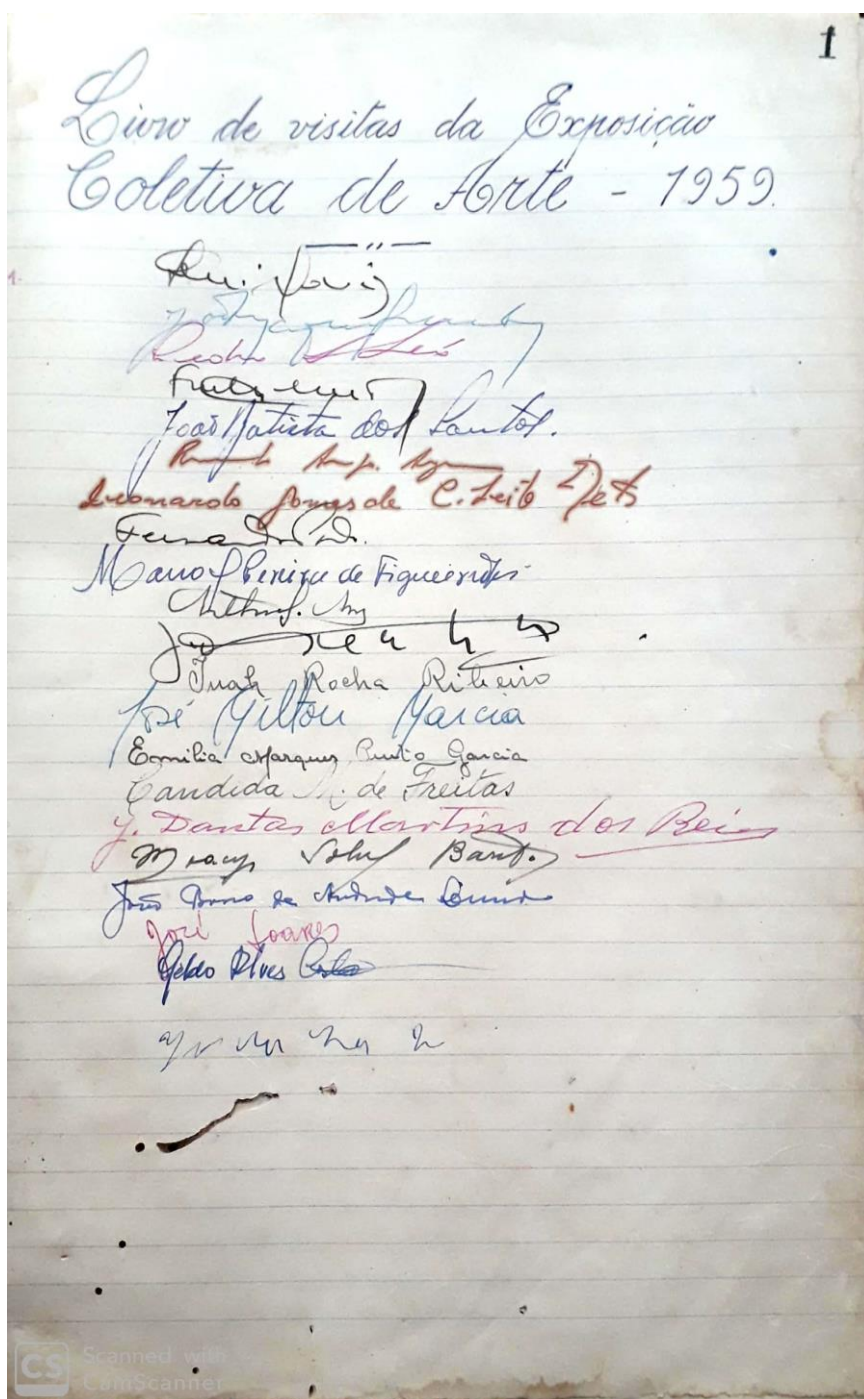
E pensamento da Comissão Organizadora promover a realização de conferências sobre arte, no recinto da Exposição, em dias e horas que serão previamente anunciados, para o que já foram convidados alguns intelectuais patricios, tendo sido o nosso Redator-Chefe, Professor Nunes Mendonça, solicitada a falar sobre o tema: «Arte e Educação».

Merece ser louvado o esforço e o idealismo dos artistas sergipanos que, vencendo a indiferença do meio ambiente, se afirmam cada vez mais, com ousações, no plano da Arte e da Cultura.

Fonte: Acervo on-line da UFS – Jornais de Sergipe.

No recorte do Jornal “O Nordeste” (figura 11), ficou registrado esse evento, a primeira exposição de Leonardo Alencar, realizado no salão do palácio Olímpio Campos, intitulada *Exposição Coletiva de Arte*, no dia 29 de março de 1959, que ficou aberta ao público até o dia 29 do mês seguinte. Na ocasião esteve expostos trabalhos de 13 artistas sergipanos, sendo 56 pinturas e 15 desenhos. Na qual, Leonardo, foi também um dos organizadores junto com os pintores Álvaro Santos e Florival Santos. Esteve prestigiando o evento entre vários patricios intelectuais, o Professor Nunes Mendonça, que na solenidade de abertura falou sobre o tema “Arte e Educação”.

Figura 12 - Livro de visitas da *Exposição Coletiva de Arte*, 1959, p.1



Fonte: Acervo IHGS.

A figura 12 trata-se da primeira página do livro de visitas da *Exposição Coletiva de Arte* em 1959, no palácio Olímpio Campos. A primeira assinatura foi Luiz Garcia, o então governador do Estado de Sergipe, seguido pelas mais ilustres personalidades sergipanas, conforme transcritas abaixo:

Livro de visitas da Exposição Coletiva de Arte – 1959 – 1

Luiz Garcia

Ilegível

Pedro Iroiton Leó

Ilegível

João Batista dos Santos

Ilegível

Leonardo Gomes de C. Leite Neto

Fernando Porto

Manoel Pereira de Figueiredo

Ilegível

Ilegível

Inah Rocha Ribeiro

José Milton Márcia

Emília Marcia Pinto Garcia

Cândida A. de Freitas

João Dantas Martins dos Reis

Ilegível

João Gomes de Andrade Lima

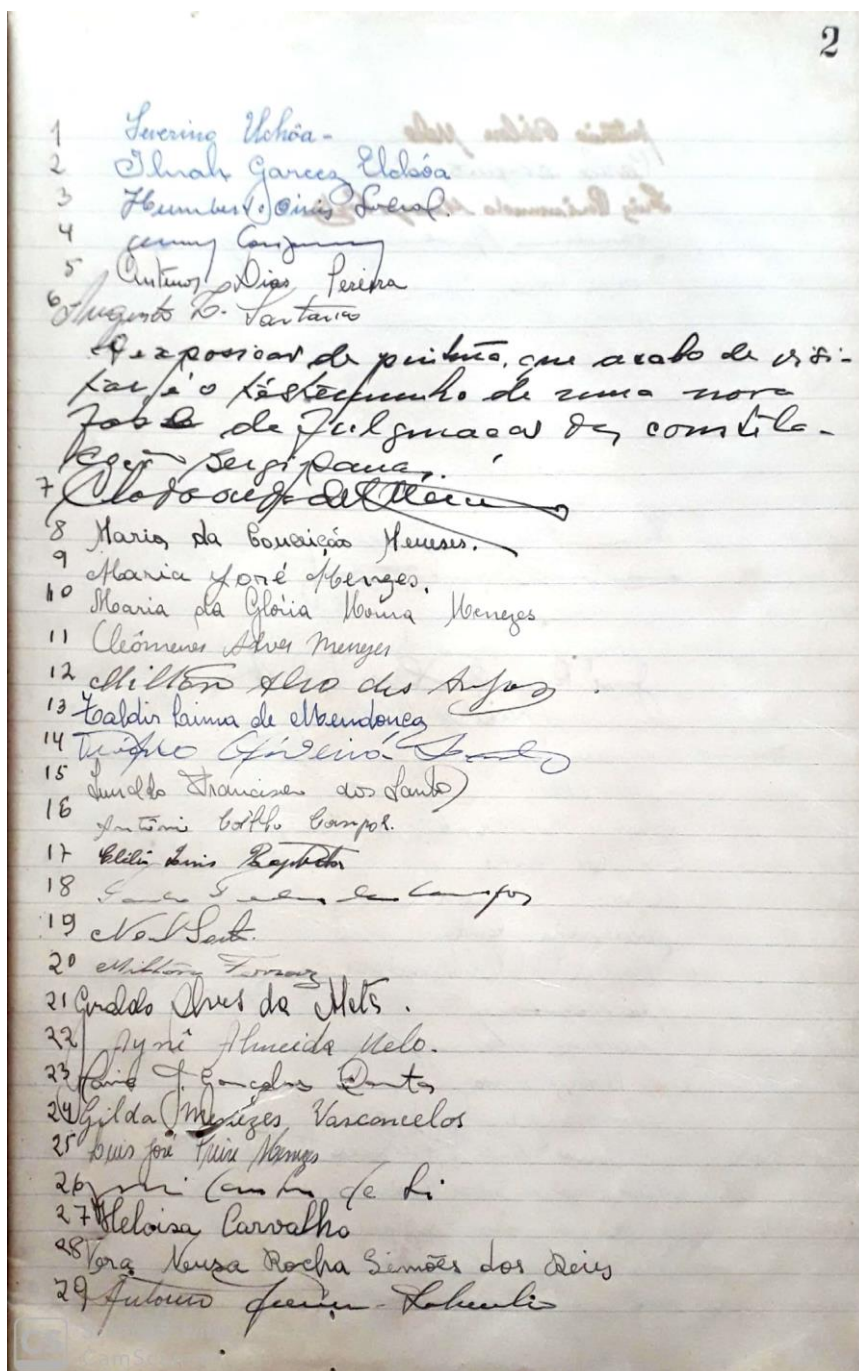
José Soares

Geraldo Alves Castro

Ilegível

(INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE, 1959, p. 1)

Figura 13 - Livro de visitas da *Exposição Coletiva de Arte*, 1959, p.2



Fonte: Acervo IHGS.

Na figura 13, a segunda página do livro de visitas da *Exposição Coletiva de Arte* em 1959, no palácio Olímpio Campos. Nessa página, destacam-se assinaturas de ilustres personalidades de Aracaju e a mensagem do pai de Leonardo, transcritas abaixo:

Livro de visitas da Exposição Coletiva de Arte – 1959 – 2.

1 Luciano Uchôa

2 Inah Garcez Uchôa

3 Humberto O. Sobral

4 Ilegível

5 Antenor Dias Pereira

6 Augusto L. Santana

A exposição de pintura, que acabo de visitar, é o testemunho de uma nova fase de fulguração das constelações sergipanas.

7 Clodoaldo de Alencar

8 Maria da Conceição Menezes

9 Maria José Menezes

10 Maria da Glória M. Menezes

11 Cleomeno Alves Menezes

12 Milton Alves de Araújo

13 Zaldir Lima de Mendonça

14 Antonio Oliveira Santos

15 Geraldo Francisco dos Santos

16 Antônio Coêlho Santos

17 Ilegível

18 Ilegível

19 Noel Santos

20 Milton Ferraz

21 Geraldo Alves da M.

22 Aynê Almeida Melo

23 Maria J. Goncalves Dantas

24 Gilda Menezes Vasconcelos

25 Luiz José Freire Menezes

26 Ilegível

27 Heloisa Carvalho

28 Vera Neuza Rocha Simões dos Reis

29 Antônio F.S.

(INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE, 1959, p. 2, Grifo nosso)

Através desse livro de visitas, foi possível constatar a presença de várias personalidades importantes em Aracaju, nesse evento. Além do governador do Estado, Luiz Garcia, registrou presença também, o Professor e redator-chefe do Jornal “O Nordeste”, Professor Nunes Mendonça, que na abertura do evento, falou sobre o tema: arte e educação. Observou-se ainda a presença do Procurador de Justiça Dr. Pedro Iroíto Dória Leó, Professor Fernando Porto, Professora Ligia Pina, Coronel João Dantas Martins dos Reis, o Desembargador João Gomes de Andrade Lima, Professor Antônio Garcia Filho, o Jornalista e intelectual José Rosa de Oliveira Neto, Professora Aglaé Dávila Fontes e muitas outras personalidades intelectuais, provavelmente pessoas ligadas à rede de sociabilidade dos familiares de Leonardo Alencar.

Outro importante evento no início de sua atuação artística foi a sua primeira exposição no Rio de Janeiro e fora do Estado de Sergipe, organizada e patrocinada

pelo Professor e pintor, Jordão de Oliveira⁹, na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), em 1961. Na ocasião, para incentivá-lo, o professor Jordão levou várias figuras das artes plásticas brasileiras, entre elas Oswaldo Goeldi¹⁰, que elogiou principalmente seus desenhos. Recordou Leonardo, em sua Exposição Terra Adentro, Mar Afora em 2011, nesse mesmo local

Quando em venho ao Rio, Rio de Janeiro, eu me reencontro, por que minha primeira exposição, fora de Sergipe, foi no Rio de Janeiro, na Escola Nacional de Belas Artes, ali na Rua Araújo Porto Alegre, uma exposição patrocinada pelo grande pintor e grande professor Jordão de Oliveira. (ALENCAR, 2011).

Figura 14 – Leonardo Alencar. Desenho, S/D



Fonte: Acervo de Racylda Aragão de Alencar.

No desenho (figura 14), sem título, as mulheres retratadas, uma de frente e outra de perfil, não foram possíveis serem identificadas. Trata-se de uma amostra dos desenhos de Leonardo de Alencar.

⁹ Jordão Eduardo de Oliveira Nunes (Aracaju, 1900 - Rio de Janeiro, 1980), foi pintor, professor, poeta e escritor, aluno e professor na ENBA.

¹⁰ Oswaldo Goeldi (Rio de Janeiro, 1895-1961), foi pintor, desenhista, gravador, ilustrador e professor, considerado um dos grandes nomes do Modernismo brasileiro nas Artes Plástica do século XX.

Pelas listas de assinaturas da *Exposição Coletiva de Arte*, realizada no dia 29 de março de 1959, percebe-se o espaço de sociabilidade de Leonardo de Alencar e de seus familiares. E da mesma forma, os níveis de amizade e afetividade do Professor Jordão, que além de apoiar e organizar a exposição de Leonardo na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro em 1961, para incentivá-lo convidou artistas e intelectuais como Oswaldo Goeldi, segundo Gomes (1993) “[...] se o espaço da sociabilidade é "geográfico", é também "afetivo", nele se podendo e devendo recortar não só vínculos de amizade/cumplicidade e de hostilidade/rivalidade, como também a marca de uma certa sensibilidade produzida e cimentada por evento, personalidade ou grupo especiais”.

Na Escola de Belas Artes na Universidade Federal da Bahia, pode-se deduzir que foi um local de formação de rede de sociabilidades para Leonardo, com os encontros com seus pares e através das trocas de aprendizagens. Segundo as reflexões de Gomes (1993), de acordo com sua noção de sociabilidade pode-se pensar seu engajamento e as redes de sociabilidades que lhe garantiram trânsito nesse campo da arte e sua projeção como artista plástico.

A trajetória de Leonardo Alencar foi marcada pelas experiências vivenciadas em Salvador, fundamentalmente em torno da Escola das Belas Artes (UFBA). Quando Leonardo chegou em 1960, encontrou em Salvador um “forte poder de atração exercido pelo vibrante e envolvente ambiente artístico” (SANTOS, 2018, p. 59).

A proximidade geográfica e os recursos que estão disponíveis lá fizeram de Salvador a cidade escolhida por muitos estudiosos da arte e artistas de Sergipe. E Leonardo, não foi o único nem o primeiro, José de Dome e Jenner Augusto já atuavam em Salvador e recepcionaram Leonardo. Em Salvador, Leonardo não encontrou apenas um ambiente favorável no que pretendia fazer, como também participou e se integrou aos grupos e as redes criadas pelo ambiente artístico e envolvidas na cultura baiana. Pode-se perceber tal movimento conforme a afirmação do Jornalista Francisco Gil Santos, publicado em seu blog em dezembro de 2014:

Pertencente ao séquito do romancista Jorge Amado, Leonardo Alencar passou a conviver com os sergipanos, Jenner Augusto e Zé De Dome e os baianos, Calasans Neto, Sante Scaldaferrì, Mário Cravo, Carlos Bastos, Kennedy, Raimundo Oliveira, Lênio Braga, Genaro de Carvalho, Ângelo Roberto, Emanuel Araújo, Mirabeau Sampaio e os radicados baianos, Floriano Teixeira, Caribé e Hansen Bahia. Nossa amizade começaria anos

depois, por simples coincidência, num dos encontros domingueiros em Itapuã, na casa do poeinha Vinícius de Moraes e sua companheira a atriz baiana Gessy Gesse. (SANTOS, 2014, s/p)

Além desse grupo de artistas e intelectuais com os quais conviveu e compartilhou desse momento de efervescência cultural que a Bahia foi tomada naquele período, Leonardo manteve vínculos de amizade, ou ao menos de convívio profissional com outras personalidades envolvidas no meio cultural na Bahia como o alemão Sr. Ernst August Teves. Segundo palavras do prof. Juarez Paraiso, na década de 1960, o alemão chamado Ernst August Teves, esteve presente em Salvador, por motivos não declarados. Conheceu, conviveu na cidade, inclusive no meio artístico e decidiu criar ali uma fundação com o nome dele – Fundação Cultural Ernst Teves.

Do meio artístico, ele convidou o Leonardo Alencar para ser o coordenador geral do grupo de trabalho para a implantação desta Fundação, e Juarez Paraiso para ser o coordenador de arte. Projeto esse que não foi concluído uma vez que seu principal idealizador e financiador decidiu sair do Brasil. Ernest Teves sentiu-se abalado e inseguro quando o embaixador alemão Ehrenfried Von Holleben foi sequestrado no Rio de Janeiro, em 11 de junho de 1970, por grupos guerrilheiros do Brasil. Na mesma época os embaixadores dos Estados Unidos (USA), do Japão e da Suíça também tinham sido sequestrados.

Depois deste episódio, Leonardo viajou várias vezes para Alemanha a convite de Ernst Teves realizando viagens de estudo e exposições individuais. Em 1970 recebeu uma bolsa como artista residente num programa elaborado pela empresa de Ernst Teves. Leonardo viajou pela Europa expondo e aprofundando conhecimentos antes de fixar residência em Londres, onde permaneceu até 1974.

É interessante esclarecer que o Sr. Ernst August Teves, além de grande empresário da indústria automotiva (Volkswagen), foi também um grande apreciador das Artes e da Cultura, inclusive conhecido pelo meio como um mecenas, não só na área artística, como também ajudava outros profissionais em início de carreira em diferentes áreas, cujo objetivo dessas doações seria obter abatimentos em impostos.

Como registro, tem-se que o Ernst Teves, durante muitos anos de sua vida fez parte do “Comitê Administrativo da Associação de Museus” de sua cidade natal, Frankfurt, na Alemanha. Durante seu período de férias viajava conhecendo outros lugares, e gostava muito do Brasil. Como apreciador de arte, durante suas viagens

passando por Salvador, foi a uma exposição coletiva, onde comprou um quadro, procurou saber quem era o artista criador. Ao conhecer Leonardo, poliglota, conseguiu se comunicar bem, e nasceu ali uma amizade, conforme depoimento da participante Fátima Maria, sua esposa na época:

A primeira viagem foi uma viagem, porque tinha um senhor que ele era mecenas e ele, o que ele ajudava um jovem, não era descontado em imposto de renda. Então, tinha vários jovens que ele ajudava em várias áreas: arte, ciências, medicina. E ele comprou uns quadros de Leonardo e ele frequentou lá em casa tudo... E ele deu uma viagem para Leonardo ver onde ele queria aprimorar a arte dele. Foram nove meses de viagem. Ernst August Teves". (Entrevista de Fátima Maria, 2019)

O Sr. Ernst Teves passou então a patrocinar Leonardo, em viagens para a Europa, inclusive expondo em diversos espaços na Alemanha, Londres e Paris. É importante ressaltar que em muitas vezes os participantes diante de alguns tópicos, optaram pelo silêncio. Nesse sentido, muitas lacunas não conseguem ser preenchidas, como exemplo, não foi possível esclarecer o que o Sr. Teves fazia no Brasil que justificasse abrir uma Fundação Cultural com seu nome.

Leonardo, em sua passagem pela Bahia, no início de sua carreira foi ilustrador para os seguintes jornais: *A Tarde*, *Jornal da Bahia*, *Diário de Notícias* e inclusive para a *Revista da Bahia*. Esses meios se constituíam como locais de aprendizagens e troca, Gomes (1993). Pode-se dizer que para Leonardo constituíram-se em relações que muito contribuíram na divulgação de suas exposições, de sua obra, de sua arte, Clarival do Prado Valladares, foi crítico de arte do Diário de Notícias em 1962, declara:

Ali estava, sob todo rigor de observação, uma obra de arte construída, consistente e já dotada de estilo individual. Havia a marca de invenção, comandada pela seriedade duma disciplina rareada. Uma obra suficientemente realizada para um crítico comentá-la por suas qualidades inerentes. (VALLADARES, 1962, s/p)

Ivo Vellame foi professor da Escola de Belas Artes na UFBA, e crítico de arte e membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte e da Associação Internacional de Críticos de Arte. Em 1984, pontuou que Leonardo nos anos sessenta vivia envolto ao grupo de intelectuais e artistas da época que frequentavam

a Escola de Belas em Salvador, desenvolvendo várias técnicas especialmente a gravura e a xilogravura:

Acho oportuno lembrar que nos anos 60, frequentava o velho casarão da Escola de Belas Artes, na Rua 28 de setembro, um grupo de jovens valores que haveria de emprestar um grande brilho às artes baianas e, entre estes jovens, destacava-se o sergipano Leonardo Alencar. Estavam encantados pela técnica-Gravura, especialmente a xilogravura. Domina entre eles o estilo expressionista e Leonardo é um gravador expressionista. A pintura de Leonardo é tecida de beleza. Permitam-se uma correção – é tecida de expressão. Não me agrada muito a palavra beleza; tem sido muito usada e pouco traduz. Tantas coisas que identificamos bela e nada têm de expressivas. (VELLAME, 1984 s/p)

Figura 15 – Leonardo Alencar. Tela sem título, 1993



Fonte: Catálogo “Terra Adentro, Mar Afora” – 2009.

Nesta tela, uma xilogravura de 1993, sem título (figura 15), nota-se a imagem de uma mulher negra, que chora pela morte de seu filho representado por uma caveira. Essa interpretação é da pesquisadora, que se sentiu à vontade conforme o comentário do artista: “eu procuro sempre fazer o meu trabalho, de uma maneira

que, sempre, a pessoa possa opinar e pra que o expectador participe também do processo criativo” (ALENCAR, 2012, s/p).

Em sua criação artística, Leonardo perpassou por mais de uma fase, inicialmente dedicou-se ao impressionismo, nessa época suas telas transmitiam intensa emoção, explorou as paisagens das dunas das praias sergipanas e baianas. (NASCIMENTO, 2006). Vale frisar que não foi encontrado registro de obras do início da carreira do artista, com exceção dos *Catadores de Massunim na praia 23 de julho* de 1959 (figura 32), que faz parte do acervo da filha de Leonardo. Encontrou-se registro de obras somente a partir de 1980.

Figura 16 – Leonardo Alencar. Tela sem título, 1995



Fonte: Catálogo “Terra Adentro, Mar Afora”, 2009.

A figura 16, sem título, acrílica sobre tela, de 1995, faz parte da coleção de Max Rollemberg. Ressaltam-se as cores fortes e a expressividade na arte de Leonardo que em umas de suas fases adotou temas da vida marinha, e pintou peixes, que são símbolos cristãos, conforme as palavras do artista que comentou sobre esses trabalhos,

Quanto aos peixes, estou trabalhando numa série de 25 trabalhos a óleo. Acho que é a forma plástica mais fácil, porém de grande conotação simbólica. Mas creio a relação plano objeto na figura do peixe é muito difícil e exige uma

participação criadora muito forte. Aí o artista tem de dar tudo de si para uma boa composição plástica. (ALENCAR, 1975, s/p)

Leonardo observou ainda que o mar sempre exerceu muita influencia em sua arte, e que sempre foi motivado pela presença do mar e do homem do mar,

Hoje, por exemplo, vejo com tristeza duas poderosas máquinas destruindo ou aniquilando o mar e o pescador. A primeira delas é a indústria, a tecnologia que lança diariamente toneladas de detritos os mais diversos, e, a segunda é o turismo, que traz como consequência a quebra da ingenuidade, do calor e aconchego humano, da gente simples humano da gente simples que é o pescador. Sua vida está cada vez mais difícil porque os peixes estão cada vez mais longe da beira da praia, devido à poluição e o barulho das cidades. Assim, sua vida, além de mais difícil, corre maior risco porque são obrigados a velejar por várias milhas em busca do sustento. (ALENCAR, 1975, s/p)

Em seu depoimento o Professor Juarez, comentou sobre como Leonardo gostava dos temas do mar, de pintar peixes e também pássaros,

[...] o tema do Leonardo, de um modo em geral, era muito variado. Agora, eu me lembro bem que ele focava muito assim no mar também, marinheiro, no mar, pássaros...Ele tem uma fase de pássaros, peixes, peixes. Muitos peixes e pássaros. Essa fase demorou muito. (Entrevista com Prof. Juarez, 2019)

Figura 17 – Leonardo Alencar. Tela sem título, 2008



Fonte: Catálogo “Terra Adentro, Mar Afora”, 2009.

A figura 17, sem título, acrílica sobre tela, faz parte da coleção de Osmário Santos, um cavalo selvagem, destacando-se os tons azuis. Os cavalos, para Leonardo, representavam o seu eu, a sua força criativa. O artista explicou que,

[...] o cavalo sempre teve participação muito importante para a humanidade, como meio de transporte em tempos de paz ou na guerra. Até na Alquimia, o cavalo está presente e veio a figura do cavalo selvagem, aquele que melhor representa uma artista criador. O cavalo selvagem sou eu e todos aqueles que têm força de criar. (ALENCAR, 1975, s/p)

Figura 18 - Leonardo Alencar no seu ateliê, S/D



Fonte: Catálogo “Terra Adentro, Mar Afora” – 2009.

Na figura 18, Leonardo em seu ateliê, enquanto pintava a coleção *Terra Adentro, Mar Afora*, a pintura, acrílica sobre tela, destaca o arlequim, a renda, que sugere os sonhos, a emoção e o dia a dia das pessoas. O peixe e o mar são o além dos mares, a arte que vai navegar para outros países.

A partir de 1970, Leonardo passou a se inspirar nos personagens da *Commedia Dell'arte*¹¹ italiana com os arlequins, pierrôs e colombinas. Em 2009, para a comemoração de seus setenta anos de vida e cinquenta anos de arte, lançou uma coleção inspirados nesses personagens com a publicação do catálogo intitulado *Terra Adentro, Mar Afora*.

Figura 19 – Leonardo Alencar. Tela sem título, 1982



Fonte: Catálogo “Terra Adentro, Mar Afora” – 2009.

Nesta tela (figura 19) de 1982, acrílica sobre tela, da coleção de Benvindo de Salles de Campos. Retrata as frutas regionais, como a melancia, o caju, e os passáros como se estivesse brigando pelo alimento, as frutas nativas, sob um intenso céu azul. Essa é mais uma interpretação da pesquisadora da obra de Leonardo.

¹¹ No século XVI, na dicotomia entre o teatro da corte e o teatro popular, nasce nas ruas um teatro improvisado *Commedia Dell'arte* (1545) tendo como integrantes centrais: o Arlequim, a Colombina e o Pierrô, que inspiraram artistas plásticos de todas as nacionalidades para a produção de obras multifacetadas.

Outros temas presentes na arte de Leonardo são os felinos, as aves e os motivos da vida diária, podendo-se observar a sua tendência para o expressionismo. Sedimentando a sua pintura e desenhos com dois aspectos primordiais sendo um técnico e outro paisagístico: o primeiro se traduz numa forte acentuação do traço e das cores puras, enquanto que o segundo significa a libertação emocional e psicológica, muitas vezes ligadas ao subconsciente. (NASCIMENTO, 2006)

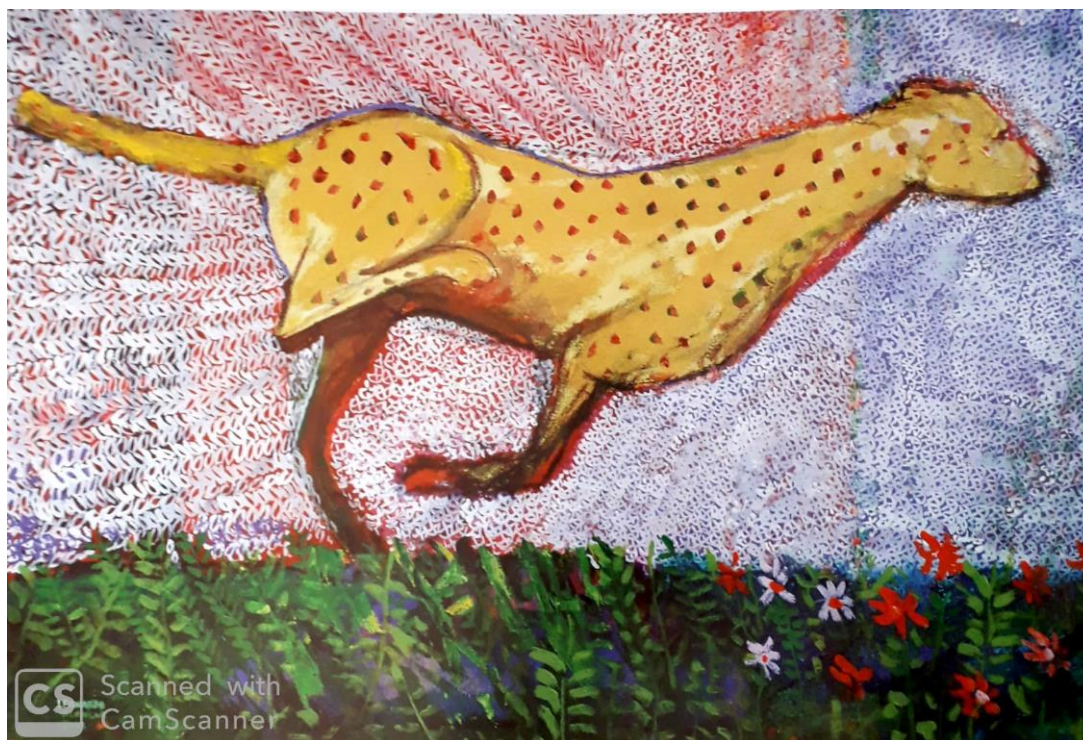
Figura 20 – Leonardo Alencar. Tela sem título, 1984



Fonte: Catálogo “Terra Adentro, Mar Afora”, 2009.

Na figura 20, acrílica sobre tela de 1984, retrata uma mulher negra com um cesto na cabeça contendo frutas nativas, o caju. Uma cena da vida diária da região, a coleta e a venda do caju, para ajudar no sustento da família. Essa interpretação também foi da pesquisadora.

Figura 21 – Leonardo Alencar. Tela sem título, 2008



Fonte: Catálogo “Terra Adentro, Mar Afora”, 2009.

Na figura 21, pintada em 2008, acrílica sobre tela, nota-se a sensibilidade da arte de Leonardo, ao mesclar na sua pintura a delicadeza da renda e das flores com um felino selvagem como um guepardo.

Para Colangelo (1978), o expressionismo é uma tendência artística de instinto, de pinceladas nervosas e por isso considerada, pelos seus seguidores mais espontânea. Pode-se afirmar que as premissas do expressionismo surgiram com Van Gogh, Gauguin e Toulouse Lautrec, deslançando com um movimento que arregimentou muitos artistas europeus (NASCIMENTO, 2006). O expressionismo no Brasil e no mundo foi uma corrente que marcou o circuito artístico por apresentar uma forte vertente de vanguarda. Prestigiando a subjetividade e destacando o caráter emocional. Esse movimento surgiu entre o fim do século XIX e o início do século XX, na Alemanha, chegando ao Brasil no começo da década de 1900.

O expressionismo está presente nas artes plásticas, na arquitetura, no cinema e na literatura. Entre suas características, pode-se citar: o distanciamento da figuratividade; o uso de traços e cores fortes; desvincular a beleza da arte; a repetição de temáticas voltadas para o sofrimento e dor; o descompromisso de retratar a realidade de forma fiel; a valorização da emoção e da intuição; o domínio

de pinceladas desconexas na pintura; a presença de cores contrastantes e de temas carregados de críticas à sociedade (PROENÇA, 2010).

Figura 22 – Leonardo Alencar. Tela sem título, 2010



Fonte: Blog do artista. Disponível em:
<https://www.flickr.com/photos/leonardoalencar/with/8103742058/>.

Na figura 22, acrílica sobre tela, da coleção Terra Adentro, Mar Afora, um arlequim mascarado para o carnaval, observam-se ainda os pássaros e o mosaico do rendendê sergipano. Destaca-se nessas pinturas principalmente a mistura das cores fortes, a sensibilidade e a expressividade, características do expressionismo de Leonardo Alencar.

No Brasil, o movimento encontrou sua máxima representação em Anita Malfatti, Cândido Portinari, e Lasar Segall. Portinari se tornou famoso com seus trabalhos em tons de vermelho que destacavam as desigualdades existentes no Brasil. Já Malfatti por exprimir sentimentos variados, indo do medo à alegria em suas telas vibrantes. Lasar Segall se dedicou a personagens marginalizados da sociedade.

Figura 23 - Leonardo Alencar e o Casal Antonio Olinto e Zora Seljan, 1971



Fonte: Blog do Artista. Disponível em:
<https://www.flickr.com/photos/leonardoalencar/with/8103742058/>.

Na figura 23, Leonardo Alencar, Zora Seljan e o Adido Cultural Antonio Olinto, no *vernissage* na *Gallery Petit* de Londres. A partir de 1971, Leonardo passou a expor no exterior sob o patrocínio do Sr. Ernst Teves. O casal Antonio Olinto e Zora Seljan prestigiou Leonardo na primeira exposição em Londres. Antonio Olinto, escritor brasileiro, nesse período foi Adido Cultural¹² em Londres, o qual intermediou exposições de Leonardo em outros espaços na cidade inglesa. Zora Seljan foi uma teatróloga, romancista, cronista, colunista e crítica de teatro brasileira. Em 1984, escreveu sobre Leonardo e sua arte,

¹² Adido Cultural - Funcionário que representa interesses culturais do seu país no estrangeiro.

A maioria dos quadros do pintor sergipano, Leonardo Alencar está hoje espalhada pelo mundo. Poucos brasileiros possuem obra sua e, no entanto, uma coleção importantíssima, de sua primeira fase, é muito admirada na Alemanha, fazendo parte do acervo da Fundação de Hamburgo. Leonardo morou em Londres, durante alguns anos na década dos setenta. Ali pintou com grande fertilidade quadro que merecem atenção e os elogios dos críticos da tão fria Inglaterra [...] Em Londres, o *Marchand* de Tableau Aliska Bierer, sempre me pergunta por ele desejando fazer novas exposições de Leonardo, o crítico Sheldon Willians também não o esquece. Não só o crítico inglês, eu também tenho certeza de que Leonardo Alencar é, foi, e será um dos grandes na pintura brasileira. (SELJAN, 1984, s/p)

Figura 24 - Leonardo Alencar, na *Gallery Petit*-Londres, 1971



Fonte: Blog do Artista. Disponível em:

<https://www.flickr.com/photos/leonardoalencar/with/8103742058/>.

Na figura 24, personalidades que prestigiaram o *vernissage* na *Gallery Petit* em Londres. Da esquerda para a direita: Renato Mendonça (Embaixador do Brasil em Gana), Sérgio Correa da Costa (Embaixador do Brasil na Inglaterra) e Leonardo Alencar.

No acervo pessoal do artista, encontraram-se recortes de revistas com texto de vários críticos de arte e jornalistas brasileiros e estrangeiros que escreveram sobre sua obra. O crítico de arte Sheldon Willams em um texto intitulado *Um sergipano em Londres*, comentou:

Alencar fornece três soluções visuais satisfatórias para o complexo problema de pintura. Ele nunca é restrito no zelo inventivo. Manipula sua matéria prima com plena habilidade profissional e consegue arrancar o mesmo impacto de um simples peixe solitário, em paz no seu habitat de oceano azul como também consegue nas sagradas complicações da pintura religiosa. Dentro desta mescla de temas simples, pintura direta do cotidiano, é nítido ver-se que ele introduz um talento e uma experiência do teatro para

o qual criou montagens e de filmes documentário, de cujas produções, Leonardo participou significativamente. (WILLIAMS, 1971, s/p)

David H. Webb da Galeria *The London Art Scene*, em seu texto no *London/Weekly Diary of Social Events* (Diário Semanal de Eventos Sociais de Londres), em março de 1971, escreveu sobre a obra de Leonardo:

Leonardo Alencar, um artista brasileiro de 30 anos com uma confiança e força, se enquadra basicamente em três categorias: paisagens marítimas terrestres, criações humanas alegóricas e peixes. Os últimos são incrivelmente vívidos, frívolos, divertidos e não pretendem ser levados muito a sério. Mas eles encantam, no seu gestual, olhos arregalados imersos nas quentes profundezas brasileiras e as cores são as mais vibrantes. Mas quem conhece os peixes? (WEBB, 1971, s/p)

Figura 25 – Leonardo Alencar. Tela sem título, 2002



Fonte: Catálogo Terra Adentro, Mar Afora – 2009.

Na figura 25, sem título, de 2002, acrílica sobre tela, pertencente ao acervo do Banese, percebe-se dois peixes sobrepostos, destacam-se as cores vibrantes.

Na revista *Manchete* em 1971, o Jornalista e dramaturgo Raimundo Magalhães Junior, falou sobre *Um sergipano em Paris* e de sua exposição na Galeria *Chardin*,

O dia 7 de setembro foi assinalado, em PARIS, por um interessante acontecimento artístico a inauguração da exposição de pintura do sergipano LEONARDO ALENCAR na Galeria *Chardin*, localizada no nº 36 de *Rue de Seine*. Essa exposição permanecerá aberta até o dia 24 deste mês. Não é a

primeira vez que um pintor brasileiro expõe em Paris. Já o fez muito outros, como Tarsila do Amaral, Cândido Portinari, Di Cavalcanti, Noêmia Mourão, etc. Mas curioso, por que na EUROPA é que começa a se irradiar o seu nome. O nosso Adido Cultural em Londres, Antonio Olinto, que já apresentou na Inglaterra vários artistas brasileiros, convidou-o no início deste ano a visitar a capital inglesa. Em Londres Leonardo Alencar fez exposições individuais, uma delas na *Galerie Petit*, Inaugurou a *Elvaston Gallery*. Alguns de seus quadros, representando peixes brasileiros, mereceram referência de Lorraine Craig, na *ARTS REVIEW*. E suas paisagens rurais entusiasmaram Sheldon Williams, da revista *Times*. Na exposição coletiva do *Elvaston Gallery* – de muita boa qualidade – a contribuição de Leonardo Alencar se destacava nitidamente sobre as demais. E estou certo de que a exposição atual, em Paris, será para ele um novo sucesso. (MAGALHÃES JUNIOR, 1971, s/p)

Muitos outros jornalistas, críticos de arte, artistas plástico como Mário Cravo Júnior, o artista plástico César Romero, o médico e professor (UFS) e editor do Jornal a Gazeta de Sergipe Prof. Dr. José Abud, Professora Ofenísia Soares Monteiro, o Jornalista Ludovice José, entre outros intelectuais contribuíram com suas críticas e escritos sobre Leonardo e sua obra em revistas e jornais durante sua trajetória, conforme demonstrado no quadro abaixo.

Quadro 04 – Mapeamento de críticos e jornalista sobre a obra de Leonardo Alencar

CRÍTICO	DATA	FRAGMENTO	LOCAL	VEÍCULO
Clarival de Prado Valadares	1962	“A marca da invenção comandada pela seriedade de uma disciplina rareada”	Salvador-Ba	Diário de Notícias
Mario Cravo Junior	1966	“Suas cores têm valores e meios tons, que demonstram de certa forma, seu sofrido mundo interior e sua alta sensibilidade”	Salvador-Ba	-
Jean Chabanon	1971	“Ele se utiliza de intensas cores perfeitas: sabe também usar passagens de tons, um bom autor”	Paris-França	-
Lorraine Craig	1971	“Leonardo Alencar tem um talento superior à média”	Londres-Inglaterra	Arts Review
David H. Webb	1971	“Esta pintura colorida de Leonardo Alencar, um artista brasileiro de 30 anos com uma confiança e força...”	Londres-Inglaterra	London/Weekly Diary of Social Events
Henri Heraut	1971	“Incontestavelmente boas telas”	Paris-França	L’Amateur d’Art
Sheldon Williams	1971	“Pode-se ficar satisfeito de encontrar um artista que fez seu caminho através dos anos, com um treinamento profissional de profunda dedicação”	Londres-Inglaterra	Time
Raimundo Magalhães Junior	1971	“Alguns de seus quadros representando peixes brasileiros mereceram referências entusiásticas de Lorraine Craig da Arts Review, e suas paisagens rurais entusiasmaram Sheldon Williams, do Time”	-	Revista Manchete
José Abud	1984	“Pelo ambiente, o artista recitando com alma, a cara de menino que o tempo não destruiu o brilho de criança nos olhos que a vida não apagou”	Aracaju-SE	Gazeta de Sergipe

CRÍTICO	DATA	FRAGMENTO	LOCAL	VEÍCULO
Cesar Romero	1984	"Leonardo Alencar é um artista da terra e do mar. Da terra com seus personagens símbolos: O Homem, Cavalos, Pássaros, Gatos, Naturezas-Mortas, Flores, Frutos, Paisagens Arlequins e Pierrots. Domar com seus peixes, barcos e marinhas"	Salvador-Ba	Revista
Zora Seljan	1984	"Agora soube com alegria da exposição dos seus recentes trabalhos. Será uma excelente oportunidade para que os brasileiros possam conhecê-lo melhor"	Londres-Inglaterra	Revista
Ofenísia Soares Freire	1984	"A linha do seu talento perlustra o campo aberto da permanência e da prosperidade".	Aracaju-SE	ASL
Ludovice José	1984	"Entre peixes e aves marinhas vi a miscigenação das cores qual caleidoscópio na mutação das fases do artista"	Aracaju-SE	Jornal de Sergipe
Eelson Melo	1984	"é um pintor moderno, consciente das transformações do mundo, mas fiel à temática de suas origens, ambientada nos rios, mares e matas de Sergipe, onde vai buscar seus personagens"	Aracaju-SE	-
Ivo Vellame	1984	"potencial criativo de um notável artista, potencial somente interrompido naquele espaço de tempo que eu denomino de "fase das telas em branco" angustiante fase..."	Salvador-Ba	-
Carlos Eduardo da Rocha	1984	"Pintor de todas as coisas deste mundo. Extraordinário fixador de imagens, da natureza e da realidade do mundo corpóreo, como um verdadeiro humanista"	Salvador-Ba	-
Ezequiel Monteiro	1984	"Aliás, a liberdade de Leonardo, não é uma bandeira, Bandeira é ele. Bandeira de liberdade."	Aracaju-Sergipe	-
Juarez Conrado	1984	"Telas que empolgaram o mundo"	Salvador-Ba	Jornal A Tarde
Eurico Amado	1984	"Espantosa sensibilidade, que explode em expressões pictóricas de forma e de essência sempre renovadas"	Aracaju-SE	-
Amaral Cavalcante	1984	"Ser sergipano já é manter-se em perfeita sintonia com essas cores que nos espreitam dos coqueiros, agora sergipano e contemporâneo de Leonardo Alencar é muito mais: é ter-se o privilégio de conhecer a própria alma das cores"	Aracaju-SE	Revista Cumbuca
Ildázio Tavares	1984	"A pintura de Leonardo Alencar é antes de tudo, uma arte viva"	Salvador-Ba	-
Wilson Rocha	1984	"O processo de pintura, a dimensão pictórica, alia-se na pintura de Leonardo Alencar a uma intuição do mundo, a um sentido profundo da integração do homem no espaço"	-	-
Nelson de Araújo	1984	"Um artista que conhece a fundo os mistérios do povo nordestino"	Salvador-Bahia	UFBA
Antonio Plinto	1984	"Os "peixes" pintados por Leonardo Alencar estiveram na Universidade de Liverpool"	Londres-Inglaterra	-
José Anderson dos Nascimento	2006	"As cores de Leonardo Alencar são criativas e realizadas dentro dos processos tradicionais da pintura, marcando um clima tranquilo e capaz de induzir o apreciador das artes plásticas a um estado de sonho"	Aracaju-SE	Livro Metáfora dos Arlequins

CRÍTICO	DATA	FRAGMENTO	LOCAL	VEÍCULO
Reynivaldo Brito	1982	“Foram anos de profícuca criação. Até que um dia Leonardo desceu de seus cavalos alados, abandonou os peixes que saciam a fome de tanta gente, e rumou por uma estrada tortuosa, inacessível”	Salvador-Ba	Jornal A Tarde
Justino Marinho	1984	“Um longo caminho, uma perseguição amorosa, onde o artista, em permanente combustão, transforma ideia e gesto em obras de arte”	Salvador-Ba	Correio da Bahia
Mario Brito	2014	“Completo, ousado e atuante, Leonardo Alencar é um artista divisor de águas na cena artística sergipana”	Aracaju-SE	Revista Cumbuca
Myriam Fraga	2010	“Leonardo é das idas e vindas, agora renasce, como a Fênix, a partir das próprias cinzas”	Salvador-Ba	-
Francisco Gil	2010	“Há em sua pintura um mundo de silêncio, onde o sofrimento é uma sombra que é preciso exorcizar”	Aracaju-SE	Blog Grupo “Minha Terra é Sergipe”

Fonte: Composição da autora, a partir de coleção feita pelo acervo pessoal de Leonardo Alencar.

Leonardo deixou marcas. Mais do que isso, Leonardo fez sua história, e citando Hobsbawm (1998) para quem a história não é feita apenas pelos grandes personagens. Para esse autor a história é feita pelas pessoas que acreditam em si e no que fazem. Que não desiste de si, que não desistem de seus sonhos. Referindo-se às “pessoas comuns”, denomina-as em seu livro de “Pessoas extraordinárias”. O extraordinário, para Hobsbawm (1998), era a força dessas pessoas de não se deixarem abater diante das dificuldades e barreiras que tiveram que enfrentar para defender o que acreditavam e o que queriam para si.

Pessoas que através de ações inspiraram outras pessoas e assim mudaram o contexto de vida de muitas e até de uma época, como “os quebradores de maquinas”, como exemplo, o operário Ned Ludd, que inspirou tais manifestações impedindo ou adiando a mecanização na época da revolução industrial. Em *Sapateiros Politizados*, não era apenas a militância e o ativismo que os distinguiam, eram “excepcionais intelectuais, operários e ideólogos”. O líder da banda de jazz *Count Basie* não era letrado, não escrevia e nem lia arranjos, o extraordinário desse artista era acreditar em si mesmo, “brincava no piano até acertar” quando subia no palco destilava a essência do jazz, tal como os músicos negros a sentia.

Não se tem a intenção de descrever aqui todas as histórias trazidas no livro “Pessoas extraordinárias”, o intuito é mostrar que para o autor, pessoas extraordinárias são as pessoas dotadas de determinação, força e iniciativa para fazer-se na vida, enfrentando os limites, dificuldades, medo, imposições. Mostrar

que Leonardo se fez com muita força, coragem e determinação para se tornar o grande artista cuja trajetória demonstrou. Leonardo sabia o que queria. Nas biografias encontradas sobre o artista, afirmam que desde criança já se interessava pela arte. Mas sua família desejava que fosse um advogado, um diplomata, pois toda a família, pai e irmãos, foi uma família de juristas.

Leonardo não se deixou dobrar nem pela família, tão pouco pelo poder disciplinador das grandes instituições. Galgou seu espaço abrindo-o com base em sua alta produtividade artística e ampla atividade social. Pode-se ver Leonardo nessas pessoas das quais Hobsbawm (1998) retrata em seu livro, na sua força e determinação em construir sua identidade como artista plástico quando chegou a Salvador. Em suas iniciativas ao fazer-se expondo pelo Brasil e depois pela Europa. E em sua coragem ao reinventar-se e erguendo-se sempre que a vida assim lhe exigiu, fazendo-se também em sua trajetória, um professor de arte.

4 LEONARDO ALENCAR: terra a dentro, mar afora

Esta seção reúne o resultado de toda a busca realizada pela pesquisa. Aqui, o leitor terá uma noção a respeito da dimensão da projeção a nível nacional e internacional de Leonardo Alencar. O quadro abaixo oferece ao leitor a oportunidade de ter uma visão geral de sua obra ao longo da vida.

Na subseção da biografia, apresenta a trajetória de vida de Leonardo Alencar, aborda sua vida profissional, pessoal. Destaca o início de sua trajetória artística em Aracaju e sua ida para Salvador na Bahia, cidade onde cresceu como artista plástico, e onde viveu por vinte anos. Destaca ainda seu ingresso na Escola de Belas Artes na Universidade Federal da Bahia, como se deu sua formação artística, e seu início na docência na Escola de Teatro também na Universidade Federal da Bahia.

Na trajetória, apresenta ainda, sua passagem pela Europa onde viveu por quatro anos em Londres, e seu retorno em 1980 para Aracaju, onde fixou residência e se fez professor de arte. Porém, sem ter a pretensão de uma conclusão - pois conforme orienta Borges (2005), ao narrar os acontecimentos de uma vida, seja um verbete para enciclopédia, seja uma biografia do tipo “mergulho na alma” - os fatos passam por uma seleção permanente, pois não há outra forma de narrar uma vida a não ser selecionando o que parecer mais significativo.

4.1 Projeção Nacional e Internacional

O quadro abaixo sintetiza a projeção de Leonardo Alencar no panorama artístico nacional e internacional, a fim de dar ao leitor a oportunidade de ter uma visão geral de sua obra ao longo da vida.

Quadro 05 - Projeção de Leonardo Alencar no panorama artístico nacional e internacional

Ano	País	Estado/ Província	Cidade	Local da exposição	Tema	Tipo exposição	Abrangência
1959	Brasil	Sergipe	Aracaju	Palácio Olímpio Campos	Exposição Coletiva de Arte	Coletiva	Nacional
1960	Brasil	Bahia	Salvador	No espaço Belvedere da Sé	-	Individual	Nacional
1960	Brasil	Sergipe	Aracaju	Instituto Historia Geográfico de Sergipe	-	Individual	Nacional
1961	Brasil	Guanabara	Rio de Janeiro	Escola Nacional de Belas Artes	-	Individual	Nacional
1962	Brasil	Bahia	Salvador	Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM/BA)	-	Individual	Nacional
1963	Brasil	Bahia	Salvador	Museu da Arte Moderna da Bahia	Exposição coletiva Artistas do Nordeste	Coletiva	Nacional
1963	Brasil	Rio de Janeiro	Guanabara	Galeria do Instituto Brasil-Estados Unidos	-	Coletiva	Nacional
1963	Brasil	Rio de Janeiro	Guanabara	Galeria do Instituto Brasil-Estados Unidos	-	Individual	Nacional
1964	Brasil	Bahia	Salvador	Galeria Manoel Querino	-	Individual	Nacional
1964	Brasil	Rio de Janeiro	Guanabara	Galeria Goeldi	-	Individual	Nacional
1964	Brasil	Minas Gerais	Belo Horizonte	Salão de Arte Moderna em Belo Horizonte	-	Coletiva	Nacional
1964	Brasil	São Paulo	São Paulo	Salão Paulista de Arte Moderna em São Paulo	-	Coletiva	Nacional
1964*	Estados Unidos	Pensilvânia	Philadelphia	Commercial Museum Estados Unidos	Brazilian Festival of Art in Philadelphia	Coletiva	Internacional
1965	Estados Unidos	Califórnia	Los Angeles	Greyn Theatre Hall em Los Angeles	-	Coletiva	Internacional
1965	Espanha	Madrid	Madrid	Casa do Brasil em Madrid	-	Coletiva	Internacional
1965	Brasil	Bahia	Salvador	Galeria de Arte da Biblioteca Pública da Bahia	Exposição Comemorativa dos 154 anos de Fundação	Coletiva	Nacional
1966	Panamá		Panamá	Instituto Panamenho de Arte no Panamá	-	Individual	Internacional
1966	Brasil	Bahia	Salvador	Galeria Convivium	Exposição Coletiva Sete desenhistas Baianos.	Coletiva	Nacional
1966	Brasil	Bahia	Salvador	Convento do Carmo	Primeira Bienal Nacional de Artes Plásticas da Bahia na "Sala Especial de Gravuras na Bahia"	Coletiva	Nacional
1969	Brasil	Rio de Janeiro	Guanabara	Salão Nacional de Arte Moderna	Coletiva no Salão Nacional de Arte Moderna	Coletiva	Nacional
1971	Inglaterra		Londres	Gallery Petit	-	Individual	Internacional
1971	França			Galerie Chardin	-	Individual	Internacional

Ano	País	Estado/ Província	Cidade	Local da exposição	Tema	Tipo exposição	Abrangência
1974	Brasil	Bahia	Salvador	Galeria Cavelete	-	Individual	Nacional
1975	Brasil	Bahia	Salvador	Galeria Canizares na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia	-	Individual	Nacional
1976	Inglaterra		Londres	Ristorante Paulo's	Artistas Brasileiros	Coletiva	Internacional
1977	Alemanha	Berlim	Berlim	Fundação Hamburgo	Artistas Brasileiros	Coletiva	Internacional
1978	Alemanha	Berlim	Berlim	Museu da Arte Moderna de Frankfurt	Os Artistas Brasileiros e a Paisagem	Coletiva	Internacional
1980	Brasil	São Paulo	São Paulo	Galeria Grossmann	Inauguração na Galeria Grossmann	Coletiva	Nacional
1982	Brasil	Sergipe	Aracaju	late Clube de Aracaju	-	Individual	Nacional
1984	Brasil	Bahia	Salvador	Panorama Galeria de Arte	Exposição Coletiva de Natal: óleos, aquarelas, entalhes.	Coletiva	Nacional
1985	Brasil	Sergipe	Aracaju	late Clube de Aracaju	-	Individual	Nacional
1986	Brasil	Bahia	Salvador	Galeria Época	-	Individual	Nacional
1987	Brasil	Pernambuco	Recife	Galeria Metropolitana de Arte Aloísio Magalhães	Exposição coletiva no 40º Salão de Arte Contemporâne a de Pernambuco	Coletiva	Nacional
1987	Brasil	Bahia	Salvador	Galeria Época	Leonardo Alencar 30 anos de arte	Individual	Nacional
1991	Brasil	São Paulo	São Paulo	Casa das Rosas	Coletiva 100 anos de Paulista	Coletiva	Nacional
1995	Estados Unidos	Rhode Island	Providence	Rhode Island School of Design	Acrílicas Brasileiras	Individual	Internacional
1996	Estados Unidos	Massachusetts	Boston	Partners of the Americas Foundation	Brazilian Artist Acrylic	Individual	Internacional
1996	México	Cidade do México	Coyoacán	Museu Nacional da Aquarela	Coletiva Aquarela Brasil	Coletiva	Internacional
2006	Brasil	Sergipe	Aracaju	Academia Sergipana de Letras	Coletiva de Artes Visuais	Coletiva	Nacional
2011	Brasil	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Galeria Manuel Bandeira, Academia Brasileira de Letras	Terra Adentro, Mar Afora!	Individual	Nacional
2013	Brasil	Distrito Federal	Brasília	Lake Side Hotel	Simbologia Lúdica	Individual	Nacional

Fonte: Composição da autora a partir de documentos pessoais de Leonardo Alencar e publicações. * Marco da primeira exposição internacional de Leonardo Alencar.

O quadro *supra*, destaca duas fases na trajetória artística de Leonardo. A primeira, de 1959, quando realiza sua primeira exposição no seu estado de origem em Sergipe a 1964 quando já expôs em diversos Estados brasileiros, projetando-se assim, nacionalmente nesse período. A segunda fase inicia-se ainda em 1964, pois, nesse mesmo ano expôs no exterior em uma coletiva na Philadelphia nos Estados Unidos. A seguir passou a expor fora do país com maior frequência inclusive morando em Londres de 1971 a 1974, viajando e expondo na Europa, projetando-se

internacionalmente. Leonardo realizou, ainda, diversas exposições no exterior, sua última foi em 1996, numa coletiva na Cidade do México, Coyoacán.

4.2 Biografia

Figura 26 - Menino Leonardo, S/D



Fonte: Acervo particular da Profa. Aglaé Dávila Fontes.

Eis o menino Leonardo Alencar (figura 26), debruçado sobre sua mesa como quem pausa por alguns instantes, olhando quem entra na sala. Elegantemente posicionado pelo fotógrafo, nosso menino já representa o seu ímpeto artístico com seriedade: sua mesa regulável de desenho, posicionada no centro da sala, lhe sugere um ar de escritório-ateliê. Sobre ela, seus instrumentos de trabalho se dispõem ao alcance: um pincel na mão, um estojo de tintas a óleo de cores sortidas. Seus braços repousam num esboço ou pintura em andamento. Tudo é protegido por uma cartolina. A sua esquerda uma luz natural adentra pela janela marota. Leonardo veste uma camisa social branca sob um colete de tricô. Está registrada sua persona

profissional: “Pintor, desenhista, gravador, percorreu um caminho largo, que o levou inclusive às Galerias da Europa”. (JORGE AMADO, S/D)

Figura 27 - Mapa de Sergipe, localizando Estância



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Estância_\(Sergipe\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A2ncia_(Sergipe)).

Leonardo nasceu em 07 de abril de 1940, na cidade de Estância localizada no litoral Sul do Estado de Sergipe, a 66 km da capital Aracaju. Sua cidade natalina era conhecida por suas tradicionais festas junina das quais se destacava o simbólico Barco de Fogo. Hoje, além de ser um elemento representativo da cultura sergipana, o barco de fogo é também uma das Sete Maravilhas de Estância: o Complexo turístico do Porto da Areia, Complexo Ambiental Praia do Saco, Catedral Diocesana Nossa Senhora de Guadalupe, Barco de Fogo, Complexo Santa Cruz, Lagoa dos Tabaquis e a Lira Carlos Gomes, os quais representam as belezas naturais e o patrimônio histórico (cultural, material e imaterial) da cidade.

Filho do poeta Clodoaldo de Alencar e da Tabela Eurydice Fontes de Alencar, Leonardo foi o quinto de sete filhos. O primogênito, Jessé Fontes de Alencar, advogado, chegou a ser procurador da República, até 2019 com 88 anos de idade vivendo no Rio de Janeiro.

O segundo filho, Clodoaldo de Alencar Filho é poeta, escritor, professor e no período de 1988 a 1992 foi Reitor da Universidade Federal de Sergipe (UFS), atualmente é membro da Academia Sergipana de Letras, ocupando a cadeira nº 08 e reside em Aracaju. O terceiro, Luiz Carlos Fontes de Alencar, foi Ministro da Justiça e passou a viver em Brasília, onde morou até o seu falecimento, como membro da Academia Sergipana de Letras ocupou a cadeira nº 26.

O quarto filho do casal, Geraldo Fontes de Alencar, foi-se muito jovem. O último filho foi Hunald Fontes de Alencar, também poeta, escritor, dramaturgo, era formado em Direito e licenciado em Letras. Assim como seus irmãos Luiz Carlos e Clodoaldo, também foi membro da Academia Sergipana de Letras, ocupou a cadeira nº 10, faleceu com 73 anos em 2016. O casal chegou a ter uma filha, Iracema Fontes de Alencar, de vida muito curta, faleceu ainda bebê.

Figura 28 - Leonardo Fontes de Alencar e família, S/D



Fonte: Acervo pessoal da Profa. Aglaé Dávila Fontes.

A figura 28 mostra quase toda família Alencar, exceto o seu Clodoaldo de Alencar (pai) e Geraldo Fontes de Alencar (irmão) (*in memoriam*). Da direita para esquerda: Clodoaldo de Alencar Filho (irmão), Leonardo Fontes de Alencar, Hunald Fontes de Alencar (irmão), Gabriel Fontes de Alencar Leite (Bebê no colo-sobrinho-neto), Jean Marcel D'Ávila Fontes de Alencar (segurando o bebê-sobrinho), Jessé Fontes de Alencar (irmão), Eurydice Fontes de Alencar (mãe), Luiz Carlos Fontes de

Alencar (irmão), Luiz Carlos Santos de Alencar (sobrinho), Yuri Saulo Araújo de Alencar e Mateus Augusto Araújo de Alencar (os dois garotos maiores- filhos), e o garotinho menor (sobrinho-neto).

Foi no curso primário do Colégio Estadual Jackson de Figueiredo, que o menino Leonardo já demonstrava seu interesse pela leitura através de revistas em quadrinhos. Seus estudos eruditos iniciaram no curso Clássico do Colégio Estadual Tobias Barreto. Findou por terminá-los no famoso colégio Atheneu Sergipense. Mas, para além do início de uma carreira de sucesso, foi nessa escola que começou sua primeira história de amor.

Leonardo morava relativamente perto da escola. Participava de sua rotina, além dos hábitos familiares cotidianos, momentos regados a leituras de poesias e textos de línguas estrangeiras. Talvez, a julgar pelos seus hábitos, não seja difícil imaginar seu quarto cheio de livros antigos misturados aos seus desenhos. Pela distância em que morava do Atheneu, caminhava a pé de sua casa ao colégio. Muitos foram os dias que, na sua trajetória de casa para rotinas estudantis, tinha a visão da vasta Av. Barão de Maruim. Debaixo do braço, nada além de uma prancheta com cem folhas para desenho.

Quando chegava ao colégio, no caminho para sala, às vezes aproveitava o bater das horas. Antes de começar a aula, zagueava pelos corredores. Esperava ganhar a esmola de um sorriso, ou quem sabe a graça de um olhar. Era ela só uma menina, a Fátima Maria, a quem a respeito de amor, com essência divina, Leo imitava dom Juan de Tirso de Monilla¹³. Tinha quatorze anos a magrinha. Mas apesar de sua ternura o jovem artista sempre lhe dizia “se lhe aperto muito, te quebro a cintura” (FONTES ALENCAR, S/D).

Além de desenhar os professores no quadro, ou em sua prancheta, Leonardo participava da Arcádia Estudantil - espécie de grêmio em que fora inclusive o presidente. Ainda no Atheneu, nosso jovem tomou o espaço como seu primeiro *vernissage*. Expôs os seus primeiros quadros para a comunidade escolar. Beirando seus 17 anos, lá concluiu o Curso Clássico. Era chegada a hora. Para cumprir uma exigência de seu pai, Leonardo prestou vestibular para o curso de Direito na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Com parentes eruditos e de profissões de

¹³ Tirso de Molina, pseudônimo de Fray Gabriel Téllez (1579 –1648) foi um religioso espanhol que se destacou como dramaturgo, poeta e narrador do Barroco.

prestígio, esperava-se que Leonardo seguisse a tradição familiar. Estudioso, exímio leitor e versado nas línguas estrangeiras, não foi difícil estar entre os selecionados para o curso. Todavia, após passar no vestibular, seguiu em direção ao pai e lhe disse que Direito não estudaria. Avisou que iria seguir na carreira de pintor, avisou que ele, Leonardo, era artista.

Sempre de natureza inquieta, seu sonho era ser pintor, o que trazia muitos problemas familiares. Como um profissional que buscava valorização, partiu para uma cidade no interior de Alagoas, à margem do Rio São Francisco. Lá, exerceu ofício de mestre de obras e pintou as paredes de uma igreja. Nesse trabalho conheceu o mestre de obras Olívio Martins, que o ensinou a respeitar o seu material de trabalho, lavando os grandes pincéis à tinta. Em Alagoas, encontrou-se também com um professor de desenho chamado Valter Barros¹⁴, na época era um desenhista que era notado por projetar residências e edifícios, findou pelo homem ter sido responsável por diversos trabalhos de arquitetura do Nordeste.

Barros morreu muito cedo, mas isso não desanimou Leonardo. Em Sergipe, sua família continuava irredutível. Uma família de juristas, que tinha um filho com talento autodidata para aprender línguas, não entendia porque ele insistia em ser logo... Um artista. Queriam transformá-lo num diplomata, ou talvez num professor de línguas, nunca um artista. Mas, Leonardo não desistiu.

Passou a exercer atividades paralelas e o dinheiro que conseguia gastava com arte. Trabalhou como desenhista, cenógrafo e discotecário da antiga Rádio Cultura de Sergipe. Lá, produziu e preparou textos para o rádioteatro como “O Diário de Anne Frank” e “A Guerra dos Mundos”, do norte americano Orson Welle. Na época o rádioteatro era uma sensação em Sergipe. Leonardo acabou se destacando logo nas primeiras produções e, por isso, recebeu um prêmio de cenógrafo do ano.

Fundada em 21 de novembro de 1959 por Dom José Vicente Távora, então Bispo de Aracaju, a Rádio Cultura de Sergipe tinha um único objetivo: colaborar no projeto de educação popular do Movimento de Educação de Base, que levava a educação aos camponeses. A julgar pelo seu objetivo é possível tencionar nosso pensamento para a pergunta “foi o projeto da Rádio Cultura a primeira oportunidade

¹⁴ Valter Barros. Desenhista apesar de não possuir formação universitária, ele ganhou notoriedade como projetista de residências e edifícios, como os da Estação Rodoviária Governador Luís Garcia e do Hotel Pálace de Aracaju.

que Leonardo teve de fazer as suas primeiras contribuições para a educação artística e cultural no estado de Sergipe?”.

Paradoxalmente, o talento de Leonardo Alencar foi muito influenciado pelo meio familiar, que era composto por pessoas criativas. A casa tinha um clima que estimulava a curiosidade, os estudos sobre a beleza, a estética, e todas essas coisas que passaram a compor o seu imaginário de artista. Ao frequentar os ateliês dos amigos e pintores Álvaro¹⁵ e Florival Santos¹⁶, Jenner Augusto¹⁷ e José Ignácio¹⁸, essa convivência ampliou ainda mais os seus conhecimentos técnicos sobre pintura e desenho. Outra importante contribuição ao desenvolvimento da carreira de Leonardo foi o estímulo e os ensinamentos do pintor e professor da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) Jordão de Oliveira, amigo por quem tinha muita admiração, cuja arte sempre foi referência para Leonardo.

Era 1959, e há meses Leonardo se preparava para sua primeira Exposição Coletiva de Arte. O local? O Palácio Olímpio Campos, em Aracaju. Entre a comissão organizadora estavam o próprio Leonardo e dois de seus amigos, os irmãos Álvaro e Florival Santos. No dia 29 de março do mesmo ano havia chegado a hora. Tudo pronto. Após divulgação entre o meio artístico e cultural esperava-se boa presença de público. A apreensão sempre existe, afinal era sua primeira exposição.

Caiu a noite. Luzes acesas. Portas abertas. Há muito tempo não se via uma ocasião que despertasse a vontade - e por que não dizer a vaidade – da sociedade sergipana de vestir-se para um evento de gala. Não foi a toa que a primeira pessoa a adentrar estava muito bem alinhada, com seu terno e sua gravata. Após cumprimentos na recepção, o ritual: a assinatura no livro de visita. O homem, bem trajado, puxa sua caneta e precisamente assina “Luiz Garcia”. Era o então Governador do Estado de Sergipe, assinatura confirmada no livro de visita (figura 13), já demonstrado na seção anterior.

Estiveram presentes na solenidade de abertura vários intelectuais patricios e o próprio Professor Nunes Mendonça, redator-chefe do Jornal “O Nordeste”, que falou sobre o tema: Arte e Educação e ilustres pintores conterrâneos. Mas, claro, o coração de Leonardo não palpitava apenas por isso, parece que sua euforia com o sucesso de sua estreia nutriu suas expectativas com um futuro cada vez possível.

¹⁵ Álvaro Santos, artista plástico, nascido em Propriá-SE.

¹⁶ Florival Santos, artista plástico, nascido em Propriá-SE.

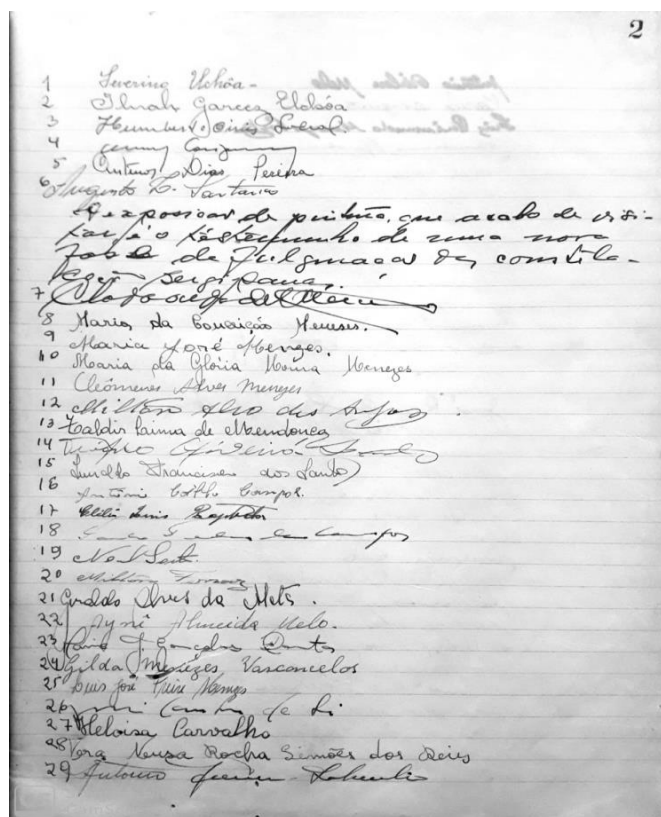
¹⁷ Jenner Augusto da Silveira, Pintor, cartazista, ilustrador, desenhista e gravador Sergipano.

¹⁸ José Inácio Alves de Oliveira-1911-2007-Aracaju-SE, Pintor e caricaturista, em Arauá/SE.

Ela chegara mais linda do que nunca, com as roupas sobre medida, cuidadosamente confeccionada pela sua própria mãe, costureira talentosa. Fátima Maria adentra no Palácio. Olhares se cruzam e em algum momento... O pedido: Leonardo respira fundo, puxa ar de seus pulmões e fala “acho que a partir de hoje, eu posso dizer que você é minha namorada?”.

Resposta à parte, regredindo para outro momento, volta-se para o livro de visita da recepção. Logo na segunda página (figura 31), um pequeno texto escrito como quem inaugura a guisa de discurso de corte de fitas, as palavras de seu pai, “A exposição de pintura, que acabo de visitar, é o testemunho de uma nova fase de fulguração das constelações sergipanas”. (CLODOALDO ALENCAR, 1959, p.2). Com essa mensagem entende-se que Leonardo foi tido pelo pai, como uma, entre as várias estrelas (artistas de Sergipe), e ao mesmo tempo, o Sr. Clodoaldo, atestou (em nome de sua família) e aceitou a posição de artista que Leonardo seguiu. Citação que inspirou o título desse estudo.

Figura 29 - Livro de visitas da Exposição Coletiva de Arte, p. 2, 1959



Fonte: Acervo do IHGS.

A figura 29 é a mesma figura 13 da página 63, que se refere à segunda folha do livro de visitas das pessoas da sociedade aracajuana que visitaram a Exposição Coletiva de Arte em 1959, com o objetivo de ilustrar a discussão sobre a mensagem do pai de Leonardo, Sr. Clodoaldo Alencar, nessa subseção biografia.

Figura 30 – Leonardo Alencar. *Catadores de Massunim da praia 23 de julho*, 1959



Fonte: Acervo particular da filha do artista - Eurydice Dantas de Alencar.

A figura 30, quadro *Catadores de Massunim da praia 23 de julho*, de 1959, umas das primeiras obras do artista, fez parte de sua primeira exposição mencionada acima, uma pintura representativa na arte de Leonardo da cultura sergipana: o hábito de colher o massunim, um marisco que faz parte da culinária sergipana.

Por voltas de seus 20 anos, Leonardo, como pintor iniciante, teve também sua experiência em Aracaju. Ora pintando locais, ora anúncios de filmes, ora aqueles trabalhos esporádicos como quase todo artista em início de carreira. Bom exemplo

foi o convite que recebeu na década de 1960, de Jenner Augusto, pintor e amigo, que o chamou para ajudá-lo na pintura de um painel.

Figura 31 – Painel Teatro Atheneu, 1960



Fonte: Site do Instituto Marcelo Déda. INSTITUTO MARCELO DEDA, 2019. disponível em: <http://www.institutomarcelodeda.com.br/governo-restaura-painel-de-jenner-augusto-no-teatro-atheneu/> Acesso em set/2019.

Figura 31, painel retratando a Chegada da Família Real no Brasil. Essa obra foi pintada por Jenner Augusto com a assistência do Leonardo Alencar em 1960. Na época criada no restaurante do Hotel Palace de Aracaju e posteriormente removida para o Teatro Atheneu.

Leonardo vai ganhando cada vez mais confiança em sua arte e sente necessidade de expandir seus horizontes. Ainda em 1960, através de seu Tio Emílio Fontes, que o apresentou ao então Diretor de Turismo e Contista baiano, Vasconcelos Maia¹⁹, realizou a sua primeira exposição em Salvador, no espaço do Belvedere da Sé. De volta para Aracaju, algo mudou. A inquietude e expectativa de alçar novos voos tomou conta de seu espírito. A experiência de Salvador ensinou algo a Leonardo. Algo que muitos artistas conservam apenas em suas experiências tácitas: todo e qualquer profissional tem muita dificuldade de ser reconhecido e valorizado em sua própria casa.

¹⁹ Vasconcelos Maia, Baiano de Santa Inês, bacharel em direito, Contista primoroso, escreveu diversos livros.

Deveria, então, buscar o seu reconhecimento e realizar suas façanhas em outros territórios. Em 1961, com a ajuda seu pai, Clodoaldo Alencar, consegue uma oportunidade por meio de uma bolsa de estudo para mantê-lo em Salvador. Leonardo se vê então, frente à chance que almejava para aperfeiçoar sua arte e assim, ingressou na Escola de Belas Artes na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Nessa escola aprendeu várias técnicas sobre a arte plástica, no curso de gravura, calejou suas mãos cavoucando na madeira, cursou xilogravura, pintura e desenho. Leonardo e seus colegas pintores estudavam e desenvolviam técnicas juntos e em comunhão com a arte. Nessas trocas e com sua criatividade, tanto aprendeu quanto ensinou.

Leonardo poderia ser incluído nesta área de pessoas que fizeram cursos de extensão sem uma ligação oficial como aluno da Escola, não fez vestibular, etc. etc. Mas ele usufruía de tudo que a escola poderia oferecer a um graduando, poderia oferecer a ele, é o que foi oferecido. Então, ele absorveu, ele bebeu muito da Escola em função disto, da presença dele lá e da convivência com professores e artistas contemporâneos. Que era uma troca. Ele convivia com rodas de artistas, de intelectuais que ele absorvia muito essas informações dessas pessoas como Mário Cravo, como Hansen, como Henrique Oswald e etc. Ele teve muito coisa que aprendeu da gente, e a gente tem muita coisa que aprendeu dele. (Entrevista com o Prof. Juarez Paraiso, 2019)

Figura 32 - Prédio “Jonathas Abott”, sede da Escola de Belas Artes (EBA)-1960



Fonte: Acervo pessoal do Prof. Juarez Paraiso, consultado em 2019.

A figura 32, o casarão onde foi sediada a Escola de Belas Artes em Salvador no período em que Leonardo estudou nessa escola, na década de 1960, na Rua 28 de setembro, antiga Rua do Tijolo. Em Salvador, para complementar as despesas do estudo, trabalhou como vitrinista de várias lojas da Baixa do Sapateiro, na região da Cidade Baixa de Salvador. Mais tarde como caricaturista do jornal *A Tarde* e ilustrador do *Jornal da Bahia*.

Inserido nesse contexto cultural e artístico, passou a conviver com pessoas relacionadas ao meio da arte. Pessoas como os artistas plásticos sergipanos Jenner Augusto e o estanciano, seu conterrâneo, Zé De Dome²⁰, que nesse período já residiam em Salvador, e os quais acolheram Leonardo. Compunha esse grupo também, artistas plásticos baianos de variadas técnicas, como Calasans Neto²¹, Sante Scaldaferrri²², Mário Cravo²³, Carlos Bastos²⁴, Kennedy Bahia²⁵, Raimundo Oliveira²⁶, Lênio Braga²⁷, Genaro de Carvalho²⁸, Ângelo Roberto²⁹, Emanuel Araújo³⁰, Floriano Teixeira³¹, Carybé³² e Hansen Bahia³³. Esse grupo tinha como referência de liderança o romancista Jorge Amado, que a todos acolhia. Foi esse núcleo de artista em Salvador que abriu as portas para o mundo artístico a Leonardo, o jovem talentoso sergipano.

²⁰ Zé de Dome: José Antônio dos Santos, artista plástico pintor e desenhista. Nasceu em Estância, Sergipe, em 1921 e morreu em Cabo Frio no Rio de Janeiro em 1982.

²¹ José Júlio de Calasans Neto (Salvador BA 1932 - 2006) foi um pintor, gravador, ilustrador, desenhista, entalhador e cenógrafo brasileiro.

²² Sante Scaldaferrri (Salvador, Bahia, 1928 - 2016) foi um artista plástico, pintor, gravador, tapeceiro, ator, cenógrafo e professor.

²³ Mario Cravo Júnior (Salvador, Bahia, 1923-2018) foi escultor, gravador, desenhista e professor.

²⁴ Carlos Bastos (Salvador-Bahia, 1925-2004) pintor, ilustrador e cenógrafo.

²⁵ Patrick Kennedy Maderos, chileno de Valparaíso, nasceu em 1925. Engenheiro de minas que trabalhou na região amazônica, também artista plástico nas horas vagas, dedicou-se às tapeçarias, gravuras e quadros, usando a flora e a fauna amazônicas como temáticas.

²⁶ Raimundo de Oliveira (Feira de Santana-Bahia, 1930 - Salvador-Bahia, 1966) foi artista plástico de desenho, guache, óleo e gravura, se desenrola no universo religioso.

²⁷ Lenio Braga nasceu no Paraná, foi pintor, desenhista, artista gráfico, escultor, gravador e fotógrafo.

²⁸ Genaro Antonio Dantas de Carvalho (1926-1971, Salvador, Bahia) foi um pintor e tapeceiro brasileiro.

²⁹ Ângelo Roberto, foi um artista plástico baiano especialista em ilustrações com bico-de-pena.

³⁰ Emanuel Alves de Araújo nasceu em 1940 (idade 78 anos), Santo Amaro, Bahia, é um escultor, desenhista, ilustrador, figurinista, gravurista, cenógrafo, pintor, curador e museólogo brasileiro.

³¹ Floriano de Araújo Teixeira (1923, Cajapió, Maranhão - 2000, Salvador, Bahia) foi um pintor, desenhista, miniaturista, copista, retratista, gravador e escultor autodidata brasileiro.

³² Carybé, nome artístico de Hector Júlio Páride Bernabó, foi um pintor, gravador, desenhista, ilustrador, ceramista, escultor, muralista, pesquisador, historiador e jornalista argentino, brasileiro naturalizado e residente no Brasil desde 1949 até sua morte.

³³ Hansen Bahia: Karl Heinz Hansen nasceu em Hamburgo, Alemanha em 1915, faleceu em São Paulo, em 1978. Foi gravador, escultor, pintor, ilustrador, poeta, escritor, cineasta e professor. Vivendo em Salvador naturalizou-se e adotou o nome artístico de Hansen Bahia.

O talento de Leonardo vai sendo cada vez mais reconhecido. Em 1961 realizou sua primeira exposição na Escola Nacional de Belas Artes, na Rua Araújo Porto Alegre no Rio de Janeiro, “patrocinada pelo grande pintor e grande professor Jordão de Oliveira” (ALENCAR, 2011), conforme já comentado na seção anterior.

Em 1963, aos 23 anos, casou-se com Fátima Maria Dantas de Alencar, e foi morar em Salvador, “na Avenida sete, na Pensão Margarida, um casario antigo”. Dessa união, teve uma filha, Eurydice Dantas de Alencar.

Nos anos seguintes Leonardo passou a expor cada vez mais e em diversos estados brasileiros (Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais) inclusive no Exterior (Estados Unidos, Espanha e no Panamá) conforme se pode comprovar no quadro 05 - Projeção de Leonardo Alencar no panorama artístico nacional e internacional.

Em 1966, Leonardo Alencar, além de ter participado da Primeira Bienal Nacional de Artes Plásticas da Bahia na Sala Especial de Gravuras na Bahia, foi também um dos integrantes do grupo de artistas responsáveis pela organização da 1ª Bienal Nacional de Artes Plásticas (edição 1966/1967). Prof. Juarez no seu relato afirmou:

Eu fui o secretário geral da Bienal. Aí nós constituímos várias comissões. Eu escolhi muito bem meus assessores, e tinha gente assim, de primeira, pra valer, e o Leonardo era um deles. Ele ficou com a parte de comunicação, parte mais assim, de contatos analíticos. Que ele era uma pessoa que sabia escrever muito bem, boa articulação, sabe como é? Então ele trabalhou muito conosco. Então este episódio da participação dele na Bienal é muito importante, por que a Bienal é uma das coisas mais importantes que aconteceu aqui em Salvador. Fizemos a primeira Bienal e a Segunda. Contra tudo e contra todos. Toda essa oligarquia cultural, que o Leonardo fez parte. Enfim, foi um episódio muito importante, a Bienal da Bahia, a primeira e a segunda de 1966 e 1968, que ele fez parte. E nós trabalhamos com todos os estados do Brasil. Primeira Bienal e a segunda Bienal tirou a Bahia do orfanato cultural. (Entrevista com o Prof. Juarez Paraiso, 2019)

O evento foi aberto ao público em 28 de dezembro de 1966, no Convento do Carmo, em Salvador, com término em 28 de fevereiro de 1967, e foi financiado pelo Governo do Estado da Bahia. Teve como presidente de honra nada menos que Assis Chateaubriand³⁴.

³⁴ Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, mais conhecido como Assis Chateaubriand ou Chatô, foi um jornalista, escritor, advogado, professor de direito, empresário, mecenas e político brasileiro. Destacou-se como um dos homens públicos mais influentes do Brasil nas décadas de 1940 e 1960.

Contou ainda com o prestígio de importantes nomes da cena cultural, como Jorge Amado, Carlos Eduardo da Rocha³⁵, Clemente Mariani³⁶, Dom Clemente Maria da Silva Nigra³⁷, Jorge Calmon³⁸, Milton Tavares³⁹, Odorico Tavares⁴⁰, Clarival do Prado Valadares⁴¹, Wilson Rocha⁴², Mário Schenberg⁴³, entre outros. Artistas de diversas regiões do país tiveram seus trabalhos expostos na mostra, assim como representantes da Bahia: Mario Cravo Jr, Carybé, Rubem Valentim⁴⁴, Jenner Augusto, Genaro de Carvalho e Carlos Bastos.

Em 1968, aconteceu a segunda edição da Bienal de Artes Plásticas na Bahia. Foi organizada pelo mesmo grupo de artista que promoveu a primeira edição da qual Leonardo fazia parte. Esse evento ocorreu em 20 de dezembro de 1968, no Convento da Lapa, em Salvador, sendo inaugurado pelo então governador Luís Viana Filho (1967-1971).

Nas décadas de 1960/1970 participou ativamente da vida intelectual baiana, realizou várias exposições e trabalhos como a decoração do Thom Bar, que ficava na Rua Chile no centro de Salvador. Segundo o Jornalista Gil Francisco, amigo de Leonardo, diz que era hábito do Leonardo frequentar nos fins de tardes o Bar Cacique (figura 34), assistindo o por de sol adormecer na Baía de Todos os Santos. Ou em noitadas com colegas pintores na confraria da boate "Anjo Azul", situada no início da estreita Rua do Cabeça, a caminho do Largo 2 de Julho, a poucos passos do casarão de Carlos Bastos, lugar onde se reuniam intelectuais e artistas.

³⁵ Carlos Eduardo da Rocha nasceu em Brasília, no Acre, em 1918. Professor de história das artes, crítico e incentivador das artes plásticas. Descendente de uma família de jornalistas, artistas e criadores, Carlos Eduardo da Rocha foi acolhido pelo mundo intelectual baiano.

³⁶ Clemente Mariani Bittencourt (Salvador, 1900 —1981) Banqueiro, político, empresário, advogado, professor e jornalista, participou ativamente da vida política e econômica do país durante décadas, tendo sido deputado federal, ministro da Educação, ministro da Fazenda e presidente do Banco do Brasil.

³⁷ Dom Clemente Maria da Silva Nigra, historiador beneditino alemão, monge do Mosteiro da Bahia. Fundador do Museu de Arte Sacra da UFBA.

³⁸ Jorge Calmon Moniz de Bittencourt (Salvador, 1915 —2006) foi um jornalista brasileiro, deputado estadual constituinte, secretário do interior e justiça, professor emérito da UFBA e membro da Academia de Letras da Bahia.

³⁹ Milton Tavares de Souza (Niterói, 1917-1981), foi um militar brasileiro, oficial general do exército.

⁴⁰ Odorico Montenegro Tavares da Silva (Timbaúba, 1912 — Salvador, 1980) foi um jornalista, poeta e colecionador de arte brasileiro.

⁴¹ Clarival do Prado Valladares (Salvador, 1918 - Rio de Janeiro, 1983), foi um médico, escritor, professor, poeta, pesquisador e crítico de arte brasileira.

⁴² Wilson Rocha (1921-2005) foi poeta e notável crítico de arte, nascido em Cochabamba na Bolívia. Autor de vários livros de poesia.

⁴³ Mário Schenberg (Recife, 1914 — São Paulo, 1990) foi um físico, matemático, político e crítico de arte brasileiro.

⁴⁴ Rubem Valentim (Salvador BA 1922 - São Paulo SP 1991). Escultor, pintor, gravador e professor. Inicia-se nas artes visuais na década de 1940, como pintor autodidata.

Segundo, esse jornalista, outro lugar também frequentado por Leonardo em Salvador eram os encontros domingueiros em Itapuã, na casa do poeta Vinícius de Moraes e sua companheira, a atriz baiana, Gessy Gesse. O Jornalista e professor Gil Francisco, e amigo de Leonardo, no blog Grupo “Minha Terra é Sergipe”, em seu texto, relatou esse lado boêmio de Leonardo:

Ainda nos anos 60/70, Leonardo esteve presente nos fins de tardes no Bar Cacique, assistindo o por do sol adormecer na Baía de Todos os Santos, ou nas grandes noitadas entre os pintores da confraria da boate "Anjo Azul", situada no início da estreita Rua do Cabeça a caminho do Largo 2 de Julho, a poucos passos do casarão de Carlos Bastos. O Anjo Azul era um paraíso todo decorado por Carlos Bastos, um lugar apertado, onde se reuniam os gays mais snobs, intelectuais e artistas, para tomar "xixi de anjo" que era servido em peniquinhos de barro. (SANTOS, 2010, s/p)

Figura 33 - Bar Cacique em Salvador década de 1960



Fonte: Blog Salvador História Cidade Baixa. Disponível em: <http://salvadorhistoriacidadebaixa.blogspot.com/2016/09/>

Figura 33, Bar Cacique, local de encontro de Leonardo e seus colegas artistas, em Salvador-Ba nas décadas de 1960/1970. No acervo do artista,

encontrou-se uma reportagem do Jornalista Juarez Conrado, relatando como conheceu Leonardo nas noites de boemia baianas, nesse mesmo período:

É verdade que considerei o pedido como uma (mais uma...) tremenda e imperdoável maldade de Leonardo, justamente porque, já agora casado, pai por sete vezes, e morando em Aracaju, tiro onda de moralista, procurando passar pelo bom moço, que nunca fui a Salvador. Já pensaram os leitores o que é estar obrigado a contar como, quando e onde conheci este mago das tintas e dos pinceis? Mas, como escravo que sou de minhas amigadas, aqui, estou, com indisfarçável pontinha de raiva, atendendo às ordens de meu senhor. João Batista de Lima e Silva, sergipano de boa cepa, Newton Sobral, outro sergipano “da gota”, Genésio Ramos, Newton França, etc., eram homens da imprensa que, comigo mesmo sem prévio entendimento, tinham diariamente, encontro marcado em torno de uma mesa do “A Baiana”, restaurante do holandês, Thomaz José Maria Van Dick, que, não sei como, de um momento para o outro se transformou, ao lado do Sandoval, no rei da noite na Rua d’Ajuda. Ainda bem que este catálogo é inglês, idioma com o qual Dalila, minha esposa, não tem a menor afinidade. De outro modo como explicar-lhe, mesmo agora, 25 anos de casados, as “reportagens” que me impediram, não por poucas vezes, de ir vê-la, quando ainda no período de noivado? Reportagens “escritas” sob a inspiração das batidas de variados gostos, dos passos hábeis de Roberval, bailarino como poucos que conheci, e da companhia de “moças de respeito” que, rodando bolsinhas, cruzavam as frias madrugadas das ladeiras mal iluminadas da velha Salvador. Foi assim que conheci Leonardo, já então, com o talento que Deus lhe deu, deixando antever o que seria seu futuro como artista plástico. [...]. (CONRADO, 1984, s/p)

O Prof. Juarez também relata que nesse período Leonardo e sua turma, que frequentava a EBA, gostavam e passaram muitas noites na boemia baiana, uns de seus ambientes de sociabilidade, na fala do Prof. Juarez “era uma boemia muito cultural”:

Leonardo era um grande boêmio. Bom vivante. Grande boêmio. E nessa época nós todos. E a nossa turminha era muito chegada à boemia. E aí a Escola, onde a gente estudava na época, era dentro do meretrício, na zona do meretrício, no bom sentido. Lá no centro da cidade. Então aqueles barzinhos, aqueles que eram frequentados pelas moças da noite, então a gente conhecia aquele povo todo. E como não cobrava caro, pelo menos a bebida. A gente bebia, e de uma maneira farta sem gastar muito. Por que Leonardo, o apelido dele na nossa turma, era “tio patinhas” por que ele era “seguro”, pra ele pagar alguma coisa, era engraçado. Quando ele tinha que pagar alguma coisa, ele saía da roda, ia lá para um cantinho... O pessoal se divertia... Era o “tio patinhas”, ele era muito, muito seguro. Só pagava mesmo quando não tinha jeito. E como a gente vivia lá aquela vida de boemia lá no centro da cidade. Ele aí, com o violão debaixo do braço, ele tocava direitinho, ele varava de madrugadas, varava de madrugadas, já vinha da farra para a escola pra trabalhar, nem ia pra casa dormir. (Entrevista com o Prof. Juarez Paraiso, 2019)

Um fato relevante na vida de Leonardo, já mencionado anteriormente, foi à passagem do Sr. Ernst Teves pela Bahia e pela sua carreira artística, o qual foi seu grande patrocinador. Sr. Ernst August Teves, industrial do setor automobilístico (Volkswagen), durante as férias viajava conhecendo outros lugares, inclusive o Brasil, onde gostava muito, tinha casa em muitos lugares. No Brasil, tinha uma casa no Bairro da Glória, no Rio de Janeiro. Sr. Teves, ficou conhecido como um mecenas, que para fugir das obrigações legais de impostos do seu país, preferia investir em talentos diversos, não só da área da arte, como também jovens em início de carreira na ciência, medicina etc.

Em Salvador, após conhecer Leonardo, e encantado com o movimento cultural da época, propôs fundar uma Fundação Cultural com seu nome – Fundação Cultural Ernst Teves. Conforme relato do Prof. Juarez a fundação chegou a iniciar suas atividades, porém após alguns episódios de terrorismo político com estrangeiros no Brasil, Sr. Teves decidiu sair do Brasil, deixando tudo para trás, ou seja, para Leonardo, que sem recursos financeiros não teve como dar continuidade ao projeto:

Na década de 1960, o Alemão, chamado Ernst Teves, esse camarada era um milionário alemão que veio aqui, gostou de Salvador, e aí quis fazer uma fundação em nome dele [...] Chamou Leonardo para ser o presidente, coordenador executivo geral, e me convidou para ser o coordenador de arte. Com dinheirão hem? Muito dinheiro, muito dinheiro mesmo. O cara alugou um helicóptero para correr com Leonardo, sobre Salvador para escolher um lugar para fazer a Fundação [...] encontraram no Rio Vermelho, um casarão enorme. E a ideia era fazer uma fundação cultural, Ernst Teves... E como tinha dinheiro... Leonardo criou uma biblioteca, pra valer mesmo, Leonardo sabia o que queria. Compramos alguns equipamentos de fotografia. Eu fiz cursos de fotografia, cursos de artes plásticas em geral, cinema. Chegamos a fazer algumas coisas, palestras, etc. [...] Trabalhamos com sumidades, aqui, baianas [...] A missão nossa era expandir pra dança, pra música. E agente conhecia os maiores artistas nessas áreas aqui [...] enfim, quando estávamos no maior entusiasmo, tudo engrenado mesmo, assim, sequestraram o embaixador alemão. Aí acabou, o alemão, chocadíssimo, acabou ali toda história. Deixou tudo para Leonardo, biblioteca, equipamentos... Leonardo viajou várias vezes para Alemanha, com ele, com Teves. (Entrevista com o Prof. Juarez Paraiso, 2019)

Conforme relatou o Prof. Juarez, após a partida do Sr. Ernst de volta para a Alemanha, mesmo tendo deixado toda a estrutura montada, sem recursos financeiros, não foi possível levar adiante o projeto da Fundação Cultural. Ressaltou-se que não foi encontrado nenhum registro que comprovasse esse evento.

A fonte do financiamento, que era um cidadão Teves, foi embora. Então, Leonardo não tinha condições de sozinho, ele manter, ele tinha o espaço físico com o equipamento, com todo material que era preciso para levar adiante, mas precisa ter um respaldo financeiro que quem dava era o Teves, que quando foi embora... (Entrevista com Juarez Paraiso, 2019)

Em 1967, foi aprovada a Constituição que se instalou como o regime militar, no governo Castello Branco, instalando-se intervenções controladoras na sociedade, e assumindo o poder presidencial o General Arthur da Costa e Silva. Desencadearam um aumento de manifestações e protestos contra o novo sistema ditatorial, a União Nacional dos Estudantes (UNE) organizava movimentos, como as passeatas dos Cem Mil, no Rio de Janeiro. Nesta mesma época, aconteceram assaltos a bancos, sequestros a embaixadores, que tinham como propósito levantar fundos para movimentos de resistência ao regime.

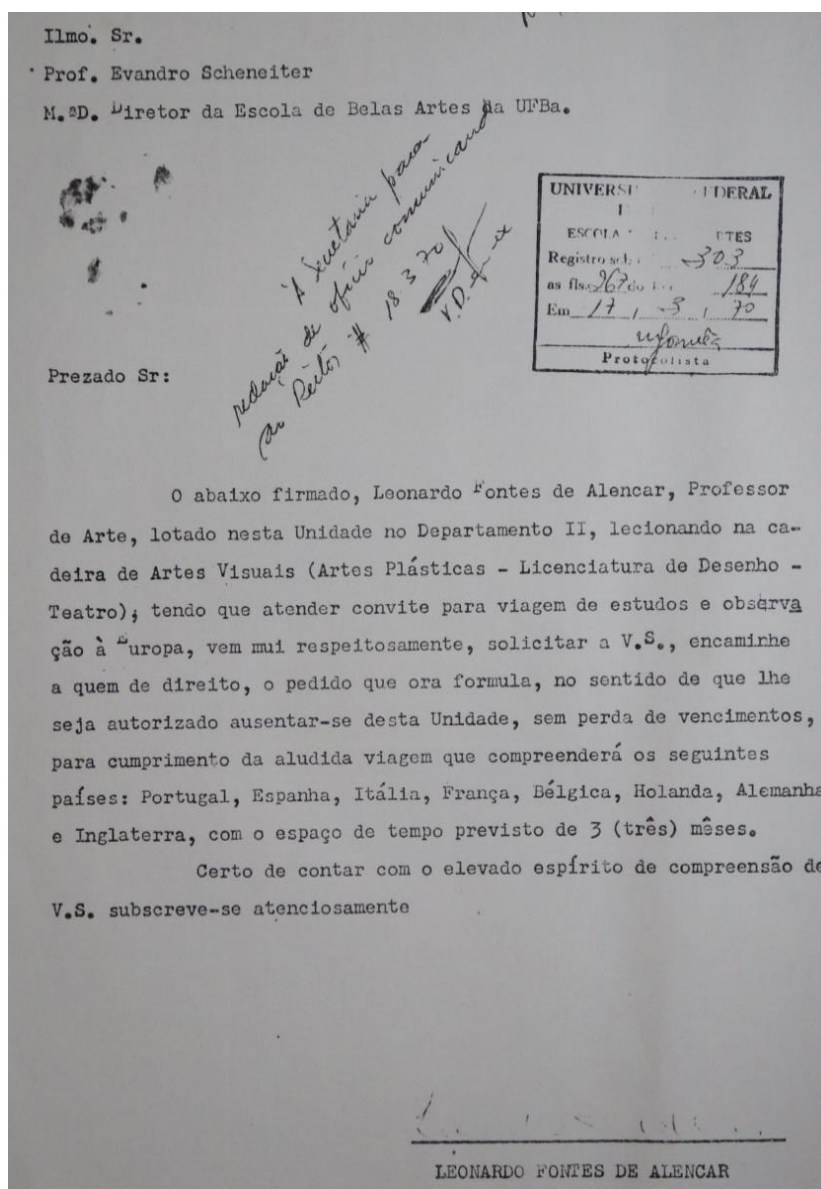
No final da década de 1960, outra habilidade se revelou nesse artista plástico, a docência, através de um convite feito pelo professor Nelson Araújo, um importante escritor sergipano, que também foi jornalista, teatrólogo, cronista, romancista e professor da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, nesse período. Esse Professor levou Leonardo para lecionar na Escola de Teatro na (UFBA).

Leonardo, então, passou a conciliar sua atividade artística com a de professor na cadeira das artes visuais (Artes Plásticas, Licenciatura de Desenho e Teatro) nessa universidade. Encontrou-se ainda em seu acervo, correspondência (figura 35) comprovando essa atividade de Leonardo nesse período, tanto na Escola de Belas como na Escola de Teatro da UFBA, apresentadas abaixo. Fátima Maria, sua esposa na época e participante da pesquisa comenta:

Ele fez um curso de Cenografia, na Escola de Belas Artes, mas ele faltava um dia e outro também. Então, depois viram que ele não tinha necessidade de estar lá, porque das poucas vezes que ia fazia alguma coisa e deram o título a ele de notório saber. Aí ele ensinou, no lugar de ser aluno, ele começou a ensinar Cenografia lá na Faculdade de Belas Artes, da Bahia, na UFBA. (Entrevista com Fátima Maria, 2019)

Outra participante que também confirmou que Leonardo foi professor na Escola de Belas Artes foi a Profa. Aglaé, “então, ele teve oportunidade de ser professor da Escola de Belas Artes, então, foi assim, uma coisa muito boa pra ele, porque essa liberdade de criar que ele tinha também se adequou a uma linguagem, vamos dizer acadêmica”. (Entrevista com a Profa. Aglaé, 2019).

Figura 34 - Ofício de Leonardo Alencar à EBA-UFBA, março/1970



Fonte: Acervo pessoal do Artista.

A figura 34 se trata de um ofício de Leonardo Alencar encaminhado ao Prof. Evandro Scheneiter, Diretor da Escola de Belas Artes-UFBA em 18 de março de 1970. O qual, após receber convite do Sr. Ernest Teves para conhecer os museus da Alemanha, Leonardo solicitou licença do cargo de professor de arte por três meses, sem perda de vencimentos, para realizar viagens de estudos e observação à Europa nos países: Portugal, Espanha, Itália, França, Bélgica, Holanda, Alemanha e Inglaterra.

Figura 35 - Ofício do Diretor ao Reitor EBA-UFBA, março/1970

MB.
Of. nº 80/70

Salvador, 24 de março de 1970

Magnífico Reitor:

Tenho a honra de encaminhar a Vossa Magnificência, ofício do Prof. LEONARDO FONTES DE ALENCAR, solicitando permissão para se ausentar do país por três (3) meses em viagem de estudos a Europa.

Tendo em vista que a viagem do Prof. LEONARDO FONTES DE ALENCAR a vários países da Europa, em observações e estudos, sem nenhuma despesa para nós, permita-me Vossa Magnificência, assegurar-lhe ser de grande interesse para nossa Unidade.

Sem outro motivo para o momento, envio a Vossa Magnificência

Saudações Universitárias

Evandro de Sant'Anna Schneiter
Vice Diretor em exercício

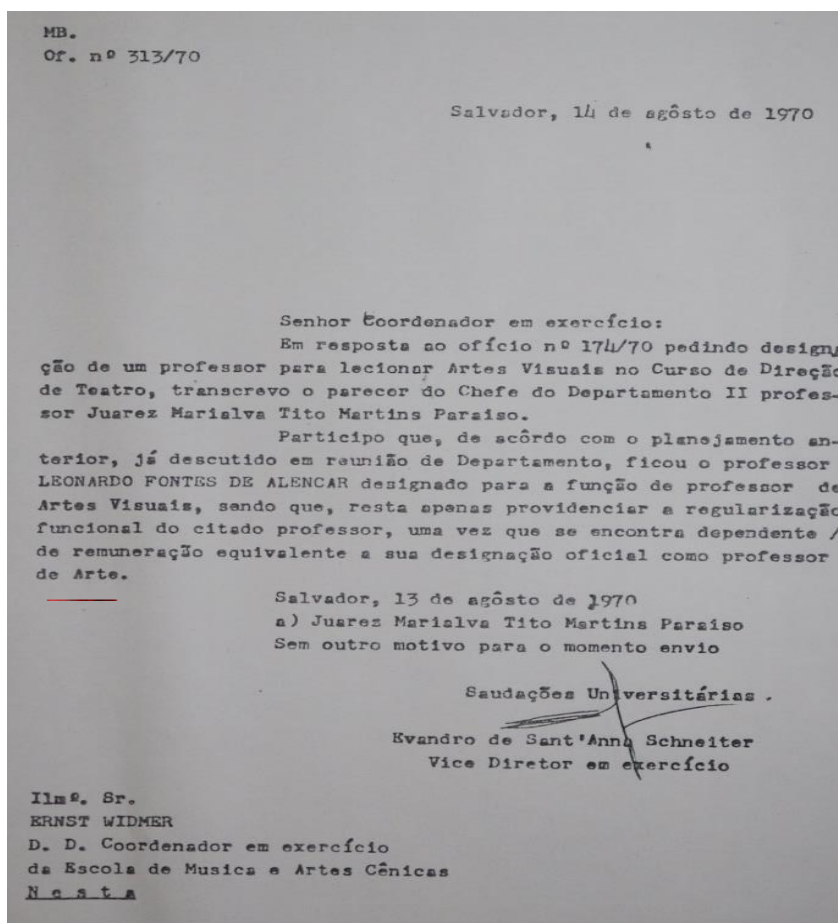
Exm^o. Sr.
Prof. Dr. ROBERTO FIGUEIRA SANTOS
Magnífico Reitor da
Universidade Federal da Bahia
N=2=3=1=2

Fonte: Acervo pessoal do Artista.

A figura 35 se trata de um ofício do Vice Diretor em exercício, Prof. Evandro de Sant'Anna Schneiter, encaminhada ao Reitor da UFBA, Prof. Dr. Roberto Figueira Santos, em 24 de março de 1970. Tendo como objetivo, encaminhar o ofício de Leonardo Alencar, que pede licença do cargo de professor de arte e permissão para se ausentar do país por três meses em viagens de estudos à Europa. Ressaltou ainda, que a viagem do Prof. Leonardo Fontes de Alencar, a vários países da Europa, em observações e estudos, sem perda de vencimento para UFBA, era de grande interesse para a UFBA. Fátima Maria, sua esposa na época, em sua fala comentou sobre essa viagem:

A primeira viagem foi uma viagem, porque tinha um senhor que ele era mecenas e ele, o que ele ajudava um jovem, não era descontado em imposto de renda. Então, tinha vários jovens que ele ajudava em várias áreas: arte, ciências, medicina. E ele comprou uns quadros de Leonardo e ele frequentou lá em casa tudo... E ele deu uma viagem para Leonardo ver onde ele queria aprimorar a arte dele. (ENTREVISTA COM FÁTIMA MARIA, 2019)

Figura 36 - Ofício do Diretor ao Coordenador UFBA, agosto/1970



Fonte: Acervo pessoal do Artista.

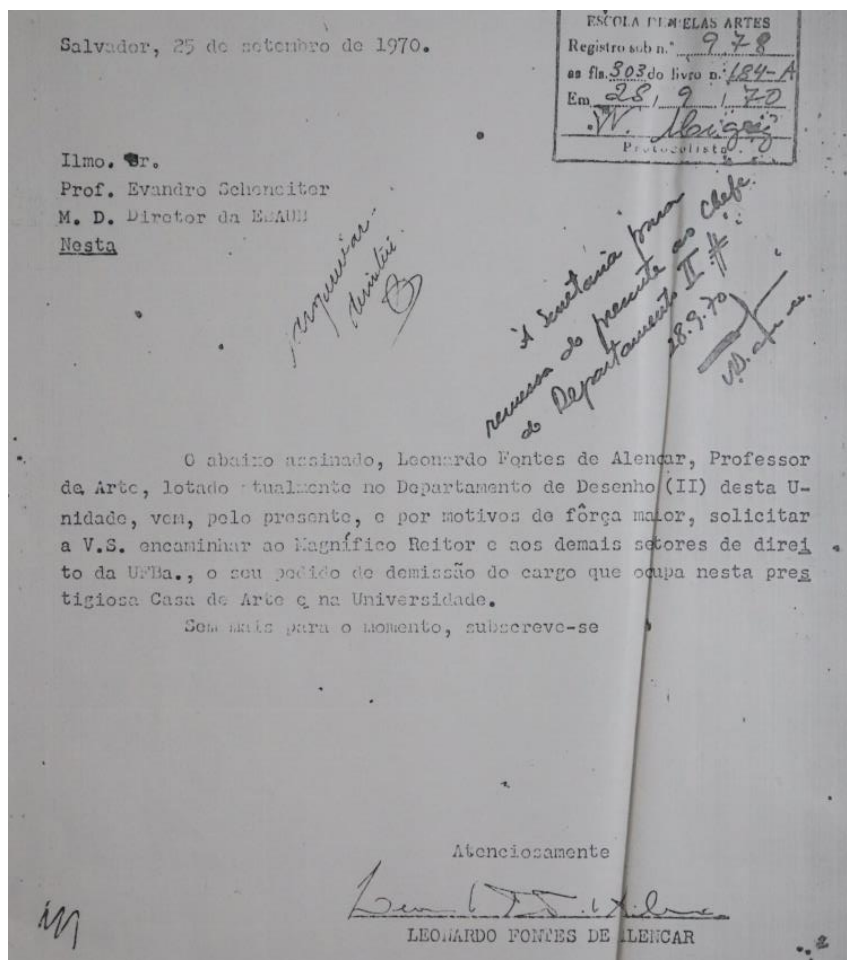
A figura 36 trata-se de um ofício do Vice Diretor em exercício, Prof. Evandro de Sant'Anna Schneiter, encaminhada ao Coordenador em exercício da Escola de Musica e Artes Cênicas, Sr. Ernst Widmer. Cujo ofício tem como objetivo informar o parecer do Chefe de Departamento II, Prof. Juarez Marialva Tito Martins Paraíso, o qual designou Leonardo Fontes de Alencar para a função de professor de Artes Visuais na Escola de Musica e Artes Cênicas na UFBA, em agosto de 1970.

Dessa forma, Leonardo, quando retornou da viagem de estudos à Europa, foi reintegrado a função de professor na UFBA. E, provavelmente o próprio Prof. Juarez Paraíso não se lembre, pois, em seu depoimento declarou não lembrar que

Leonardo tenha chegado a ser professor na EBA, afirmou ainda que Leonardo tinha tudo para ser professor universitário:

Agora, tem uma informação que eu tenho que dar que vai a desacordo com alguma coisa que eu já li, é de que ele não foi professor da Escola das Belas Artes. Eu não me lembro, mas pode ser... Mas não me lembro, oficialmente não... Na Escola, no quadro da Escola, ser oficial, não. Eu não me lembro de que ele tenha sido professor [...] O que não nega a capacidade dele de falar, de ensinar, de transmitir. Isso é inegável. Viável ele ter dado o curso lá de extensão. Eu realmente não me lembro. Mas, ele tinha todo o potencial e capacidade para isso. (Entrevista com o Prof. Juarez Paraiso, 2019)

Figura 37 - Ofício de Leonardo Alencar a EBA-UFBA – Setembro/1970

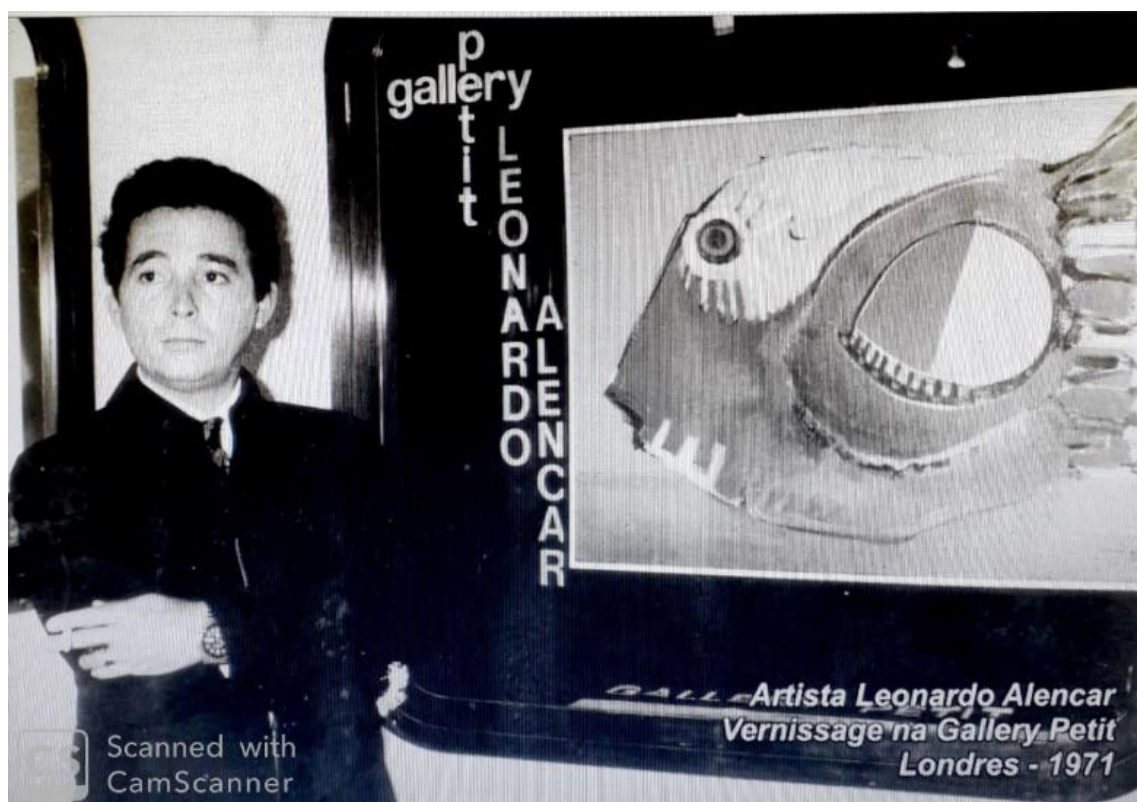


Fonte: Acervo pessoal do Artista.

A figura 37 trata-se de um ofício de Leonardo Alencar encaminhado ao Diretor da EBA-UFBA, Prof. Evandro Schneiter, com o objetivo de solicitar que encaminhe ao Reitor e aos demais setores de direito da UFBA, o seu pedido de demissão do cargo de professor de arte do Departamento de Desenho na UFBA, em setembro de 1970.

Talvez por apresentar um comportamento irreverente e indisciplinado, que não se ajustava as regras institucionais, Leonardo não fora visualizado como um docente dentro dos padrões acadêmicos. Talvez, por esse motivo não seguiu carreira como professor na EBA. Em setembro desse mesmo ano, alegando motivo de força maior, pediu demissão. Em 1971, o artista, recebeu uma bolsa como artista residente num programa elaborado pela empresa de Ernst Teves. Por quatro anos, Leonardo viajou pela Europa expondo e aprofundando conhecimentos. Em Londres expôs individualmente na *Gallery Petit*.

Figura 38 – Vernissage na *Gallery Petit*-Londres, 1971



Fonte: Blog do Artista. Disponível em:
<https://www.flickr.com/photos/leonardoalencar/with/8103742058/>

Na figura 38, Leonardo Alencar no *vernissage* na *Gallery Petit* em Londres, 1971. Neste evento, estiveram presentes muitas personalidades, além dos brasileiros o Embaixador do Brasil em Gana, Renato Mendonça, o Embaixador do Brasil na Inglaterra, Sérgio Corrêa da Costa, e o Ministro Ovídio Melo, o Adido Cultural em Londres, o escritor brasileiro Antônio Olinto e sua esposa, a colunista e crítica de teatro brasileiro, Zora Seljan, já mencionados na seção anterior (figura 24). Contou também com personalidades inglesas, como *Sir. John Waller*, poeta e

jornalista inglês, *Mr. Peter Senn*, jornalista do *The Daily Mirror*, um tablóide⁴⁵ diário britânico, entre outras.

Convidado pelo Adido Cultural em Londres, Antônio Olinto, depois da exposição individual na *Gallery Petit*, Leonardo Alencar, participou da coletiva, *Artista Brasileiros*, na inauguração da *Elvaston Gallery*.

Figura 39 – Vernissage em Paris, França, 1971



Fonte: Acervo particular de Racylda Aragão de Alencar.

Na figura 39, o cartaz do vernissage em Paris, onde Leonardo expôs individualmente na *Galerie Chardin*, localizada no nº 36 de *Rue de Seine*, de 7 a 24 de setembro de 1971. Em 1972, Leonardo Alencar foi aceito como associado do Instituto Nacional de Arte Contemporânea da Inglaterra. Em 1974, Leonardo retornou para o Brasil e fixou residência em Salvador. Nesse retorno, Leonardo conheceu Gladys Mary Santos, com quem se envolveu. Sr. Ernst, ao tomar

⁴⁵ Tablóide: designa um formato de jornal que surgiu em meados do século XX, no qual cada página mede aproximadamente 43 x 28 cm, as notícias são tratadas num formato mais curto e o número de ilustrações costuma ser maior do que o dos diários de formato tradicional.

conhecimento dessa relação, não aprovou esse comportamento de Leonardo e então deixou de patrociná-lo.

Nesse período sua vida passa por uma transição, pois se separa de sua esposa, Fátima Maria, que volta a viver em Aracaju com a filha do casal, Eurydice Fontes de Alencar. Leonardo segue sua vida em Salvador, com Gladys Mary Santos, sua segunda esposa, com quem teve um filho, Yuri Saulo Araújo de Alencar, e mais dois adotivos, filhos da companheira, Hélio Araújo de Alencar e Mateus Augusto Araújo de Alencar. De acordo com notícias no Jornal A Tarde de Salvador, no Blog Artes Visuais do jornalista Reynivaldo Brito, da a entender que nesse período Leonardo passou por “uma crise existencial muito profunda” o qual o levou a problemas de alcoolismo, “Foram anos de profícua criação. Até que um dia Leonardo desceu de seus cavalos alados, abandonou os peixes que saciam a fome de tanta gente, e rumou por uma estrada tortuosa, inacessível”. (BRITO, 1982, s/p).

Nos relatos de alguns participantes, entende-se que Leonardo realmente passou por uma crise e que também procurou ajuda para superar esses problemas: “Leonardo teve um problema de bebida lá em Salvador e os irmãos foram buscá-lo e trouxeram de volta para Aracaju, para se recuperar aqui”. (MEMO-24-03-2019)

Eu conheci o Leonardo através de uma pessoa, Iara Vieira, que era uma poetisa [...] Então eu disse “eu vou conhecer o Leonardo”, ela disse “ele deve estar internado, ele está no São Marcos, ali em cima, ali perto na Maracaju”. Ele tinha problemas de depressão, alcoolismo. E eu fui visitá-lo lá na clínica, e comecei a visitar, adorava bem humorado, conversador como eu, então agente ia pra lá, eu ia pra lá. Iara dizia “vamos lá comigo falar com o Leonardo, dar um apoio a ele” aí eu fui visitando ele e tal, e acompanhando o trabalho dele. (MEMO-28-06-2019)

Leonardo, quando o conheci havia passado por um problema de alcoolismo, uma crise pessoal, então nós ficamos uns dez anos sem vida social, para evitar reuniões que levasse ele a beber, não saímos, não víamos ninguém. E é incrível que as pessoas, mesmo sabendo do problema da pessoa, convidam para esse tipo de reunião. Então eu evitava mesmo e ele concordava, aceitava, porque era bom para ele evitar. (MEMO-06-08-2019)

Nessa década, de 1980, Leonardo voltou a morar em Aracaju por preferir viver em um local mais tranquilo. “Estava rotulado com artista baiano, tenho muito orgulho da Bahia, mas sou artista plástico sergipano”, dizia Leonardo. Nessa época, Profa. Aglaé era diretora do Centro de Criatividade de Aracaju - um espaço que se constituiu num lugar especial de fomento à cultura de Sergipe, voltadas para as

peças da comunidade do bairro Getúlio Vargas, com o objetivo de ocupá-las e prepará-las para o mercado de trabalho – A Profa. Aglaé convidou Leonardo para ser professor nesse Centro, onde, passou a ensinar história da arte promovendo oficinas, cursos e palestras de pintura e xilogravura para jovens, jovens professores de educação artística e adultos. “Leonardo era muito bom professor também, nós tivemos uma experiência quando eu era diretora do Centro de Criatividade e então ele foi pra lá e pra dar aula a jovens, a pessoas adultas [...]” (Entrevista da Prof. Aglaé, 2019).

O autor e diretor teatral Isaac Enéas Galvão, também foi diretor do Centro de Criatividade após a saída da Profa. Aglaé, e relata sobre a participação de Leonardo como professor de arte no Centro de Criatividade durante sua gestão, do prazer que o artista tinha em dividir e transmitir seus conhecimentos, sua arte, acrescenta que essa troca com os alunos alimentava o artista em suas criações:

Ele foi um educador sim, ele gostava de passar técnicas, ele tinha essa coisa da relação com as pessoas. O Centro de Criatividade exercia esta função, capacitar professores de educação artística. A contribuição dele não era só com jovens, mas jovens professores, também. Ele tinha oficinas de desenhos e pinturas e tal, aberto à comunidade em geral, ao pessoal dali, da comunidade, da redondeza, e aberta ao público em geral. Ele tinha prazer em repassar seus conhecimentos, ele dava aula de pintura com maestria, e todo mundo gostava do trabalho dele. Então ele tinha esse prazer, esse dom de repassar esse conhecimento dele. Porque ele seguiu alguns mestres da pintura e ele falava como seguia Jordão de Oliveira, ele seguiu até o Rio de Janeiro, foram amigos, Jordão ensinou muitas técnicas a ele. Então, eu acho que era uma troca, um agradecimento pela vida, pelo talento dele, generosidade dele mesmo. Porque ele era uma pessoa generosa, ele gostava muito de bater papo, conversar, eu acho que era isso, ele tinha esse prazer em transmitir seus conhecimentos e aprender com as pessoas. Então, eu acredito, porque o professor tem que ter esse prazer. Por que, o que mais atrai um professor? O salário? Não é. Porque esse prazer é de troca, de aprender e ensinar, porque é uma coisa recíproca, é um prazer estar ensinando e aprendendo, conversando e conhecendo gente nova. Então era esse prazer de Leonardo. Ali ele gostava de ficar no atelier dele criando, mas ele precisava se alimentar. Ele saía se alimentava com as pessoas, com as conversas com os alunos e voltava para o atelier pra criar a partir dessa força externa que ele recebia das pessoas, esses conhecimentos, das trocas. (Entrevista com Isaac Enéas Galvão, 2019)

O depoimento de Isaac revela algumas dimensões do que se imagina do ser professor de Leonardo. Aparentemente, o artista usava da docência para retroalimentar sua arte a guisa de inspiração. Leonardo retirava das experiências de troca os subsídios de que precisava para continuar o que fazia. Nesse período, Leonardo conheceu Racylda Aragão de Alencar (Cida), sua última esposa. E foi

morar na Rua Arauá, nº 458, no Bairro São José, na casa onde morava antes de ir para Salvador. Juntos, Leonardo e Cida transformaram sua residência em atelier-escola, passou a ministrar cursos de pintura e de história da arte para crianças, jovens e adultos. Nesses cursos atendeu também crianças especiais conforme relato de sua esposa Cida:

Aqui em Aracaju, no retorno dele, nós nos conhecemos em 1982, em 1983 nos casamos no civil, [...] e como a casa é grande, e eu não sou uma mulher de encher uma casa de móveis, mas fiz da minha casa uma escola, na qual ele e eu fomos os professores. Tinha criança de quatro anos à idosos de setenta, sessenta e cinco, oitenta anos. E assim vivemos nossa vida dando esse curso, trabalhamos aqui com surdo, mudos e eles vieram, foram trazidos por Doutora Lygia Maynard da Apada e outras crianças que as escolas mandavam, os psicólogos mandavam com laudo médico, com tudo e fizemos essas aulas aqui por 20 anos, nessa casa. (Entrevista com Cida, 2019)

Em seu depoimento, Eurydice Fontes de Alencar, filha de Leonardo, falou sobre como seu pai se sentia feliz ao dar aulas de arte para crianças autistas:

Olha, eu acho que ele tinha muito prazer em passar, em dividir. Porque a fase que eu presenciei era a fase mais do artista, mas eu peguei um processo assim dele como educador da arte e eu sentia que ele tinha muito prazer, muito prazer em dividir os conhecimentos. Ele nunca se omitiu, em dizer tipo “só eu sei, então não vou passar”. Não, ele tinha prazer em passar. E eu acho que isso, talvez seja uma mola fundamental para o educador. Ele tinha a vaidade do artista, mas ele tinha prazer em dividir os conhecimentos dele. Então, isso, no equilíbrio, é o que dá certo. E eu lembro nos últimos tempos ele dava muita aula particular ali na Rua de Arauá, onde ele morava. Que foi onde ele também teve grande parte da vida, da infância, meus avôs moravam lá. E ele encontrou ainda mais prazer quando ele resolveu dividir o conhecimento com as crianças especiais. Então, ele tinha alguns alunos especiais, crianças. E toda vez que eu conversava com ele, eu percebia que ele tinha esse brilho, como se as crianças entendessem ele melhor do que os alunos. Entendeu? Então, eu percebia isso, ele não me dizia, mas era o que eu entendia quando ele falava toda vez que eu chegava lá. Nos últimos tempos assim, ele dava muitas aulas na Rua de Arauá e ele se dedicou as crianças especiais. Mas falo das crianças especiais, isso trouxe para ele, muito prazer. **Como se elas soubessem, entendesse ele, melhor do que os tidos normais. Tinha menina autista. Ele gostava muito dessa esfera do autismo e ele tinha alunos que ele dizia que eram extremamente inteligentes, que ele diria que eram gênios, pequenos gênios.** Então ele gostava muito de lidar com essas pessoas que às vezes sofrem preconceito, mas para ele, artista, aquelas crianças tinham muito mais a dividir, a doar, a trocar com ele do que os outros. Porque geralmente os autistas, eles vivem num mundo deles, mas eles são gênios em matemática. Em artes no geral, não é? Ele escolhe uma coisa, mas ali eles são superados. Agora, no resto das coisas é um mundo dentro deles. (Entrevista com Eurydice, 2019)

Neste sentido, nota-se que Leonardo encontrou na docência, principalmente com alunos especiais, uma nova forma de transmitir seus conhecimentos. Usando

de sua arte para o desenvolvimento humano. Encontramos na fala de Cida mais detalhes de como eram as aulas de Leonardo com crianças:

Ele abordava todos os temas, da arte infantil, dos livros infantis para as crianças lerem, de Monteiro Lobato, o Pequeno Príncipe, de Alice no País das Maravilhas (*). A gente andava muito por esse caminho, com uma coisa consistente. Até as crianças faziam ilustrações, porque **elas liam o texto, a gente lia para elas e elas faziam as ilustrações, elas crianças ainda, mas faziam. Crianças assim, 6, 8, 10 anos, mas elas faziam. O bom é que era do jeito delas, porque o que nós tentamos aqui foi tirar delas a coisa da televisão que vem pronta, aqueles desenhos animados que vêm prontos, Shrek, o Pica-Pau Amarelo, Tom e Jerry que já vinha com aquelas coisas prontas, e uma babá eletrônica dentro de casa, para o filho poder sentar e a mãe fazer as coisas. A gente tentou tirar isso deles para eles usarem a capacidade deles.** [...] (Entrevista com Cida, 2019)

Como pode ser percebido, Leonardo foi professor de arte não só de Jovens e Adultos, de acordo com os relatos acima, sua sala de aula, em seu atelier-escola, acolhia também crianças de diferentes idades, sem exceções e independentemente das condições físicas e psicológicas. Pode-se dizer que ao receber crianças autistas, deficientes auditivos e visuais, Leonardo exerceu a docência com afinidade com a educação inclusiva, e talvez, sem intenção planejada. E vale ressaltar a importância dessa atuação, principalmente em um período onde ainda, não se discutia sobre a educação inclusiva.

O discurso inclusivo só veio a ser sistematizado a partir de 1990 na Conferência Mundial sobre Educação para Todos (Conferência de Jomtien, Tailândia); e em 1994 na Declaração de Salamanca que trata sobre os princípios, a política e a prática da educação das pessoas com deficiência dentro do sistema regular de ensino. No Brasil, esses debates iniciaram-se em 1996 com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB); em 1999 no Decreto N.º 3.298 que regulamentou a Lei no 7.853/89 que trata da Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência e estabelece a matrícula compulsória, em cursos regulares de escolas públicas e particulares, de pessoas com deficiência, entre outros. (GIL, 2005).

Nesse sentido, a atuação de Leonardo como professor de arte para crianças autistas, deficientes auditivos e visuais, comprovou também a sensibilidade de Leonardo que ao ensinar arte pressentiu como a mesma poderia contribuir para o desenvolvimento cognitivo e social dessas crianças. O ensino através da arte

possibilita as crianças se expressar, a mostrar seus sentimentos, sua evolução mental e intelectual, além de desenvolver coordenação motora, o desenvolvimento dos sentidos e construir sua identidade social. No relato de uma professora da Escola de Belas Artes, Izabel Catarina Suzart Argôlo, em 1980, diz ter participado em um curso de extensão na EBA ministrado por Leonardo:

Eu já era aluna da Escola de Belas Artes, quando soube que ele dava cursos de extensão, de pintura, de pintura sobre tela [...]. Então, eu ouvia muito dos meus professores, de modo geral, que era interessante conhecer outras formas de trabalhar, outras metodologias de trabalho. Então essa oportunidade de estar com Leonardo Alencar, foi perfeita. Por que ele tinha uma maneira de trabalhar diferente dos outros. Além do que, não sei se pelo fato que estava aposentado, afastado, ou se era da natureza dele. Ele era muito calmo, ele tinha muita paciência. E outra coisa que me recordo bem dele, ele não impunha o estilo dele. Ele respeitava a maneira da gente trabalhar. Orientava apenas em termo de composição, de forma, quando ele percebia que o aluno tendia mais pra um trabalho realista, figurativo realista. Então, ele tinha esse domínio, da forma, por que ele já veio de outra geração, então ele estudava bastante, onde se fazia muito desenho figurativo realista e a pintura também. Então, isso sim ficou bem gravado na minha memória. Essa liberdade que ele dava a gente. E tem outra coisa que acho que é importante, quando o aluna gosta do trabalho do professor... Por quê? Imagine? Fazer aula com professor, cujo trabalho você não admira... Então assim, foi uma experiência ótima. Por que, ele tinha paciência, ele tinha um bom trabalho e tinha vontade de ensinar. Ele gostava de ensinar. (Entrevista com Izabel Cristina Suzart Argôlo, 2019)

Conforme reportagem, no Blog Artes Visuais, do Jornalista Reynivaldo Brito, Leonardo foi também professor na Universidade Federal de Sergipe (UFS) em cursos livres em 1975,

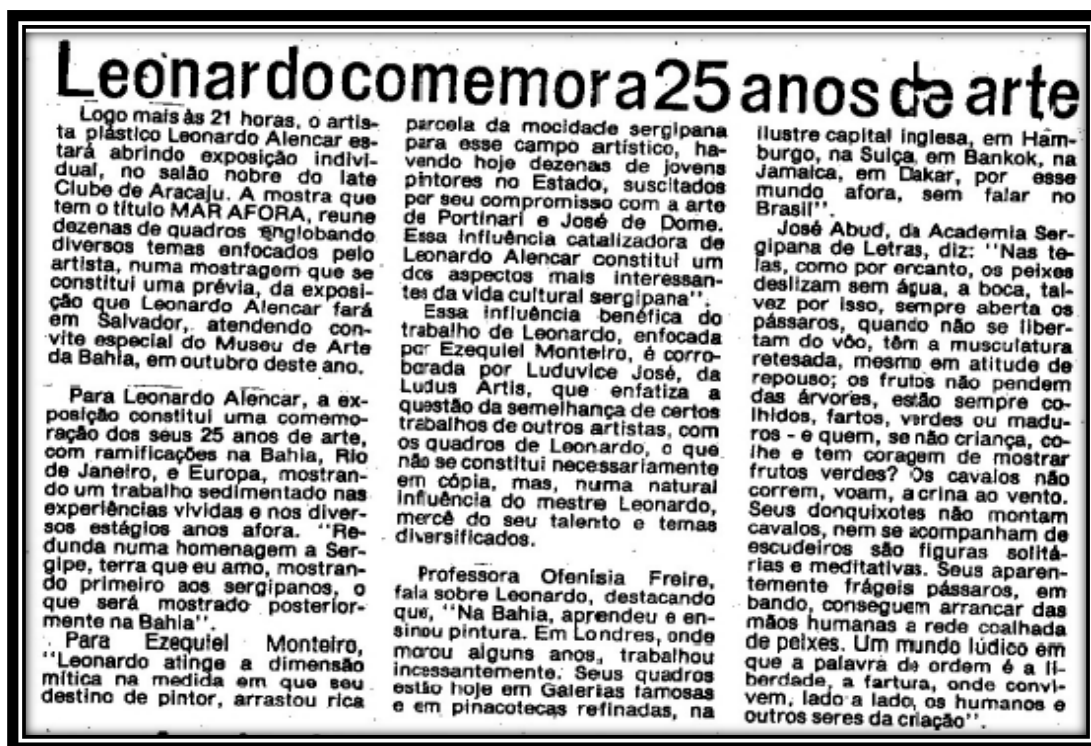
Diz ainda Leonardo Alencar, que também está um pouco ausente da vida artista baiana, porque durante três dias na semana está viajando para Aracaju, atendendo a um chamado da Universidade Federal de Sergipe, onde ministra um curso de Desenho. É um trabalho diz Leonardo Alencar “muito importante porque estou levando para aquele Estado técnicas que muitos não conheciam. Hoje estamos com um grupo que trabalha em continuidade, uma espécie de laboratório onde fazemos pesquisas e estudos”. Leonardo Alencar ministrou por três meses um curso de xilogravura e atualmente ensina desenho e pintura, em regime de atelier livre. Considera este seu trabalho semelhante aquele feito pelo gravador Hansen-Bahia há uns 15 anos atrás. E conclui. “Acredito que a participação do artista não pode ser medida com fronteiras, pois ela tem que ser globalizada. É por isto que estou ainda participando”. (JORNAL A TARDE, 1975, s/p)

Em seu relato Fátima Maria, comentou sobre essas aulas mencionadas na reportagem acima “ele deu umas aulas aqui pelo governo ou pela prefeitura, não me

lembro. Ele vinha dar aula de gravura e de desenho, ele deu vários cursos aqui em Aracaju. Ele vinha de Salvador para aqui”. (Entrevista com Fátima Maria, 2019)

Com base nesses depoimentos e diversos documentos comprobatórios, apresentados acima, Leonardo foi professor tanto na EBA, como na Escola de Teatro da UFBA, na UFS e em diferentes espaços não formais. Talvez não como um professor efetivo, mas foi professor em cursos de extensão, em oficinas, como colaborador trabalhando em regime de salário-aula (de acordo com recibo já apresentado), como professor convidado. Leonardo foi professor convidado por sua competência como artista plástico, por suas experiências de artista renomado nacional e internacional, e por ter sido um especialista em diversas técnicas como desenhista por excelência, gravador em madeira e metal, xilogravador e pintor.

Figura 40 – Exposição *Mar Afora*, 1985



Fonte: Fonte: Acervo on-line da UFS, Jornais de Sergipe.

No recorte do Jornal "Gazeta de Sergipe" (figura 40), ficou registrada a abertura da exposição *Mar Afora*, realizada no dia 06 de julho de 1985, no late Clube de Aracaju. Para Leonardo, a exposição constituiu a comemoração de seus 25 anos de arte. Uma prévia da exposição que seria realizada em Salvador no mês de outubro do mesmo ano, atendendo convite especial do Museu de Arte da Bahia,

como uma homenagem a Sergipe, “terra que eu amo”, falou o artista, mostrando primeiro aos sergipanos o que foi mostrado depois na Bahia.

Nesse recorte, registrou ainda algumas homenagens ao artista, Ezequiel Monteiro e Ludovice José falaram sobre a influência de Leonardo Alencar e de sua arte sobre os jovens artistas sergipanos. Professora Ofenísia Freire, comentou que a arte de Leonardo ultrapassou fronteiras e que hoje estão em “Galerias famosas e pinacotecas refinadas da ilustre capital inglesa, em Hamburgo, na Suíça, em Bankok, na Jamaica, em Dakar, por esse mundo afora e no Brasil”. José Abud descreve a variedade dos temas da mágica arte de Leonardo, concluindo que é “um mundo lúdico onde a palavra de ordem é a liberdade, a fartura, onde convivem, lado a lado, os humanos e os outros seres da criação” (GAZETA DE SERGIPE, 1985).

Figura 41 – Exposição *Leonardo Alencar 30 anos de Arte*, 1990



Fonte: Arquivo Público Municipal de Aracaju-SE – 2019.

No recorte do “Jornal da Cidade” (figura 41), ficou registrada a abertura da exposição *Leonardo Alencar 30 anos de Arte*, na comemoração dos 30 anos de arte do artista plástico, realizada no dia 02 de agosto de 1990, com um *vernissage* na Época Galeria de Arte em Salvador. Nesse recorte, algumas personalidades artísticas e intelectuais sergipanas e baianas homenagearam o artista: o Professor Aldo Tripodi, o escritor Jorge Amado, o industrial e escritor Eurico Amado e a Professora Ofenísia Freire.

Em 2001, Leonardo Alencar ilustrou com xilogravuras (bico de pena) para a Confraria dos Bibliófilos do Brasil, o livro *Galinha Cega, Mansinho e outros bichos* de João Alphonsus (Figura 08). O fundador e presidente da *Confraria*, José Salles Neto, diz, não ter hábito de repetir um ilustrador nas publicações realizadas pela Confraria.

Porém, em 2002, o presidente José Salles e os demais sócios da Confraria, impressionados com o expressionismo das ilustrações de Leonardo, convidaram-no a ilustrar mais uma obra, o livro *Três Novelas da Masmorra*, novelas de Octávio Farias. E oito anos mais tarde em 2013, novo convite, e Leonardo, dessa vez, ilustrou com xilogravuras um livro quase todo seu *Bestiário da Poesia Brasileira* (Figura 09), uma seleção de sonetos brasileiros sobre bichos de diversos autores. Entre os trinta e sete autores se destacam Olavo Bilac, Otacílio de Azevedo e Alphonsus de Guimarães, entre outros. Inclui ainda 60 xilogravuras e o texto *Leonardo Alencar e a arte do avesso*.

Em 12 de junho de 2005, ingressou no Movimento Cultural Antonio Garcia Filho (MAC), da Academia Sergipana de Letras, ocupando a cadeira nº 9. No mesmo ano, houve o lançamento do livro do Prof. Dr. José Anderson do Nascimento, *Metáfora dos Arlequins: as cores na arte de Leonardo Alencar*. A solenidade aconteceu na sede da ASL, e foi abrilhantada com uma *Coletiva de Artes Visuais* da qual participaram os artistas plásticos Caã⁴⁶, Camilo⁴⁷, Carlos Conrado⁴⁸, João Santos⁴⁹, Leonardo Alencar, Nil Cavalcanti⁵⁰, Rodrigo Reis⁵¹ e Valter Santos⁵².

⁴⁶ Ronaldo Gomes de Oliveira Caã, artista plástico filho do também artista plástico José Inácio.

⁴⁷ Anderson Camilo (Aracaju, 1973), Artista visual, produtor cultural, pesquisador de História da Arte.

⁴⁸ José Carlos Conrado da Silva (Jacobina/BA, 1986), radicou-se em Sergipe em 2000. Escritor, Artista Plástico, Designer Gráfico, Ator, Editor e Jornalista.

⁴⁹ João Santos (Capela-SE, 1963), artista plástico.

⁵⁰ Nil Cavalcante, artista plástico, fotógrafo, poeta, compositor e consultor.

⁵¹ Rodrigo Reis Leite, artista plástico e professor da Universidade Federal de Sergipe.

⁵² José Valter Santos, baiano de Adustina. Artista plástico que recebeu o título de Leonardo Alencar, de Pintor das Cachoeiras do Imortal. Pintor, escultor, registrou bustos de grandes personalidades de Sergipe: Zé Peixe, Oviedo Teixeira, Zé Carlos Teixeira, Leandro Maciel entre outros.

Figura 42 – Capa da Revista do PGE, 2009



Fonte: Blog do Artista. Disponível em:
<https://www.flickr.com/photos/leonardoalencar/with/8103742058/>.

Na figura 42, mostra a capa da revista da Procuradoria Geral do Estado de Sergipe (PGE) ilustrada com uma obra de Leonardo Alencar de título *Arlequim e Harpa Mágica*, pintura acrílica sobre tela, de dimensões 1,60m x 2,20m. Uma homenagem do PGE, ao artista plástico em 2009.

Figura 43 - Leonardo Alencar na exposição do lançamento da revista, 2009



Fonte: Blog do Artista. Disponível em:
<https://www.flickr.com/photos/leonardoalencar/with/8103742058/>.

Na figura 43, Leonardo Alencar, no evento do PGE, onde expôs algumas obras no lançamento da revista institucional. Foi lançado também nesse ano, o catálogo de artes *Terra Adentro, Mar Afora: Pinturas e Xilogravuras de Leonardo Alencar*. Uma iniciativa cultural promovida pelo Governo do Estado junto com o Instituto Banese, que publicou catálogos com obras de renomados artistas plásticos sergipanos: José Inácio, Hortência Barreto e Leonardo Alencar.

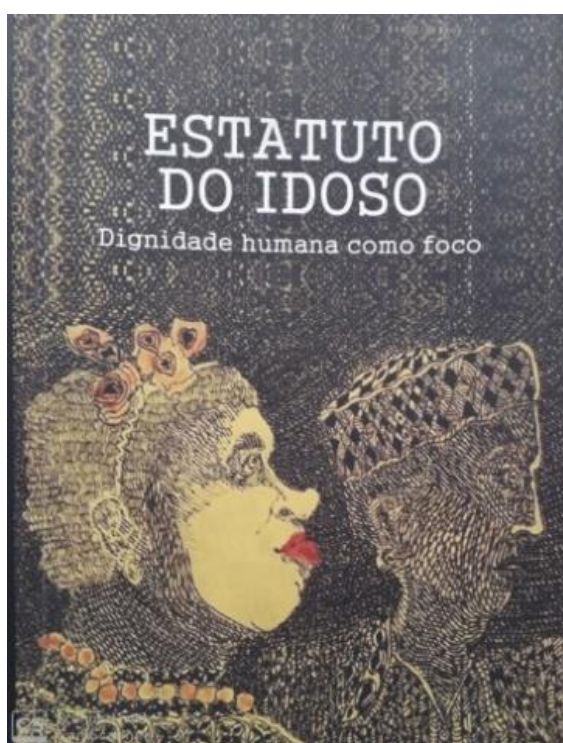
Em 2011, realizou exposição *Terra Adentro, Mar Afora*, na Galeria Manuel Bandeira, situada na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, em comemoração aos seus 70 anos de vida e 51 anos de carreira. Para essa exposição contou com o apoio de diversos órgãos do estado. O artista explicou por que desse título:

Por que esse título? A ideia é que quando em trabalho com algumas figuras que são do teatro, quer dizer, da *Commedia Dell'arte*, que são arlequins, pierrô, a colombine, não é? Os sonhos... Estou trabalhando em terra adentro, no dia a dia, na emoção das pessoas. E o mar afora, é a projeção da exposição por outros países, por outros continentes. Por que essa exposição, ela vai navegar. (ALENCAR, 2011)

O *vernissage* ficou aberto de 16 de junho a 15 de julho, mostrou um pouco das pinturas, dos desenhos e xilogravuras produzidas pelo artista. Estiveram

presente prestigiando esse evento, a Jornalista sergipana Nadja Piauitinga e o procurador e curador Mário Brito, representando o estado de Sergipe. O Procurador descreveu Leonardo Alencar como um turbilhão de criação, que ama o ofício de sua arte, “a obra de Leonardo é completa, há muito que admiro o mestre expressionista e conheço suas diversas faces, todas sempre tão marcantes”. (BRITO, 2010). No dia 31 de janeiro de 2013, tomou posse como integrante do novo Colegiado da Comissão Nacional de Incentivo à Cultura (CNIC) para o biênio 2013/2014, em Brasília no Distrito Federal.

Figura 44 – Capa do Livro *Estatuto do Idoso: Dignidade humana como foco*, 2013



Fonte: Acervo particular de Racylda Aragão de Alencar.

A figura 44 mostra a capa do livro *Estatuto do Idoso: Dignidade humana como foco*, o qual teve a capa do livro ilustrada pelo artista plástico, que representou o estado de Sergipe no lançamento do Estatuto do Idoso. Leonardo foi escolhido por ser um artista genuinamente sergipano, e, sobretudo, por no período, “estar com todo vigor criativo tendo atingido os 73 anos de idade com tamanha excelência, merece todos os aplausos possíveis”, explanou o secretário de Estado dos Direitos Humanos, Luiz Eduardo Oliva. O evento realizou-se em Brasília no Distrito Federal no Lake Side Hotel, no período de 30 de setembro a 02 de outubro, e marcou a comemoração dos dez anos do Estatuto do Idoso. Durante esse evento o artista

realizou a exposição, *Simbologia Lúdica* (Pinturas). Leonardo comentou sobre a importância desse evento,

Fazer essa exposição no encontro é uma grande oportunidade porque infelizmente a ideia que ainda se tem do artista é que quando ele envelhece, ele não é mais capaz de produzir. Com meu trabalho eu posso desmistificar isso. Artista não se aposenta. Perguntou, certa vez, a Picasso qual teria sido a melhor obra da vida dele, e ele respondeu: a próxima. Assim penso e assim todos os idosos devem pensar independente da área em que atuam. (ALENCAR, 2013, s/p)

Essa foi a última exposição que se encontrou registrada no blog do próprio artista. Leonardo Alencar viveu para a sua arte. Encontrou-se no final de sua carreira com um mal chamado “Mal de Parkinson”, mas, nem isso tirou de Leonardo a alegria de exercer sua arte. Conforme a fala de sua esposa Cida “quando pegava no pincel ele era sempre o mesmo artista de sua juventude: inventivo, criativo e incansável com as tintas, a tela e o pincel”.

Figura 45 – Leonardo Alencar. *Paisagem Sergipana*, S/D



Fonte: Blog do Artista. Disponível em:
<https://www.flickr.com/photos/leonardoalencar/with/8103742058/>.

Nessa aquarela, de título *Paisagem Sergipana* (figura 45), o artista retratou as cores do céu, do mar e da vegetação, “[...] minha pintura tem muito a ver com

Sergipe, com as cores do céu de Aracaju, com essa retilineidade das praias. O que seria dos homens, das mulheres, do mundo, se não fosse a arte? Seria viver no deserto”. (ALENCAR, 2016)

Há uma característica curiosa na pintura em aquarela. Papeis frágeis ou finos demais, ao serem pincelados com a tinta aquosa, envergam a folha. Após cada secagem, após cada finalização o mesmo fenômeno se repete. Com o tempo, de tanto envergar, uma extremidade da folha toca na outra. O resultado é um círculo contínuo, infinito, um espaço vazio que despreenche o meio. No entre lugar deste cilindro em forma de luneta, rendada com retalhos de vida, a biografa tentou observar uma certa estrela sergipana, chamada Leonardo Fontes de Alencar.

Toda estrela tem seu fim, mas não depois de viverem diversas fases, assumir inúmeros formatos e brilhar em diversas cores. Pode-se ver a luta, pode-se sentir a nostalgia de amores apaixonantes. Pode-se visitar os corredores das escolas e quase ouvir o sino bater de uma igreja. Pode-se imaginar os bastidores de um teatro repleto de trabalhadores. Pode-se, até mesmo, ouvir o tilintar de taças, o bater de palmas e o dançar das valsas de um palácio em festa. Mas nada, nada se compara a oportunidade de se ter nas mãos esse papel infinito, que agora ousa projetar, ao invés de observar, a contribuição de Leonardo Fontes de Alencar para a educação de novos e futuros artistas sergipanos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao olhar para a trajetória de Leonardo Alencar, observou-se alguns marcos que acabaram por delinear o caminho formativo do artista. Sua família o influenciara indiretamente com um ambiente letrado e criativo. Por este motivo, considera-se que a sua primeira experiência formativa se deu no ambiente familiar, influenciado pela pena poética de seu pai e irmãos.

Na sua formação, temos um menino que desenhava tudo que via pela frente em um caderno. Em sua adolescência, Leonardo resistiu à pressão familiar e convenceu seus pais de seu sonho (ser artista). Fez vestibular, aprovou-se em Direito, mas foi firme em afirmar que “eu sou artista”. Rebelde, viajou para o interior de Alagoas onde encontrou seu primeiro mestre, Barros. Lá, ajudou-o na pintura de uma igreja.

Ainda dentro de seu processo, dependeu totalmente da sua rede de sociabilidade, pois voltou a Sergipe e passou a frequentar o ateliê dos irmãos, Florival e Álvaro Santos e vários outros amigos artistas. Lá, tirou dúvidas sobre pintura e aperfeiçoou sua técnica. Juntamente com seus amigos, desenvolveu seus primeiros trabalhos mais profissionais. Ao mesmo tempo, Leonardo desenvolveu habilidades em cenografia junto às atividades teatrais com a Rádio Cultura.

Após acumular bom portfólio, produzindo com seus amigos, direcionou-se a sua primeira exposição coletiva. Foi a partir da exposição no palácio Olímpio Campos que Leonardo foi reconhecido pela família, iniciou um novo relacionamento, sentiu-se mais seguro. A partir das redes de sociabilidade, construída pelos vínculos e relações de amizade dos seus familiares, esse evento garantiu-lhe excelentes proporções, no livro de visitas da exposição, registrou mais de 3.000 assinaturas entre as quais várias personalidades intelectuais e artísticas sergipanas. Este fato, também marcou a sua projeção nacional, pois foi essa exposição que lançou a sua carreira para fora do estado, diretamente para Salvador. E em seguida para o Rio de Janeiro.

Leonardo, em Salvador, adentra na Escola de Belas Artes por meio de uma bolsa de ajuda de custo. Mas, entrou como aluno livre sem a burocracia de um vestibular, por “saberes notáveis”. Recebera tudo que qualquer aluno recebia na EBA, mas não era matriculado, não se encontrou resposta para respaldar tal ação. Muitos entrevistados não quiseram falar sobre tal fato. Sugere, nesta pesquisa, que

provavelmente a família interferiu para que isso acontecesse e justifica-se pela rede de sociabilidade familiar.

Leonardo conviveu com artistas que sabiam de técnicas que ele almejava aprender. Foi lá a sua grande “escola”. Leonardo, por ser “livre”, pois, não se obrigara as aulas, ganhou a oportunidade de seguir o mando da sua vontade de saber, ao invés da obrigação de dever saber o que a instituição lhe obrigaria, caso fosse um aluno regular. Não é difícil imaginar a especificidade de uma experiência como essa: ao invés de avaliação para passar de ano, avaliações para auto avaliar-se e aprender mais. Estava livre da fatídica obrigação de cumprir os horários, caso não estivesse afim por esse ou aquele motivo. Leonardo foi dono e moldou seu próprio percurso, seguindo os rastros daquilo que ele sempre almejou desde jovem: ser artista.

E tudo aquilo que lhe fazia ser assim, lhe era útil e precioso. O que julgava não ser, simplesmente não era. Leonardo quebrou as regras da academia ao chutar para longe um diploma para se afirmar capaz. Ele simplesmente queria saber mais arte. Apesar disso, estava lá por ser altamente produtivo e era considerado como detentor de uma criatividade única. Estava lá por ser um notável intelectual no que fazia.

Leonardo Alencar é resultado de seu empenho e dedicação para aprender tudo o que pôde na EBA, um espaço social de construção profissional. Na EBA, Leonardo consolidou sua identidade como artista plástico e construiu suas redes de sociabilidade. Expôs individualmente além de Aracaju, Salvador e Rio de Janeiro. Também em Brasília, Curitiba, São Paulo, Recife e Panamá. Foi um dos coordenadores na primeira e segunda Bienal Nacional de Artes Plásticas da Bahia. Nas EBA-UFBA, Leonardo foi aluno e professor nas artes visuais e cenografia. Sob mira dos olhos de espanto de seus colegas, fora escolhido por Ernst Teves, milionário mecenas, para viagem de observação no exterior. Nesta experiência, Leonardo fez um tour artístico por vários países europeus a fim de escolher onde queria estudar. Após escolher, ganhou bolsa de residência em Londres patrocinada pelo empresário e viveu lá por quatro anos, estudou e expôs em várias galerias londrinas, parisienses e alemãs.

As nuances da sua carreira profissional, agora consolidado como artista plástico no exterior, Leonardo retornou para o Brasil com uma bagagem tão grande quanto o seu portfólio. Contudo, após separação com sua primeira esposa, entra em

crise existencial levando-o a um quadro de alcoolismo. Após a reabilitação iniciada com a ajuda de sua família em uma clínica em Aracaju, Leonardo ergue-se e tenta retomar a sua carreira.

Ao estabilizar-se, Leonardo passou a se dedicar a atividade de docência, sendo professor oficinairo no Centro de Criatividade e em diversos outros espaços de educação não formal. Continuou expondo e retomou a rotina de atividades de produção que tinha antes. Casou-se novamente e abriu seu ateliê-escola em sua própria casa. Nesta época, Leonardo ficou afastado aproximadamente por dez anos de todas as suas atividades sociais do passado, para evitar qualquer recaída para o alcoolismo.

Leonardo encontrou na docência a oportunidade de alimentar a sua parte artística. Parece que encontrou aquilo que precisava para se reconectar com uma nova rede de sociabilidade, mas, desta vez, atentou-se para o lado humano e sensível da empatia para com o outro. É nessa fase que o artista alcançou um dos mais altos níveis de maturidade profissional: todo artista e todo profissional chega a seu ápice a partir do momento que ensina o que sabe. Leonardo Alencar começou a atingir o seu nível “Sênior” ao transferir conhecimento. Descobriu o seu prazer em ensinar. Tornara-se professor em essência.

Provavelmente nessa fase descobriu sua afinidade ao ter inúmeras experiências com alunos autistas, surdos e deficientes auditivos. Porém, Leonardo admirava extremamente os autistas. Com a prática das aulas, desenvolveu abordagens para lidar com seus mundos interiores e promover a conexão através da arte. Leonardo se sentia extremamente feliz e se reconhecia na arte de seus alunos, quem sabe tão diferentes ou mal compreendidos quanto ele já fora um dia. Leonardo se reconectara com um pouco do seu passado, resgatando-se, encontrando-se com um pouco de si mesmo a cada vez. Via diante de si pequenos gênios com talentos únicos, e, para eles, Leonardo deu tudo o que um dia recebera. Foi assim que Leonardo Alencar se fez professor, sendo ele um artista plástico.

Durante esse período, Leonardo recebeu várias homenagens e passou a ser reconhecido por alguns acadêmicos. Publicou um catálogo em comemoração aos seus 70 anos de vida e 50 anos de carreira (*Terra Adentro Mar Afora*).

Dentre os mais variados críticos que escreveram sobre sua obra, identificadas na realização dessa pesquisa, são recorrentes os que o identificaram como um expressionista. Clarival do Prado Valadares via em Leonardo um desenhista por

essência e Ivo Vellame admirava especialmente o gravador e xilogravador expressionista que foi Leonardo Alencar. Seus temas preferidos foram os cavalos selvagens e de heróis, os peixes sempre muito criativos e multicoloridos, e ainda muitos pássaros e felinos. E as paisagens? Não só as baianas como também as sergipanas. Os personagens da *Commedia Dell'arte*, que são arlequins, pierrô, a colombina, trabalhou os sonhos e o dia a dia na emoção das pessoas.

Leonardo dá-nos uma lição de arte e de vida. A perseverança. Para um artista, suas mãos são o caminho de sua arte, o entrelugar do encontro entre criatura e criador. Qualquer que seja a dificuldade ou fato que venha a tirar-lhe os seus meios de produção, é de abalar o espírito. Não foi o caso de Leonardo. Apesar de ter sofrido abalos em sua saúde, lutando contra o mal de Parkinson e contra o câncer de pele, o artista plástico se negou a parar. Produziu e continuou produzindo até quando seu corpo lhe permitiu. Apesar dos tremores, quando pintava, não se via qualquer doença, ainda tinha o controle por conta da maestria que adquirira ao longo da vida. Adaptara-se a sua realidade e mantinha-se firme em manter seu mantra de vida: ser artista até quando pudesse ser no mundo.

Quando sua saúde não lhe permitira mais continuar seus trabalhos, deixara por fazer algumas obras que até hoje se encontram em sua casa. Após uma complicação clínica, sofrera falência múltipla dos órgãos devido a uma sepse decorrente de uma cirurgia.

Leonardo concluiu sua existência em outubro de 2016, deitado em seu leito de hospital, fitando sua esposa e dizendo-lhe algo como quem olhava para os olhos do mundo: “Seja feliz minha Cida, eu te amo”.

A história de vida de um artista transcende para além de sua idade. Quando em vida, apresenta diversos níveis e ondas de altos e baixos, transformando qualquer narrativa sobre ele cada vez mais complexa. Traçar os arcos e identificar os caminhos da vida de Leonardo Alencar exigiu tempo e dedicação. Segurar os fios que compuseram sua narrativa foi também uma experiência desafiadora, mas completamente empolgante.

Lidar com os testemunhos dos sujeitos foi de suma importância para navegar sobre as memórias a respeito de Leonardo e desvendar sua projeção nacional e internacional. O homem deixou marcas. Marcas estas que foram resgatadas através dos depoimentos sobre suas vivências.

O desafio de elaborar os personagens de Leonardo – Professor, Pintor, Artista Plástico Expressionista, Boêmio – e de não conhecer seu pensamento apresentou uma dificuldade de não poder ouvir o artista por si mesmo, a não ser por meio de suas obras. Tal dificuldade foi vencida com o ato talvez inevitável de acessar tudo o que fosse possível sobre ele (ao invés dele ou por ele). Sem cartas, sem diários, sem (auto)biografias. No início desta pesquisa, Leonardo não passava de um ser de papel, tinta e reputação. Tudo que se sabia não passava do que se ouvia e do que pouco se lia a respeito, em fragmentos biográficos. Agora, Leonardo é também ser de papel, tinta e educação.

Neste sentido, o método biográfico foi essencial para recuperar, organizar, catalogar e referendar sem medos tudo que se alegou aqui. Foi possível reconstituir a trajetória do até então “artista plástico” e agora artista plástico, professor e intelectual Leonardo Alencar.

Confirmando assim, o pressuposto deste estudo, Leonardo como um Intelectual criador e mediador. Intelectual criador: pela sua alta produtividade artística; “por criar um bem cultural” com sua arte; pelo artista plástico criativo e especialista em várias técnicas que foi, (desenhista, gravador, xilogravador e pintor); pela extensão de sua obra (telas, painéis e murais); e principalmente por criar obras retratando a cultura sergipana. Ao mesmo tempo intelectual mediador: por difundir essa cultura através de sua arte, como exemplo, o trabalho das mulheres rendeiras; pelo professor que foi; e pelas diversas ilustrações em jornais, revistas e livros.

Leonardo sim deixou marcas, fez sua história e galgou seu espaço por meio de sua força de vontade, ou melhor, força de arte. Neste sentido, Leonardo é considerado, pela autora desta pesquisa, como um exemplo de pessoa extraordinária, pois foi dotada de determinação, força e iniciativa para fazer-se na vida, enfrentando os limites, as dificuldades, os medos, as imposições, as crises e as mazelas da vida afim de nunca deixar de ser quem foi, é, e será: artista plástico, intelectual e professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito / Henri Bergson; tradução Paulo Neves. - 2- ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças dos velhos. 3. Ed. – São Paulo Companhia das Letras. 1994.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo Ática, 1985.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa**: método qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. 3. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2010.

COLANGELO, Adriano. 1000. **Anos de Arte**. Regel Editora. Santa Cruz do Sul (RS), 1978.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. Ed. Porto Alegre: Artimed, 2009.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território plural: a pesquisa em história da educação** - São Paulo: Ática, 2010.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade** / Anthony Giddens; tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIL, Marta (Org.). **Educação inclusiva**: o que o professor tem a ver com isso? Rede SACI, São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais Mediadores**: Práticas culturais e ação política. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2016.

HOBBSAWM, Eric. **Pessoas Extraordinárias**: resistência, rebelião e jazz. Tradução de Irene Hirsch, Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. **Um sergipano em Paris**. Revista Manchete, 1971.

NASCIMENTO, José Anderson. **Metáfora dos arlequins**: as cores na arte de Leonardo Alencar, -- Aracaju: Sercore Artes Gráficas, 2006.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**: Algumas reflexões sobre ética na História Oral. Projeto História, São Paulo, n. 15, abr. 1997.

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Ed. Ática, 2010.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura**: biografia e ética. História (São Paulo) v.33, n.1, p. 124-144, jan./jun. 2014.

SZNICK, Valdir. **Tortura**: histórico, evolução, crime. São Paulo: Leud, 1998.

VALLAME, Ivo. Leonardo Alencar, um grande artista sergipano. Salvador Ba.1984.

WILLIAMS, Sheldon. **Um sergipano em Londres**. Art e Antiques Weekli – Gallery. Londres. 1971.

TRABALHOS ACADÊMICOS NO TODO

ARAÚJO, George Emmanuel do Nascimento. **Histórias de Vida e de Formação dos Professores de Ópera**. George Emmanuel do Nascimento Araújo. Orientadora: Vera Maria dos Santos. – Aracaju, 2018.

CAPORALE, Silvia Maria Medeiros. **Escrever e Compartilhar Histórias de Vida como Práticas de (auto) Formação de Futuros Professores e Professoras de Matemática**. / Silvia Maria Medeiros Caporale. Itatiba, 2016.

NETO, Antônio Chagas. **Tornar-se Professor Particular de Violino**: uma pesquisa biográfica. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014.

SANTOS, Luiz Fernando Cajueiro dos. **O Gênero Biográfico no Ensino das Artes Visuais**: a vida e a pintura de José de Dome (1955 – 1981) / Luiz Fernando Cajueiro dos Santos; Tese. Orientadora Josefa Eliana Souza. – São Cristóvão, 2018

CAPÍTULO DE LIVRO

BOURDIEU, Pierre. A ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Mariete de Moraes, AMADO, Janaína. Uso e Abuso da História Oral 8. ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006. p. 183-191.

DUBAR, Claude. Para uma teoria sociológica da identidade. In: **A Socialização**: construção das identidades sociais e profissionais / Claude Dubar: tradução Andreia Stabel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005a, p. 133-156.

DUBAR, Claude. A socialização como incorporação aos habitus. In: **A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais** / Claude Dubar: tradução Andreia Stabel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005b, p. 77-95.

JUNG, Carl Gustav. O bem dotado. In: **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986. Pg. 123 a 132.

SIRINELLI, Jean-François. "Os intelectuais". In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Tradução Dora Rocha. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

ARTIGOS E MATÉRIAS DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 203-233.

GOMES, Ângela de Castro. **Essa gente do Rio...** os intelectuais cariocas e o modernismo. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 6, nº 11, 1993, p. 62-77.

JOVCHELOVITCH Sandra, BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: Bauer, Martin W; Gaskell, George, editores. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes; 2002, p. 90-113.

SIRINELLI, Jean-François. "Os intelectuais". In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Tradução Dora Rocha. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

ARTIGO OU MATÉRIA DE JORNAL ASSINADO

VALLADARES, Clarival do Prado. **O Desenho de Leonardo Alencar**. Jornal Diário de Notícias. Salvador-Ba, 1962.

DOCUMENTOS DE ACESSO EXCLUSIVO EM MEIO ELETRÔNICO

REDES SOCIAIS

MINHA TERRA É SERGIPE. Grupo público. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/259696634059007/permalink/665436476818352/>. acesso em: 30 de out/2019.

ALENCAR, Leonardo Fontes de. Fotos e Videos. @leonardoalencar. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/leonardoalencar/with/8103742058/>. Acesso em: set/2019.

ALENCAR, Leonardo. Painel em Execução para Instituição Cultural de Sergipe 2012. Disponível em: <http://leonardoalencar.formulando.com.br/painel-em-execucao-para-instituicao-cultural-de-sergipe-2012/>. Acesso em mai/2020.

MATÉRIA DE JORNAL ASSINADO

JORNAL DE LAGUNA. **O Peixe na Tradição Cristã**. Disponível em: <https://jornaldelaguna.com.br/o-peixe-na-tradicao-crista/> . Acessado em: 22 de Maio de 2020.

DESTAQUE NOTÍCIAS. Painéis de Leonardo Alencar vão ser restaurados. Disponível em: <https://www.destaquenoticias.com.br/paineis-de-leonardo-alencar-vao-ser-restaurados/> Acesso em: Jan/2020.

INSTITUTO MARCELO DEDA. Governo restaura painel de Jenner Augusto no Teatro Atheneu. Acesso em: 03 out/2019 disponível em: <http://www.institutomarcelodeda.com.br/governo-restaura-painel-de-jenner-augusto-no-teatro-atheneu/> Acesso em: set/2019.

JORNAIS ON-LINE PORTAL UFS. Jornais de Sergipe. Disponível em: http://jornaisdesergipe.ufs.br/browse?type=dateissued&sort_by=2&order=ASC&rpp=20&etal=-1&null=&offset=30700. Acesso em: out/2019.

JORNAL DO DIA. **Sete Maravilhas de Estância**. Disponível em: http://www.jornaldodiase.com.br/noticias_ler.php?id=28707. Acesso em: 12 de Jan/2020.

SITE

PROCURADORIA DO ESTADO – **Artista do mês de Janeiro**: Leonardo Alencar. Disponível em: <https://www.pge.se.gov.br/artista-do-mes-de-janeiro-leonardo-alencar/> Acesso em out: /2019.

RÁDIO CULTURA. **A rádio**. Disponível em cultura675.com.br/page.php?sa=0&pgtit=a-rádio Acesso em: 27 de set/2019.

BRITO, Mario. **Leonardo Alencar, poeta das tintas, pintor das letras**. Revista Cumbuca, nr. 8, dez/2014. p. 13 a 17. e-BOOK. Disponível em <https://segrase.se.gov.br/edise/produto/105/digital>. Acesso em set/2019.

CONFRARIA DOS BIBLIÓFILOS DO BRASIL. **A Confraria**. Disponível em: <http://confrariadosbibliofilos.com.br>. Acesso em set/2019.

CONFRARIA DOS BIBLIÓFILOS DO BRASIL. **Catálogo**. Disponível em: <http://confrariadosbibliofilos.com.br/catalogo>. Acesso em set/2019.

CONFRARIA DOS BIBLIÓFILOS DO BRASIL. **Editoras e Editores de poesia.**

Disponível em:

http://www.antoniomiranda.com.br/editoras_e_editores_de_poesia/confraria_dos_bibliofilos_do_brasil.html. Acesso em set/2019.

SALVADOR HISTÓRIA CIDADE BAIXA. **Um 'cacique" mudando a história.**

Disponível em: <http://salvadorhistoriacidadebaixa.blogspot.com/2016/09/>. Acesso em mai/2020.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA NARRATIVA

PERGUNTAS DA PESQUISA

Perguntas exmanentes:

- Como você conheceu Leonardo – pessoa?
- Pode falar sobre a formação de Leonardo?
- Leonardo dava aula? De arte ou outra disciplina? Onde as aulas eram lecionadas? Era individual ou turma?
- Além das aulas no ateliê quais outros lugares que Leonardo lecionou?
- Como era a visão de Leonardo em relação a sociedade, a arte e a educação?
- Com relação ao cargo publico de Leonardo, como ele exercia esse cargo no Estado?

Perguntas imanentes para a entrevista (Para a fase não gravada);

- Como você via Leonardo?
- Pode falar sobre Leonardo na Bahia e sua formação artística?
- Na sua visão como era Leonardo educador?
- Você pode me explicar mais sobre o assunto “X”?

1. FASE INICIAL

Tópicos de abordagem:

Leonardo Alencar

- Estimular o participante a relatar fatos da vida do Leonardo.
- Abrir espaço para o diálogo com uma frase “Como conheceu Leonardo Alencar? Você pode contar sobre essa história de vida?”

Primeira Parte

- Leonardo Alencar
- Leonardo Alencar e suas aulas (práticas);
- Leonardo Alencar pessoal (relações);
- Leonardo Alencar e a arte;
- Leonardo Alencar na educação;
- Leonardo Alencar e sua formação
- Pensamento de Leonardo Alencar
- Visão de Leonardo sobre arte como instrumento social e cultural;
- Intelectualidade e conhecimentos do Leonardo;

2. NARRAÇÃO CENTRAL

- Não interromper, não intervir, somente encorajamento não verbal para continuar a narração. Esperar para os sinais de finalização (“coda”). Fazer anotações.

3. FASE DE PERGUNTAS (Intercaladas com a fase 2).

- Realizar as perguntas “Que aconteceu então?” Sem dar opiniões; Não discutir sobre contradições; Não fazer perguntas do tipo “por quê?” Ir de perguntas exmanentes para imanentes.

4. FASE CONCLUSIVA

Parar de gravar; São permitidas perguntas do tipo “por quê?”; Fazer anotações imediatamente depois da entrevista:

- Como você via Leonardo?
- Pode falar sobre Leonardo na Bahia e sua formação artística?
- Na sua visão como era Leonardo educador?
- Você pode me explicar mais sobre o assunto “X”?

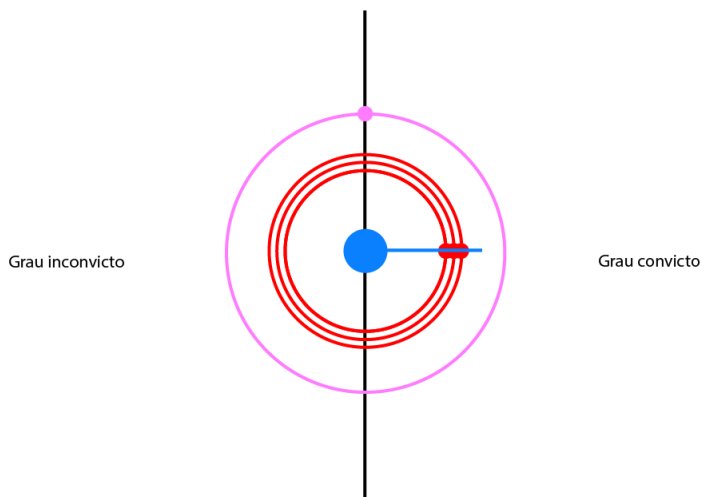
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO

- 1 – Quem era o Leonardo Fontes Alencar, no aspecto pessoal?
- 2 – Como pessoa ligada a arte e a cultura como definiria Leonardo Alencar?
- 3 – Pode-se dizer que Leonardo Alencar foi um representante da cultura sergipana?
- 4 – Leonardo Alencar foi um artista plástico ou pode-se dizer que foi também um educador?
- 5 – Pode descrever Leonardo Alencar enquanto professor?
- 6- Você o considerava um intelectual?

- 7 – O que poderia me relatar sobre a passagem de Leonardo pela Bahia? (ele foi o tempo todo artista-professor, ou exerceu outra profissão?)
- 8 – Qual foi a ligação do Leonardo com o colégio Atheneu?
- 9 - Fale um pouco de sua convivência, e/ou algum momento marcante vivido ou presenciado desse artista.

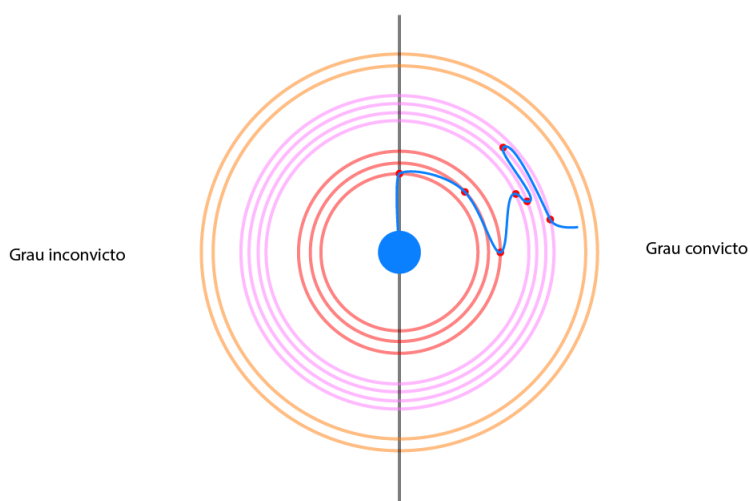
APÊNDICE C - DISPOSIÇÃO DE GRÁFICOS DE CONVICÇÃO

Estudo da convicção da afirmação "Leonardo Alencar superou o alcoolismo causado após uma crise pessoal."



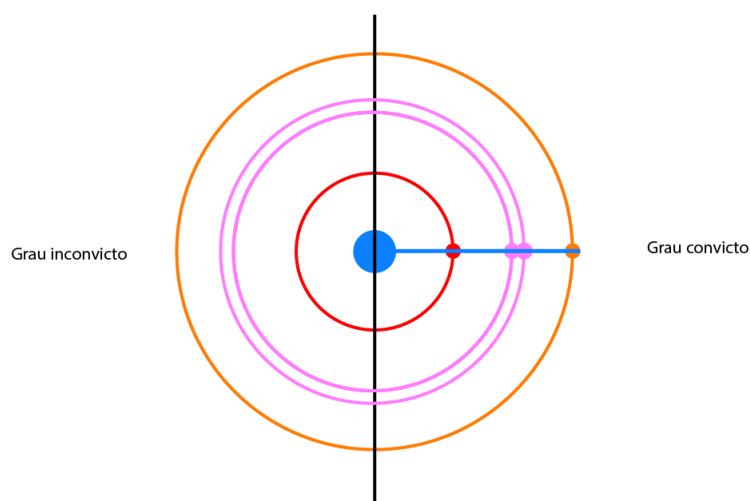
- Curva da história gerada a partir de documentos pessoais (jornais, revistas e ofícios);
- Curva da história gerada a partir de textos já biografados;
- Curva da história gerada a partir de memórias dos entrevistados;
- Eixo de precisão (alvo);
- Curva de alinhamento da narrativa.

Estudo da convicção da afirmação "Leonardo Alencar estudou na escola de Belas Artes na Universidade Federal da Bahia"



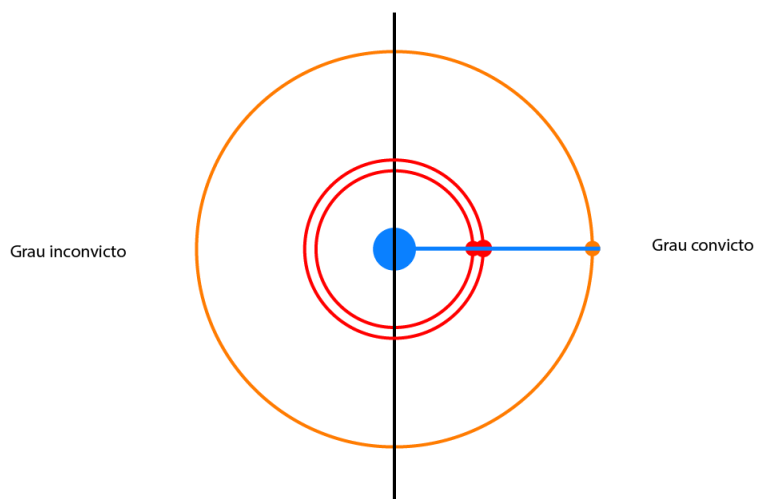
- Curva da história gerada a partir de documentos pessoais (jornais, revistas e ofícios);
- Curva da história gerada a partir de textos já biografados;
- Curva da história gerada a partir de memórias dos entrevistados;
- Eixo de precisão (alvo);
- Curva de alinhamento da narrativa.

Estudo da convicção da afirmação "Em Salvador, Leonardo conviveu entre artistas e intelectuais como Vinícius de Moraes e Jorje Amado"



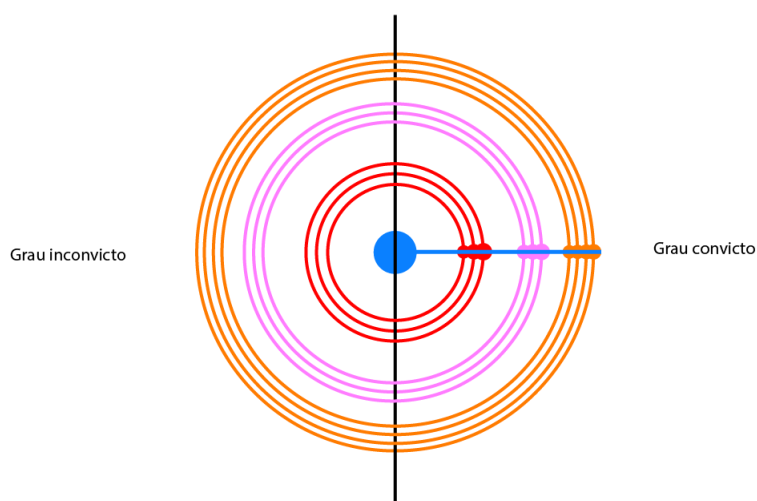
- Curva da história gerada a partir de documentos pessoais (jornais, revistas e ofícios);
- Curva da história gerada a partir de textos já biografados;
- Curva da história gerada a partir de memórias dos entrevistados;
- Eixo de precisão (alvo);
- Curva de alinhamento da narrativa.

Estudo da convicção da afirmação "Em seu tempo de estudante na Escola de Belas Artes, Leonardo era um Boêmio".



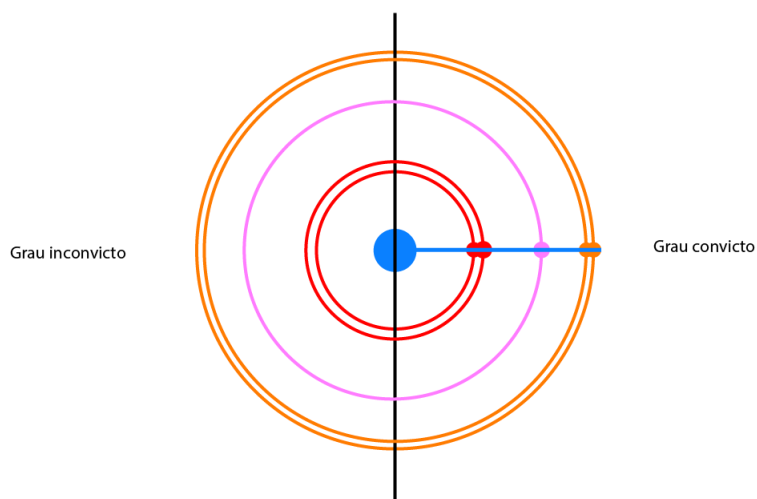
- Curva da história gerada a partir de documentos pessoais (jornais, revistas e ofícios);
- Curva da história gerada a partir de textos já biografados;
- Curva da história gerada a partir de memórias dos entrevistados;
- Eixo de precisão (alvo);
- Curva de alinhamento da narrativa.

Estudo da convicção da afirmação "Leonardo foi coordenador da Segunda Bienal da Bahia em 1966 e 1968".



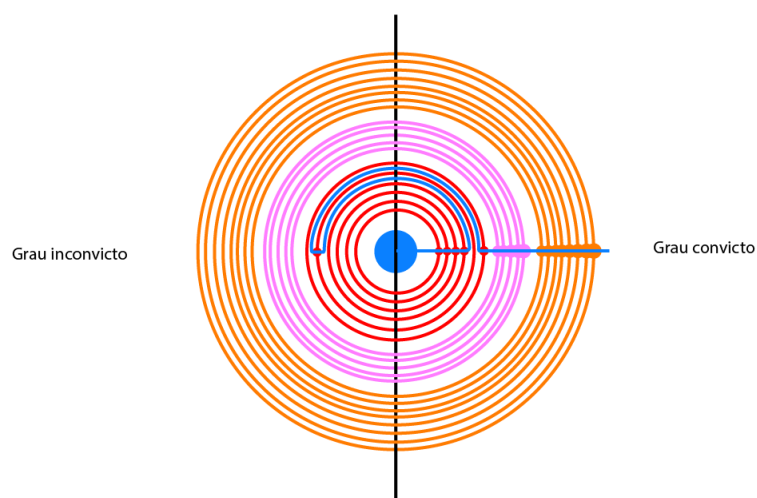
- Curva da história gerada a partir de documentos pessoais (jornais, revistas e ofícios);
- Curva da história gerada a partir de textos já biografados;
- Curva da história gerada a partir de memórias dos entrevistados;
- Eixo de precisão (alvo);
- Curva de alinhamento da narrativa.

Estudo da convicção da afirmação "O empresário mercenas Ernest Teves patrocinou Leonardo para realizar Viagens para a Europa".



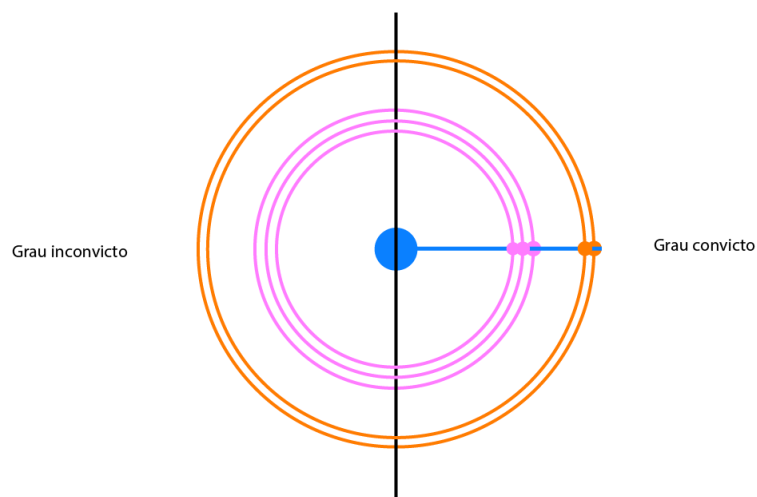
- Curva da história gerada a partir de documentos pessoais (jornais, revistas e ofícios);
- Curva da história gerada a partir de textos já biografados;
- Curva da história gerada a partir de memórias dos entrevistados;
- Eixo de precisão (alvo);
- Curva de alinhamento da narrativa.

Estudo da convicção da afirmação "Leonardo foi professor".



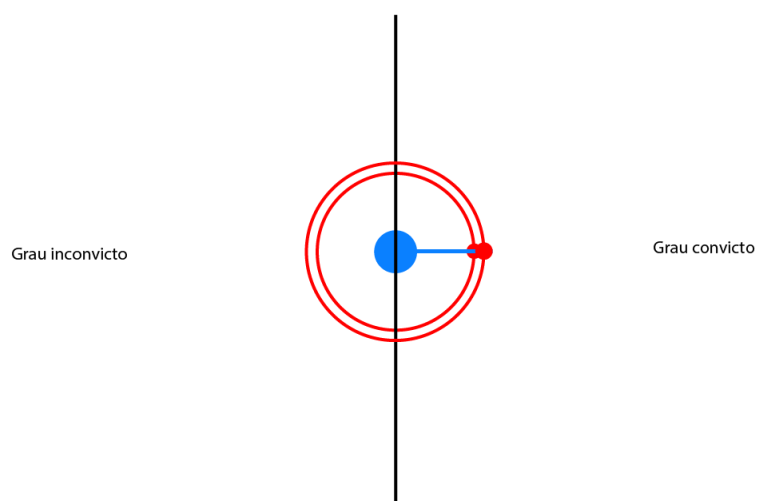
- Curva da história gerada a partir de documentos pessoais (jornais, revistas e officios);
- Curva da história gerada a partir de textos já biografados;
- Curva da história gerada a partir de memórias dos entrevistados;
- Eixo de precisão (alvo);
- Curva de alinhamento da narrativa.

Estudo da convicção da afirmação "Leonardo, em 2005, ingressou para o movimento cultural Antônio Garcia (MAC) da Academia Sergipana de Letras".



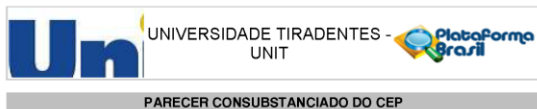
- Curva da história gerada a partir de documentos pessoais (jornais, revistas e officios);
- Curva da história gerada a partir de textos já biografados;
- Curva da história gerada a partir de memórias dos entrevistados;
- Eixo de precisão (alvo);
- Curva de alinhamento da narrativa.

Estudo da convicção da afirmação "Leonardo, nos últimos anos, foi acometido pelo Mal de Parkinson".



- Curva da história gerada a partir de documentos pessoais (jornais, revistas e ofícios);
- Curva da história gerada a partir de textos já biografados;
- Curva da história gerada a partir de memórias dos entrevistados;
- Eixo de precisão (alvo);
- Curva de alinhamento da narrativa.

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

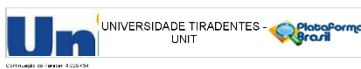
Título da Pesquisa: LEONARDO FONTES ALENCAR NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO SERGIPIANA
Pesquisador: NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES
Área Temática:
Versão: 2
CAAE: 20059319.0.0000.5371
Instituição Proponente: SOCIEDADE DE EDUCACAO TIRADENTES SIS LTDA
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.028.434

Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa tem como foco um estudo sobre o artista plástico e professor, Leonardo Fontes Alencar, que foi considerado um artista inovador de grande contribuição para a história da educação sergipiana. Trata-se de uma biografia que apresenta a trajetória desse personagem a partir do marco temporal compreendido entre 1940 – 2016 (nascimento e falecimento, respectivamente). Toma-se como objeto de estudo a formação/atuação docente de Leonardo Fontes Alencar no contexto da sociedade sergipiano-baiana. E tem como questões norteadoras: como se deu a formação de Leonardo Alencar? Como ele se tornou professor, e como se deu esse processo sendo ele um artista plástico? Qual foi a sua contribuição para a História da Educação em Sergipe? Com o intuito de responder a tais inquietações o objetivo geral dessa pesquisa é compreender quem foi Leonardo Fontes Alencar, colocando em discussão suas contribuições para a educação sergipiana. Tendo como objetivos específicos: compor a trajetória de vida de Leonardo Fontes Alencar e identificar como se deu o seu processo de formação; analisar a atuação do artista e professor Leonardo Alencar e a sua contribuição para a educação. O estudo consiste em uma pesquisa de abordagem qualitativa fundamentada nos pressupostos teóricos do gênero biográfico, conforme estudos de Vavy Pacheco Borges (2014). Para tanto, tem-se como procedimento metodológico investigar e mapear os vestígios sobre Leonardo Alencar, consultando fontes diversas: visitas aos arquivos públicos e Institutos para fazer investigação documental, visitar galerias de artes, museu e bibliotecas para fotografar as obras a respeito do artista Leonardo

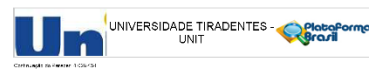


Alencar:
 Investigar o arquivo da Universidade Federal da Bahia (UFBA) para buscar informações sobre a formação acadêmica do artista e sobre a formação docente nessa Universidade. Serão realizadas cinco entrevistas com pessoas do meio artístico familiar (ex: esposa, filha, irmão e ex-colega), análise, em áudio e conteúdo, de materiais de identificar as representações que eles têm sobre o artista Leonardo Alencar quanto à sua atuação como educador e artista, com utilização de questionários semiestruturados. Espera-se ao fim desse estudo documentar as contribuições de artista plástico e professor Leonardo Alencar como um intelectual mediador e/ou intelectual criador na história da educação sergipiana.

Objetivo da Pesquisa:
Objetivo Primário:
 Compreender quem foi Leonardo Fontes Alencar, colocando em discussão suas contribuições para a educação sergipiana.
Objetivo Secundário:
 Compor a trajetória de vida de Leonardo Fontes Alencar e identificar como se deu o seu processo de formação. Analisar a atuação do artista e professor Leonardo Alencar e a sua contribuição para a educação.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
Riscos:
 A realização de uma pesquisa com seres humanos, sobretudo, quando envolve as experiências dos participantes, é passível de risco. Quanto aos riscos, a investigação não se propõe a causar qualquer dano físico, psicológico ou financeiro, nem a obter informações que possam ser utilizadas, exceto as de ordem pedagógica, e serão administradas de comum acordo com os sujeitos, sendo passíveis a sua vontade. A qualquer momento o voluntário poderá desistir de sua participação e os dados fornecidos só serão publicados com sua autorização.
Benefícios:
 O produto desta investigação será uma Dissertação de Mestrado que será socializada durante e posteriormente a investigação com os sujeitos e procedendo como benefício contribuir para o campo da educação, especificamente com a educação sergipiana, ao resgatar o artista e professor Leonardo Fontes Alencar na cultura sergipiana em relação às pesquisas educacionais e culturais e

Endereço: Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo
Bairro: Bairro Farolândia **CEP:** 49.032-490
UF: SE **Município:** ARACAJU
Telefone: (79)3218-2206 **Fax:** (79)3218-2100 **E-mail:** cep@unit.br



atitudes de sua época. Segundo seix, leucenas:
 com relação a esses estudos sobre importantes personalidades da história sergipiana

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
 O projeto de pesquisa apresenta as vantagens de riscos e benefícios de forma adequada, de acordo com a Resolução CNS nº 466/12.

Considerações sobre os Termos de Apresentação Obrigatória:
 As documentações foram inseridas correlatamente e encobertas as cartazes e anexadas conforme as normas deontológicas na Resolução CNS nº 466/12.

Recomendações:
 Solicitamos atenção na adequação de concepção do projeto de pesquisa em relação às suas autorizações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadéquações:
 Não há pendências ou inadequações para este projeto de pesquisa.

Considerações Finais e Critério do CEP:
 Não há pendências em relação ao projeto submetido. F. R. Toma de nota.

O CEP informa que de acordo com a Resolução CNS nº 466/12, Diretrizes e normas XI. 1. A responsabilidade do assessorador é indelével e individual e compreende os aspectos éticos e legais e XI. 2. XI.7. Cabe ao pesquisador, ao apresentar o protocolo devidamente preenchido ao CEP ou à CONEP, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, elaborar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, quando necessário, do pesquisador e/ou do participante (quando aplicável) e assinar os respectivos parciais e final. O assessorador deve validar pelo CEP ou pela CONEP, a qualquer momento, o manter as regras da pesquisa em arquivo físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. O encerrar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados, o ao pessoal técnico integrante do projeto, e, 3) justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Para os projetos que receberem o parecer "PENDEnte", o pesquisador terá um prazo de 30 dias para processar os ajustes e reencaminhar os documentos para o CEP/UNIT. Findo este prazo o projeto será arquivado pelo CEP/UNIT, e desta forma o pesquisador deverá realizar um novo procedimento de submissão.

Endereço: Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo
Bairro: Bairro Farolândia **CEP:** 49.032-490
UF: SE **Município:** ARACAJU
Telefone: (79)3218-2206 **Fax:** (79)3218-2100 **E-mail:** cep@unit.br

Endereço: Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo
Bairro: Bairro Farolândia **CEP:** 49.032-490
UF: SE **Município:** ARACAJU
Telefone: (79)3218-2206 **Fax:** (79)3218-2100 **E-mail:** cep@unit.br



Continuação do Parecer: 4.028.434



Continuação do Parecer: 4.028.434

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1354280.pdf	11/11/2019 19:17:19		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DeclaraçaoInfraestruturaCCriatividademodificado.pdf	11/11/2019 18:51:23	NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES	Aceito
Outros	Respostaparecer.pdf	11/11/2019 18:16:35	NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DeclaraçaoInstituicaoEBAmofidicad.pdf	11/11/2019 18:14:13	NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DeclaraçaoInfraestruturaEBAmofidicad.pdf	11/11/2019 18:13:36	NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DeclaraçaoInstituicaoCCriatividademodificado.pdf	11/11/2019 16:39:38	NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DeclaraçaoInstituicaoAcadLetrasmodificado.pdf	11/11/2019 16:38:40	NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DeclaraçaoInfraestruturaAcadLetrasmodificado.pdf	11/11/2019 16:38:03	NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DeclaraçaoInstituicaoUnitmodificado.pdf	11/11/2019 16:37:30	NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhado.pdf	11/11/2019 16:36:33	NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLÉmodificado.pdf	11/11/2019 16:35:41	NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES	Aceito
Folha de Rosto	Folhadestromodificado.pdf	11/11/2019 16:32:24	NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES	Aceito
Outros	ROTEIRODEENTREVISTANARRATIVA.pdf	13/08/2019 09:45:16	NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES	Aceito
Outros	RoteirodeEntrevista.pdf	24/07/2019 19:08:24	NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES	Aceito
Outros	CartaCessao.pdf	24/07/2019 19:05:54	NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Autorzacaopesquisador.pdf	24/07/2019 19:02:39	NATALINA BISSARO SIQUEIRA CHAVES	Aceito

Situação do Parecer:
 Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
 Não

ARACAJU, 14 de Maio de 2020

Assinado por:
ADRIANA KARLA DE LIMA
 (Coordenador(a))

Endereço: Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo
Bairro: Bairro Farolândia **CEP:** 49.032-490
UF: SE **Município:** ARACAJU
Telefone: (79)3218-2206 **Fax:** (79)3218-2100 **E-mail:** cep@unit.br

Endereço: Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo
Bairro: Bairro Farolândia **CEP:** 49.032-490
UF: SE **Município:** ARACAJU
Telefone: (79)3218-2206 **Fax:** (79)3218-2100 **E-mail:** cep@unit.br

ANEXO B

GAZETA DE SERGIPE

Sergipe, 07, 08 e 09 de julho de 1986, pág. 2

Exposição de Alencar agrada



Leonardo Alencar

— É grande a emoção em ver peças admirando, discutindo, questionando e se envolvendo com a arte. A declaração é do artista plástico Leonardo Alencar, comentando a abertura da sua exposição individual, ocorrida na última sexta-feira, no late Clube de Aracaju.

Para Leonardo, 25 anos de exposições representou uma investida pelas veredas da arte, adentrando nos diversos caminhos que ela propicia, e os diversos mundos que mobiliza, trazendo a experiência de trilhas percorridas, experiências arrojadas nos escaninhos do pincel, da forma, da luz, do movimento, debruçando o espírito sobre o trabalho, para se conseguir plasmar o real, o irreal, na dimensão ótica de cada ser, de cada motivo.

"Esta mostra, é uma prévia especial do seu diretor, artista Luiz Jaamim, que acontecerá de 27 de outubro a 7 de novembro. Além disso, desde 1º de julho, que estamos como artista destaque no Museu de Arte Moderna da Bahia, até o dia 15 de outubro. É o carinho da Bahia para comigo, terra onde vivi e projetai o meu trabalho para o mundo".

Segundo Luduvice José, da Ludus Artis Galeria — que apoia a exposição —, a comunidade ocorreu madra para prestigiar o Leonardo. Políticos, intelectuais, jornalistas, artistas, a sociedade enfim, transformaram o salão nobre do late, numa festa, dado o grande número de pessoas presentes, ouvindo a musicalidade de Maria Olívia, ao órgão, e admirando e adquirindo os trabalhos do artista, numa demonstração de bom gosto e de cultura.

Setenta e oito trabalhos, entre quadros, painéis e desenhos, compõem a exposição, que conseguiu aglutinar o pensamento unânime dos presentes, ante admirados e surpresos diante de tantos trabalhos do artista, que não se cansavam de elogiar a grandiosidade do talento de Leonardo Alencar, um mestre, segundo eles, que vem marcando decisivamente a vida artística sergipana, transmitindo para os artistas sergipanos, uma influência altamente benéfica.

A exposição prosseguirá até o dia 25 do corrente, numa promoção do late Clube de Aracaju, que segundo o seu Comodoro Viana de Assis, marca o início de promoções artísticas na sua administração, garantindo que outras mostras virão, proporcionando ao associado, não apenas o lazer, mas a cultura, através da arte.

Fragmentos retirados em manipulação digital. Fonte: www.jornaisdesergipe.ufs.br | Repositório de jornais on-line da Universidade Federal de Sergipe.

ANEXO C

Leonardo comemora 25 anos de arte

Logo mais às 21 horas, o artista plástico Leonardo Alencar estará abrindo exposição individual, no salão nobre do Iate Clube de Aracaju. A mostra que tem o título MAR AFORA, reúne dezenas de quadros englobando diversos temas enfocados pelo artista, numa montagem que se constitui uma prévia, da exposição que Leonardo Alencar fará em Salvador, atendendo convite especial do Museu de Arte da Bahia, em outubro deste ano.

Para Leonardo Alencar, a exposição constitui uma comemoração dos seus 25 anos de arte, com ramificações na Bahia, Rio de Janeiro, e Europa, mostrando um trabalho sedimentado nas experiências vividas e nos diversos estágios aos afóra. "Realizada numa homenagem a Sergipe, terra que eu amo, mostrando primeiro aos sergipanos, o que será mostrado posteriormente na Bahia".

Para Ezequiel Monteiro, "Leonardo atinge a dimensão mítica na medida em que seu destino de pintor, arrastou rica

parcela da mocidade sergipana para esse campo artístico, havendo hoje dezenas de jovens pintores no Estado, suscitados por seu compromisso com a arte de Fortinari e José de Domo. Essa influência catalizadora de Leonardo Alencar constitui um dos aspectos mais interessantes da vida cultural sergipana."

Essa influência benéfica do trabalho de Leonardo, enfocada por Ezequiel Monteiro, é corroborada por Ludvíce José, da Ludus Artis, que enfatiza a questão da semelhança de certos trabalhos de outros artistas, com os quadros de Leonardo, e que não se constitui necessariamente em cópia, mas, numa natural influência do mestre Leonardo, mercê de seu talento e temas diversificados.

Professora Cleonisia Freira, fala sobre Leonardo, destacando que, "Na Bahia, aprendeu e ensinou pintura. Em Londres, onde morreu alguns anos, trabalhou incessantemente. Seus quadros estão hoje em galerias famosas e em pinacotecas refinadas, na

Ilustre capital inglesa, em Hamburgo, na Suíça, em Bankok, na Jamaica, em Dakar, por esse mundo afora, sem falar no Brasil".

José Abud, da Academia Sergipana de Letras, diz: "Nas terras, como por encanto, os peixes deslizam sem água, a boca, talvez por isso, sempre aberta os passaros, quando não se libertam: do vôo, têm a musculatura retesada, mesmo em atitude de repouso; os frutos não pendem das árvores, estão sempre colhidos, fartos, verdes ou maduros - e quem, se não criança, conhece e tem coragem de mostrar frutos verdes? Os cavalos não correm, voam, a crina ao vento. Seus donquixotes não montem cavalos, nem seacompanham de seculidros são figuras solitárias e meditativas. Seus apertadamente trágicos passaros, sim bando, conseguem arrancar das mãos humanas e rede coalhada de peixe. Um mundo ludico em que a palavra de ordem é a liberdade, a fartura, onde correm, lado a lado, os humanos e outros seres da criação".

Fragmentos retirados em manipulação digital. Fonte: www.jornaisdesergipe.ufs.br | Repositório de jornais on-line da Universidade Federal de Sergipe.

ANEXO D

<h1>O NORDESTE</h1> <p>ORGÃO DO P. T. B. NO ESTADO DE SERGIPE Diretor-Proprietário: FRANCISCO DE ARAÚJO MACEDO Diretor-Superintendente: ORLANDO MILITÃO DE ARAÚJO — Gerente: A. MOREIRA Redator-Chefe: NUNES MENDONÇA</p>	<p>Os Ideais da Revolução de 30 continuam</p>  <p>O PTB é uma Revolução Em Marcha</p>	
ANO IX	Aracaju, Quarta-feira, 1 de Abril de 1964	N.º 1136

Exposição Coletiva de Arte

No dia 29 do mês p.p., no salão de palácio Olímpio Campos, onde funcionava a Secretaria da Justiça e Interior, realizou-se a abertura solene de Exposição Coletiva de Arte, promovida por ilustres pintores conterrâneos, com o espólio do Sr. Governador do Estado.

A Exposição Coletiva de Arte, que estará franqueada ao público até o dia 29 do corrente, ostenta trabalhos de 13 artistas sergipanos, sendo 56 pinturas e 15 desenhos.

Integraram a Comissão Organizadora da Exposição, os pintores Alvaro Santos, Florival Santos e Leonardo de Alencar.

É pensamento da Comissão Organizadora promover a realização de conferências sobre arte, no recinto da Exposição, em dias e horas que serão previamente anunciados, para o que já foram convidados alguns intelectuais patricios, tendo sido o nosso Redator-Chefe, Professor Nunes Mendonça, solicitado a falar sobre o tema: «Arte e Educação».

Merece ser louvado o esforço e o idealismo dos artistas sergipanos que, vencendo a indiferença do meio ambiente, se afirmam cada vez mais, com ousadas, no plano da Arte e da Cultura;

Fragmentos retirados em manipulação digital. Fonte: www.jornaisdesergipe.ufs.br | Repositório de jornais on-line da Universidade Federal de Sergipe.